NA ESPUMA DAS ONDAS

Yara Sarmento



Novembro 2009

Através dos sonhos e da realidade dos dias, o deus nos faz renascer, nos transforma, apresenta-nos à "loucura sagrada".

Filho de Sêmele e Zeus, é o condutor dos peregrinos a Elêusis, ao culto à Deméter, a senhora dos mistérios.

O deus nos liberta, nos impulsiona e nos conduz pra ânsia, pro prazer de viver.

O deus nos ama, nos resgata, como fez com Ariadne em Naxos.

Embriagados com o vinho que jorra da boca do deus, queremos ir e vamos nas trilhas abertas por Dioníso – o do teatro - pra, quem sabe, vislumbrarmos alguma coisa sobre os mistérios do existir.

Hermes traz a mensagem: escrevermos sobre o que pensamos, sentimos e aprendemos, pode ser o começo.

Às minhas famílias Gomes Moreira / de Moraes Sarmento.

Aos amigos – muito amados - sempre presentes.

Aos – queridos - companheiros de trabalho e militância.

Às pessoas que – com aleivosia – me despertaram à luta.

(Ésquilo: "Sofrer para Aprender").

A todos ofereço este trabalho.

A todos agradeço imensamente.

Meus agradecimentos, em especial, à Bia Lanza, Vitória Sahão, Bia Reiner e Celinha Polydoro – amigas do coração – pela idealização, elaboração, digitação e divulgação do blog "Sobre e Para Yara Sarmento", em 2007.

O projeto, à época, foi destinado à integrar o acervo do Setor de Preservação e Memória do Centro Cultural Teatro Guaíra – CCTG.

Também, às amigas queridas Rosirene Gemael, Jane D'Avila, pelo inestimável apoio.

Igualmente à Lu Rufalco e Marisa Villela.

Obrigadíssima à querida Mônica Drummond Braga que, com base no blog, teve a ideia e me estimulou a reunir as minhas *escrevinhações* no propósito de publicá-las.

Infelizmente, nosso projeto – literatura / artes cênicas - não teve acolhimento na comissão responsável pela área, no que se refere à Lei Municipal de Incentivo à Cultura.

Outros amigos sugeriram que fizesse um "livro digital". Aqui está.

Neste livro constam: monólogos; monólogo com narração; conto pra ser dramatizado; crônicas; peça teatral; roteiro/texto pra curta-metragem ou teleteatro; entrevistas e depoimentos.

- "Mulheres = Despertar Existir".
- "Eva".
- "Lillith".
- "Maria Rosa".
- "Hatchepsut".
- "Jezabel".
- "O Parto da Aranha Morta".
- "Machina Fatalis Clitemnestra / A Propósito de ...".
- "Histórico".
- "A Porta para o Nada".
- "Bate/Rebate".
- "A Senhora no Andor".
- "Via Crucis".
- "Por quê?"
- "Horroroso".
- "Momo".
- "As Filhas de Lot".
- "Convite à Reflexão".
- "Troféu Gralha Azul".
- "Barreado de Antonina".
- "As Irmās".
- "Depoimentos".



Com este delicioso blood mary, brindo e agradeço com emoção, com carinho a generosidade dos amigos que fizeram seu depoimento (EXAGERADOS!!!).

Abraço/Beijo

Yara

MULHERES = DESPERTAR – EXISTIR

À Odelair Rodrigues, Gilda Elisa, Regina Vogue, Claudete Pereira Jorge, Enéas Lour, Fátima Ortiz e Neiva Camargo Iovanovitchi.

As entidades e as pessoas que trabalham pela igualdade da mulher, além das recomendações – importantes – voltadas à esclarecê-las sobre seu dia a dia, devem destacar mais que tudo em seu discurso, a todos os segmentos sociais, sobre a urgente necessidade do ESTUDO/ESCOLA: conhecimento – e do TRABALHO: libertador.

Devem insistir sobre a questão fundamental da INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA. Ressaltando ainda a importância, nos dias que correm, do PLANEJAMENTO FAMILIAR.

Devem mostrar o quanto é essencial a informação, o desenvolvimento do raciocínio, a consciência política. O saber e exigir seus DIREITOS DE CIDADANIA, sem deixar pra segundo plano seus DEVERES DE CIDADANIA.

Sempre: pensar, agir e reagir.

A educação e a formação da mulher devem passar pela percepção nítida dos limites que devemos observar, já que vivemos em conjunto. Nossos direitos acabam quando começam os de outros.

Há que lembrá-las que casamento não é emprego. Não é vitalício. A vida pode mudar quando menos se espera, às vezes, levando-nos às fossas abissais onde iremos direto pro estômago do tubarão martelo.

Devem alertar a mulher e procurar fazê-la ver, com clareza, que a paz e a felicidade começam com a dignidade pessoal e profissional, com o respeito por todos os seres deste planeta.

Partindo daí – mesmo com os altos e baixos normais do cotidiano – as relações com a família, com os amores, os filhos, os amigos, os companheiros de trabalho, as pessoas, afirmam-se prazerosas e enriquecedoras pra todos.

Em 2000, atrizes veteranas: ODELAIR RODRIGUES, REGINA VOGUE, GILDA ELISA, CLAUDETE PEREIRA JORGE e esta que vos escreve, sonharam em encenar uma peça teatral que falasse sobre MULHERES. Seu papel no mundo.

Seria a nossa pequena contribuição pra necessária transformação do *modus vivendi*, ainda assombroso, do sexo feminino no início do século XXI.

Chamamos ENÉAS LOUR pra discutirmos a ideia. A montagem seria dirigida por FÁTIMA ORTIZ.

Fizemos várias reuniões – animadíssimas – na casa de Regina.

Por proposta de Enéas tentamos, cada uma de nós, escrever alguma coisa que pudesse dar frutos e liga. Enéas, como dramaturgo, seria o responsável pelo acabamento, pela carpintaria teatral do resultado das nossas escrevinhações.

Demos ao grupo o título de "AS DELICIOSAS CÊNICAS".

O empolgamento das cinco atrizes pelo artístico e pelo tema nos fez esquecer, por um breve instante, que sem dinheiro não se produz teatro.

Pensamos em recorrer à Lei Municipal de Incentivo à Cultura e até em propor o espetáculo ao Teatro Guaíra, através do Teatro de Comédia do Paraná – TCP.

Apresentaram-se tantas dificuldades que "As Deliciosas", lamentavelmente, esmoreceram.

No intuito de registrar aquele sonho, aquele delicioso momento, atrevo-me a expôr os textos que escrevi à época e que agora revisei. Acrescento outros textos e entrevistas, também com revisão. A título de ilustração incluo fotos.

EVA

Aos meus avôs Josias Gonçalves Moreira e Joaquim Antonio de Moraes Sarmento. Ao meu pai Mario. Aos meus tios, José "Zezito" Gomes Moreira, Bernardo e Francisco Moreira, Edgar Withers, Francisco "Chico Barulho" Picanço, Eurico Bastos. Sesóstris "Sesi", Anthístenes "Tite" e Tristão "Mano" de Moraes Sarmento. Manolo Oubiña, Felipe Miranda e Mario de Brito.

Aos meus primos:

Moreira - Josias Neto, Emmanuel e Francisco.

Moreira Withers - Hamilton, Edgar "Edgarzinho" Neto e Frederico.

Moreira Withers Torres – Rogério, Fernando, Ricardo e Gustavo.

Moreira Picanço Carraro - Vitório, Luis Armando, André e Sérgio. Fábio Ferreira.

Tréglia: Mozart e Rodrigo.

Fressato: Reinaldo, Silvio e Carlos Henrique.

Brito: Zeca Abage.

De Moraes Sarmento - Celso, Marco Aurélio, Marco Antonio e Marco Túlio. José Luiz Oubiña, Cris e Sebastian. Sesóstris Júnior, Demóstenes, Marcelo, Ricardo,

Fernando e Felipe.

O espectro de Eva traçou pra mulher, desde o começo, uma estrada penosa a ser percorrida. Pés descalços pisando pedras pontiagudas. Corpos roçando ramos cobertos de espinhos. Conforme o relatado, depois de criado o Universo, o Senhor decidiu fazer neste pequeno, insignificante e belo planeta, o Jardim do Éden. Inventou maravilhas de todas as espécies. Inclusive, esculpiu no barro, um ser à sua imagem e semelhança, Adão.

À criatura errante, sem ter com quem conversar, com cara de ostra, gemendo, Deus perguntou: "Por quê gemes Adão? Não estás satisfeito com o Paraíso?" O homem respondeu: "Qué gemê! Perdoa, meu Criador, alivia este tédio pérfuro-cortante e contundente".

A gemeção inspirou no Plus Ultra irritada piedade. Posto em sono profundo porque no seco, sem anestesia, o "bicho véio" não agüentaria a cirurgia, o Misericordioso extraiu de suas costelas, Eva.

A mulher, um ser secundário, entra em cena escalada pra ser a provocadora da tragédia. Pro papel de vilã.

O homem escreveu que por ser fraca, curiosa, Eva se deu à sedução da serpente e comeu o fruto proibido. Que por ser insidiosa levou Adão ao fruto, portanto, ao pecado, à culpa.

A serpente, irresistivelmente, sibilou à Eva: "Minha "senhôra", aceite esta maçã. Veja como é linda. Está deliciosa". Catapum!!! A cabeça abriu. Adeus às ilusões.

Adão deixou-se levar também na conversa da víbora que, como todas as víboras, não brinca em serviço. São competentíssimas na execução de suas tarefas.

Comeram a maçã. Viram o Paraíso perdido. As dores. Os medos. A necessidade de escolher. De ir à luta. A mortalidade. A condição humana.

Adão, interpelado por Deus, entregou: "Foi ela quem me deu o fruto. Insistiu pra que eu o comesse. Eva é a culpada."

O cagão quis tirar o loló da seringa. Não funcionou. Foram expulsos do bem bom e o anjo, de corpo presente, com terrível espada de fogo plantado na porta do Paraíso, não deu pelota pros pedidos de perdão, pra alegação: "fomos enganados pela serpente, por favor, dê-nos uma segunda chance etc, etc..." Nada feito. O anjo, já de saco cheio, disse tonitruando: "Não me venham de burzequins ao leito. Fooooooraaa!"

O que tinha sido dado de graça, daquele momento em diante, só com muito suor. E olhe lá!!! Começou aí a brilhante performance da humanidade. Transgressões sem peito, sem bolas pra aguentar as consequências. Uns empurrando pros outros suas próprias pisadas na jaca.

A Árvore da Vida era vedada aos dois. O fruto, o conhecimento, estava proibido. A alienação naquela fase estava na ordem do dia. A nudez passou a ser vergonhosa. O modelito da ocasião era folha de parreira com aquele verde gritante.

Os escribas marcaram a carne e a alma da mulher com ferro em brasa. Responsável pela punição, cabe-lhe a humilhação, a subserviência. Simples receptáculo do sêmen. Simples fêmea reprodutora. Simples orifício à penetração, pro prazer do homem.

Vejam que a desqualificação da mulher destaca-se, também, na Mitologia Grega. A mando de Zeus, Hefesto o deus das forjas, o ourives olímpico, modela e dá vida à Pandora.

Belíssima, era um ardiloso presente do Tonante aos homens. Hermes, o Trismegisto, mensageiro dos deuses, levou-a pra Epimeteu. Seu irmão Prometeu, o que

amava os mortais, já o havia alertado pra que não aceitasse nenhum presente de Zeus. Seria roubada na certa.

Epimeteu, arrebatado por tanta beleza, esqueceu o conselho e recebeu-a absolutamente encantado.

Pandora veio ao mundo trazendo uma jarra. Mimo de núpcias do deus dos deuses ao casal. "Não abram esta jarra." A ordem era expressa.

Outra vez, o narrador fez imperar mórbida curiosidade à mulher, como se tal comportamento não marcasse, igualmente, a personalidade masculina.

Pandora, querendo saber o que havia na jarra, abriu a tampa. Como tornados incontroláveis, saíram todos os infortúnios que iriam atormentar o mundo.

Dando-se conta da mancada fechou a tampa da jarra, onde ficou tão somente a ESPERANÇA: sentimento frágil, quando os acontecimentos dependem dos fios do destino manipulados pelas Moiras.

Pobre Pandora. Pobres mulheres, sempre presas em armadilhas.

Com o passar do tempo, por força do poder masculino, velhos e novos preceitos culturais determinaram à mulher não ter vontade, não ter voz, limitar-se aos seus deveres da casa. Agrilhoada a um cotidiano de desalentos. Sem alma, sem vida própria e cheja de filhos.

Na sua caminhada, ainda impedida de qualquer tomada de posição e muito menos de confronto, a mulher teve que desenvolver sua percepção, sua força, em silêncio, no caldo da astúcia.

Haveria de ser assim pra sempre? A culpada? A sem direitos? Se o espectro de Eva forçou a mulher ao nada, a energia de Lillith, rompendo e sacudindo o céu e a Terra, descortinou um nova estrada.

Lillith? Quem foi, quem é Lillith?

Seu nome foi escondido. Conhecê-la, mesmo nos dias que correm, é privilégio de poucas. Muito conveniente pros interesses do homem.

Sob a inspiração de Lillith muitas deixaram de simplesmente estar. Quiseram o conhecimento. Deram o primeiro passo em direção à vida.

Cautelosa ainda, pelo peso do espectro atador, começou a agir nos bastidores. A ação da mulher, movida por seu tino pra todas as coisas, provocou mudanças – pro bem ou pro mal – no enredo da História.

Muitas, formidáveis no jogo da sedução, dirigiram os atores em seus desempenhos. Outras, tomaram pra si o papel de protagonistas. Não importando o final de suas trajetórias, fixaram seus nomes e seus feitos na memória da humanidade. Mulheres determinadas a enfrentar o perigoso jogo do viver.

Seguiram e seguem na escalada. Sucessos? Fracassos? Lições a aprender, sempre.

A mulher figurante à imagem e semelhança de Eva. A mulher protagonista à imagem e semelhança de Lillith.

Mas, quem foi, quem é Lillith?

LILLITH

À Nena Inoue – pequena flor de cerejeira.

À Leila Diniz – que mostrou à mulher brasileira, a importância, a dor, o peso e a delícia de existir.

A maioria dos que habitam este planeta não sabe quem foi, quem é Lillith. Apesar da ignorância de muitos Lillith existiu – sim.

Após a criação do Éden, o Senhor do Universo achou por bem criar seres à sua imagem e semelhança, com algumas diferenças físicas bem acentuadas pra que, além de curtirem dos inúmeros e diversos encantos do ambiente, pudessem desfrutar um do outro.

Lillith e Adão foram criados ao mesmo tempo e da mesma matriz: o sopro divino.

Adão, deslumbrado, sentiu-se o senhor absoluto de tudo, queria Lillith à disposição, pra servir em todas as suas vontades, o recente rei da cocada preta, da branca e da cor-de-rosa.

Lillith, mulher de excepcional inteligência, de visão aberta, sabia que o Jardim era pra ser usufruído pelos dois, no mesmo plano e do mesmo modo. Os apêndices colgantes do macho não eram razão pra que fosse diminuída. Os dois estavam no Paraíso pra serem felizes.

As atitudes de Adão não agradaram nem um pouco àquela mulher, que não estava a fim de se deixar fazer de trouxa.

Adão quis fazer valer a sua diferença de macho. Resolveu afirmar-se como o cacique da tribo. "Eu mando." "Eu sei." "Já falei." "É agora." "Cale a boca." O bobão.

Como não podia deixar de ser, Lillith reagiu à tentativa de submissão. A relação do casal logo logo deu em caca.

Aquele estupendo visual à volta e – que pena – estava ali aquele Adão prepotente, insensível, um "anta asteca". Já de cara, o homem não respeitou a mulher. A *machina fatalis* de olho no espetáculo, deu uma avançada.

Tudo era aceitável menos ter que suportar – justo no Éden – aquela vida. Lillith quis voltar ao éter pra existir livremente no Universo. Conhecia os nomes e títulos do Plus Ultra: El, Javé, Jeová, Adonai, Deus, Alá, etc. "Grande Espírito". "Criador do Universo". "Pai Misericordioso e Amantíssimo". "O Ilimitado" etc. Conhecia,

inclusive, aquele nome que ninguém sabe e que jamais saberá. Invocou o Supremo pelo seu nome super, hiper e ultra secreto expondo suas razões. A argumentação convenceu o Criador que a autorizou a dar o fora. Sem mais delongas, olho no olho disse a Adão: "Até nunca mais gaiteiro" e pirulitou-se do recinto.

Alguns pretensos iniciados e outros de língua ferina, dizem que Lillith transformou-se em ente demoníaco, uma sugadora de almas, cujo maior propósito seria atiçar os homens aos desejos sexuais. Bobagem. O sexo é obra divina. Sem o encontro do espermatozóide com o óvulo, não estaríamos neste planeta. As podridões da humanidade são coisas de cada um. Os anjos caídos andam por aí mas nós temos capacidade de raciocínio.

Eva, fabricada de um pedaço do homem, já veio "sifo" como diz o "companheiro" Lula. Uma situação bastante confortável pra Adão e pros zilhões de homens que ainda iriam comparecer neste espaço. Pobre Eva, conforme o desejo do narrador, provocou pra si mesma e pra todas as mulheres que nasceriam, uma péssima reputação. Deixou todas, durante muitíssimo tempo e ainda em alguns lugares, embaixo do fiofó da cobra.

Os escrevinhadores de plantão, já no início dos tempos, certamente pra que não houvessem seguidoras, acharam mais conveniente deixar pra lá o episódio Lillith. Pra todos os efeitos ela não existiu. Assim como a merda flota, a verdade sempre vem à tona. É do estatuto da natureza.

O nome de Lillith começa a ser sucesso de público e crítica porque pensou com firmeza e mandou ver. Lillith queria o conhecimento e foi à luta. Com certeza Deus – no qual eu acredito - orgulhoso de sua obra, aplaudiu em pé e com voz tonitruante: "Bravo!!!" "Dá-lhe poderosa!!!" "Essa É A Criatura!!!"

Lillith e Eva. Dois momentos. Dois posicionamentos.

Pra podermos ser, temos que tratar de saber viver. Senso crítico pra analisar os fatos. Atitude pra tomar decisões. Enfrentar os problemas e resolvê-los como ela, a primeira mulher deste mundo. Por isso pro Prêmio Nobel, pro Oscar, pro Troféu Gralha Azul e pra quaisquer outros prêmios havidos e por haver, meu voto – nominal e aberto – será sempre à fabulosa Lillith.

Desculpe dona Eva, volte outro dia. Hoje a lotação está esgotada.

MARIA ROSA

À Débora Tadra, Doris Teixeira, Eloá Teixeira, Loraci Setragni, Mara Lucia Moron, Marila Vellozo, Marlene Montenegro, Mônica Rischbieter, Nena Inoue e Vera Andrade.

Para Alceo Bocchino, Alaide Lourenço, Alzeli Basseti, Amália e Aparecida Damasio, Ana Elisa Filizola, Analaura de Souza Pinto, Ari Fontoura, Carlos e Isabel Trincheiras, César Fonseca, Cidinha Garcia, Cleide Piasecki, Cleuza de Oliveira, Constantino Viaro, Daniel Militão, Danilo Avelleda, Denise Sartori, Dorothy Pinheiro Lima Rocha, Elizabeth de Castro Lessa, Emanuel Martinez, Fernanda Basso, Gelson Schimanski, Gilberto Carbonar, Gilberto Tuyuty, Gilmarise Gulicz, Gilzi "Gito" Guastini, Gilson de Oliveira, Hilda, Milton, Vera, Roberta e Tânia Polydoro, Joana da Cruz, João da Silva, João Maria "Tequinho" de Lima, José Maria Azevedo, Juliana Cezimbra, Léa Micheletto dos Santos, Leocádia Messias, Letícia Cherobim, Livia Coelho, Lúcia Gluck Camargo, Malu de Faria, Maria Célia Pinto Kuchminski, Marcia Moraes, Maria Vieira, Marilda Koprik, Marilene Ribeiro, Marisa Moreira Maibon, Marlene Zanin, Maurício Fruet, Meire Abe, Neidy Thomas, Nelton Friedrich, Neuri Barbieri, Nivaldo dos Santos, Norma Onichydesko, Orly Bach, Ozório dos Santos Filho, Patrícia "Pagu" Leal, Paulo Alfredo Damasceno, Paulo Biscaia Filho, Regina Peixoto, Rejane Ribeiro, Renê Ariel Dotti, Rio Novello, Ronald Catarino, Rosa Chiamulera, Rosalina de Oliveira, Rosana de Jesus Silva, Rosangela Aparecida Silva, Ruth Weyhe, Sergio Izidoro, Shirley Conceição, Sidne Gaspar, Sueli Araujo, Vera Bello, Vilma Almeida de Andrade, Vilson Cardoso e Yara Chaves.

Que dia pesado foi hoje. Que dias pesados são todos os dias.

Oito horas de trabalho de segunda a sexta-feira, ano após ano.

Ambiente cheio de mutretas, pessoas mesquinhas, corrosivas, de ambição desmedida.

O dono da empresa está milhardário. No fim do mês, conto as notas e vejo como é aviltante o que nos paga.

Acho que tenho qualificações profissionais que poderiam me colocar num lugar mais gratificante, ganhando um salário mais digno. O triste é que neste país gente sem "padrinho" não tem muita chance de conseguir trabalho e nele crescer por merecimento.

Estou nesse serviço há anos. Salvo as honrosas exceções, que as há felizmente, tenho que assistir o desfile dos bajuladores; dos incompetentes metidos a gênios; dos que não têm o menor sentido de ética; dos hipócritas e invejosos que adoram quando um colega pisa na jaca. Quando alguém cai, babam de satisfação pelo fato em si e porque acham que essa vai ser a oportunidade à sua ascensão funcional, tenham ou não capacidade pro trabalho a ser realizado.

Os chefes, muitos deles, sem qualquer preparo. Deslumbrados com o poder acham-se como a rainha da Inglaterra, só sairão do trono após a morte. Nessa visão de eternidade, manipulam pessoas; ordenam barbaridades e idiotices; privilegiam; perseguem; agridem; humilham; desqualificam; desrespeitam. Geralmente, não gostam de assessoria responsável. Preferem ao seu lado os omissos, os capachos que instigam sua vaidade. Que os ajudam, no frigir dos ovos, a cair do camelo. Gente que quando o chefe não é mais chefe contam, pra quem quiser ouvir, os podres pessoais e profissionais do ex-"Tonante", apunhalando-o pelas costas. O mundo foi e é feito desse quadro sórdido e as pessoas não aprendem.

Não sei porque suporto tudo isso. Devia chutar o pau dessa barraca.

Tenho medo de confessar a mim mesma e aos outros - nem sob tortura - que não saio desse emprego porque sou covarde, acomodada. Tenho pavor de me lançar à procura de coisas novas, quaisquer que elas sejam. Tenho medo do fracasso.

Aliás, minha vida inteira tem sido assim. Acomodação. Medo.

Fui, quando pequena, o que se chamava "uma boa menina". Filha única. Notas altas no colégio, elogios dos professores. Os amiguinhos aprovados por mamãe. A queridinha dos padrinhos Elisa e Ronald. A preferida das tias Nancy, Débora e Dóris. Dos tios Cloris e Christo. Um amor de criatura.

Em casa, nunca pude fazer o que era do meu gosto. Pras minhas ideias e pedidos havia sempre um impedimento: "agora não dá, não tenho tempo"; "seu pai está sem dinheiro"; "logo agora, Maria Rosa, não está vendo que o papai está lendo o jornal?". "Nem pense em ir sozinha ao cinema com Sidne".

Aos 17 anos arranjei um namorado "firme". Todos os passos sob controle. Décio era cheio de salamaleques. Como todos pensavam que o rapaz teria um futuro promissor, o casamento foi marcado quando eu fiz 19 anos. Apesar das inúmeras investidas casei virgem.

O herói do bairro revelou-se um desastre.

Decepcionada, sentindo-me traída pelas promessas não cumpridas, comecei a esticar minhas garras.

Revidava na camuflagem, afinal, era "uma boa menina".

Não tivemos filhos, a separação foi facilitada. Como a figura não trabalhava, não recebi nada pelos anos de perdas e danos ao seu lado.

Já exausta daquele modo de vida que a sociedade recomenda "é preciso manter as aparências", voltei a morar com meus pais. À noite, andava pela casa como uma sundara, a cabeça a mil por hora. Não deu certo.

No primeiro momento fiquei com minhas amigas Margareth e Rosirene, depois com Dula e Marisa. Na sequência, com Valderez, Gracinha, Virgínia e com Lília.

Após muita batalha consegui emprego. Fui morar com minha prima, também separada do marido. Ansiosa pra encontrar novos amores, não perdia noitadas. Em algumas delas eu a acompanhei. A disputa pelos homens solteiros ou não era um espetáculo deprimente. Desisti da caça ao pênis e achei mais confortável esperar que meu "príncipe encantado" caísse na minha sala de pára-quedas. É claro que não caiu coisa alguma e muito menos com gente dentro.

Passei um período de cão. O amargor instalou-se em minha vida. Um dia me surpreendi interessada por um colega solteiro, do escritório. O cara não me dava a mínima pelota.

Em casa, diante do espelho, perguntei: "que raio de mulher é você, que não chama a atenção de um homem que preste?" "Por quê não consegue fazer-se amar, como todo mundo?" O espelho não abriu a boca.

As artes sempre foram meu refúgio. A única coisa positiva em minha vida. Livros, teatro, dança, ópera, circo, cinema, música, exposições. Estava em todas.

Vivia esperando. Agir, jamais. Tinha medo das consequências. Medo da dor que consome até a capacidade de raciocínio. Por segurança, preferi deixar as coisas como estavam.

Ocorre que em um ano casei com o tal colega. Lucas é um bom homem, trabalhador, caseiro, gentil. Não é nenhuma maravilha asiática. Não estou com os quatro pneus arriados por ele, em absoluto. Sei que sem paixão o coração não acelera, as cordas não vibram em melodias imortais. Uma vida linear, sem trancos nem barrancos. Com pequenas alegrias pode-se levar o barco. Neiva, Diolete, Sheila, Mirinha e Marcia, minhas cunhadas. Por essas amizades, valeu o casamento.

Tivemos um filho. Uma gracinha de criança. Hoje está tinhoso, cheio de vontades impostas aos gritos e sapateios. Nosso amado pimpolho é intolerável. A culpa é nossa, eu sei. Repetimos os erros de nossos pais e acrescentamos outros que o cotidiano nos leva a cometer.

Lucas vai chegar tarde esta noite. Justificou que precisa ficar no escritório. Os diretores Maibon, Ana, Chaves, Gilberto e Lala, convocaram reunião fora do horário de expediente. Que seja! Momento propício pra conversar com meu espelho. Faz tempo que não o procuro.

Deparo-me com uma mulher de 37 anos, segundo dizem, no auge da vida, de seus encantos. Que encantos terei eu que não os vejo? Se os tive, foram consumidos pelo tédio da minha vida. Continuo com a boca amarga, o rosto travado. Penso, analiso, mas não sei decidir o que é melhor pra mim. Não tenho coragem pra ação e muito menos pra reação.

Que destino este que me coube. O de ser uma figura amorfa.

Não sou feliz porque levo uma vida estúpida, também, porque não movo um dedo diante do mundo que se desmorona à minha volta. Estou aqui estática, presa em toneladas de granito. Minha voz não é ouvida, talvez porque em vez de falar, sussurre. Sempre o medo de desagradar aos outros. O medo de ser inoportuna, inconveniente. Sempre o pavor de dizer alguma besteira, de ferir suscetibilidades. O medo do ridículo, o medo da crítica impiedosa.

Omito-me quando deveria opinar e lutar pelo que acredito. Fecho os olhos, os ouvidos e a boca. Pareço e sou conivente com a sordidez generalizada.

Maria Rosa, uma existência que passa - que eu deixo passar - sem imprimir marcas, boas ou más. Vivo no lado morno da vida, o mais execrável de todos.

O pior de tudo é que tenho consciência disso, o que me machuca como o corte de navalha.

Diante da minha agonia o espelho, desta vez, me deu respostas.

Disse suavemente: "essa menina, a sua angústia está na sua passividade. O raciocínio lúcido, a ação, destroem o medo. Fortalecem. Saboreie as doçuras do amor, da paixão, da amizade, jogue fora seus azedumes. Respeite-se e faça-se respeitar. Entregue-se à vida. Seja dedicada e ética no seu trabalho, cada um colherá o que plantar. Você não é obrigada a agradar gregos e troianos. Trate de saber a quem dar afeto, em quem confiar. Não fale sobre o que não sabe das pessoas. Por sua vontade pode dar-se

ainda bons momentos. Passos firmes. Se cair, levante depressa. Abra a cabeça e a alma. Destranque o rosto, sorria, ria, gargalhe. O corpo e o espírito reagem bem à alegria. Aprecate-se mulher, vá à batalha. Nada vem de graça. As armas você as descobrirá, aprenderá a usá-las em seu favor, em benefício de seu filho, de muita gente. Vá, guria, abra as portas para o mundo".

O espelho acrescentou: "Você é uma pessoa encantadora Maria Rosa mas preciso retirar-me". Olhou carinhosamente pra mim, me deu uma bicotinha e devagar esfumaçou. Eu sei que sou idiota mas sei também que não sou completamente idiota. Refleti a noite inteira sobre o que ouvi e tomei a decisão. Sair do pesadelo. Juro por mim mesma que ninguém mais sufocará meus sonhos.

Chegou a minha vez de viver.

HATCHEPSUT

À Elisa Gonçalves Martins

Meu sobrinho Tutmósis exige o poder! Quer a dupla coroa e para tanto arquiteta minha morte.

Aqui, na varanda dos meus aposentos no palácio, sozinha, posso falar sobre os meus pensamentos à mim mesma. Nesta hora em que Rá desliza para a margem oeste do Nilo e Nut, a deusa da noite, se prepara para tomar o céu com seu manto negro bordado em prata.

Como correm rápidas as águas do rio em direção ao mar. A força da correnteza é tão formidável que nada pode deter-se nessas águas. Nem minha vida.

Vinte anos de reinado. Passaram como passam as águas do Nilo. Ainda que queiramos nada detém o tempo, nem para o faraó do Egito, o ser mais poderoso do mundo, o filho dileto dos deuses.

Sou Hatchepsut. Neste mundo exclusivo dos homens, a única mulher faraó do Egito. A única mulher a usar a dupla coroa, a vermelha do Norte e a branca das terras do Sul. A única mulher a usar o peitoral; o cajado; os bastões; a barba postiça trançada com a qual todos os faraós, meus antecessores, adornaram-se; a portar nas coroas Uraeus, a serpente sagrada e o abutre, símbolos do poder.

Convicta da minha capacidade para governar, não podia contentar-me em ser só a grande esposa real de Tutmósis II. Filha do faraó, o primeiro Tutmósis — o "Poderoso Touro de Maât", o "Amado de Hórus"- meu pai percebeu, desde minha adolescência, que eu queria mais, que eu poderia muito mais e que um dia haveria de reinar. Meu pai, o "Ser Singular", sabia que eu, na ocasião oportuna, lutaria pelo trono mesmo que isso significasse romper, por completo, a tradição milenar da sucessão masculina. Sempre o homem no poder.

Com a morte de Tutmósis II meu meio-irmão, meu marido, estava ali a oportunidade. Não a perdi. Muito pelo contrário.

Tutmósis, o que seria o III, o sucessor natural das duas terras, filho de uma das esposas secundárias de meu irmão, era ainda criança. Não vi sentido na sua coroação ficando eu na regência. O menino poderia esperar sua vez. Seria faraó depois da minha morte. Seu destino cuidaria disso.

Por quê não haveria de afastá-lo da sucessão? A criança era incapaz para governar, para realizar grandes feitos. Seria manipulada pelo tutor, pelos conselheiros da corte e, o que seria muito pior, manipulada pelo tirânico e ambicioso clero de Amon, o deus que reina absoluto no templo de Karnak.

A situação mostrou-me a direção a seguir. Não iria encolher-me. Tinha que me mobilizar. Que abrir minha passagem para o presente e para o futuro.

Hoje, mais do que nunca vejo que meu reinado, que as obras que realizei, que todos os benefícios que ofereci ao Egito, são provas vivas que fiz exatamente o que tinha que ser feito. Confiar na minha força, na minha capacidade e lutar pelo trono e – fosse como fosse – apoderar-me da dupla coroa.

Não me arrependo. Pela minha vontade férrea, pela minha visão como governante, a 18ª dinastia faraônica será citada para sempre, como uma das eras de ouro destas terras. Sou uma das construtoras desta civilização incomparável.

Quando fui em visita ao Reino do Ponto, trouxe incontáveis riquezas, principalmente ouro – a carne incorruptível dos deuses – e, entre outras maravilhas, árvores de incenso, de mirra, perfumes dos rituais, aromas prazerosos aos deuses. Em paz, fiz o Egito poderoso, invejado, coberto de glórias.

Hatchepsut, a "Favorita das Deusas". A que se mostrou tão ou mais inteligente e capaz que qualquer homem. A mulher que provou que é possível lançar-se – sem medo – à concretização de seus anseios.

Neste mundo dominado pela força masculina, fui obrigada a usar de artimanhas para poder mostrar meu valor. Uma farsa foi planejada envolvendo a rainha Ahmes, minha mãe. Meu nascimento, fruto da fecundação — da semente sagrada - pelo deus Amon no ventre da grande esposa real de Tutmosis I. Sendo filha da rainha e do deus inconteste, eu estava em condições plenas — mesmo sendo mulher — para suceder o faraó. Com esta farsa o trono me foi garantido. Passei a ser o "Príncipe da Coroa". Conhecendo a natureza humana, foi preciso proceder dessa maneira. As pessoas ambiciosas engolem o engodo para sentirem-se à vontade, na hora de fazer seu jogo de interesses. Reconheço que é um escárnio as coisas acontecerem desse modo. A verdade é que o mérito não pesa. O que importa são as conveniências do momento. Para muitos, é melhor que o trono seja ocupado por alguém que possa ser facilmente manipulado. Por alguém de quem se possa sugar até a alma.

Tendo que conviver com aquela gente para chegar ao poder e para exercê-lo, fui obrigada a derramar sangue, a tomar decisões radicais. Isso pouco me importa, o meu objetivo foi alcançado. O Egito resplandece e eu sou o Egito.

Para chegar aonde cheguei e realizar o que pretendia, descumpri as sagradas regras de Maât, a deusa da Verdade e da Justiça. Sei que quando estiver diante de Osires, o deus dos mortos e de seus juízes, diante de Hórus, o poderoso deus com cabeça de falcão, de Anubis, o deus com cabeça de chacal que preside os rituais da mumificação, terei que prestar contas. Minha alma, meu coração - representados pelo escaravelho que levarei no peito - serão pesados na balança da Justiça. Maât estará presente. A pena branca da deusa será a medida para minhas ações. Não há como escapar desse dia. Hamit, o "devorador", aguardará o movimento da balança. Será a vida para sempre ou a aniquilação. Essa hora está próxima.

Hoje, porém, sentindo a fragrância das flores, ouvindo o murmúrio das águas do Nilo levadas por Hapi, o deus desse rio incomparável, sob o estupendo manto de Nut, posso regozijar-me porque meu triunfo foi completo. Minha presença marcou as duas terras, como na batalha contra a invasão dos núbios quando comandei o exército. Jovem ainda, lutei ao lado de meus guerreiros e venci.

Em tudo mostrei minha coragem. Fiz jus ao título de "Poderoso Ser", de "Filha do Mais Sagrado de Todos os Deuses".

A ingenuidade não é um dos meus defeitos. Meu sobrinho está sendo implacável, como eu fui. Com minha morte os perdedores, os que não tiveram coragem de me enfrentar face a face, os que tiveram seus interesses contrariados vão agir, vão insuflar Tutmósis à vingança. O magma desse ódio contido escorrerá com rapidez e violência. Não haverá ninguém para impedi-los.

Sei, entretanto, que as manobras que farão para destruir meu reinado, não durarão para sempre. Depois da vingança, seja qual for e dure o quanto durar, meu nome, meu cartucho, minha imagem, meus obeliscos, os monumentos e templos que construí, ressurgirão com força total. O mundo saberá quem foi Hatchepsut.

Nesses anos de reinado somente um fato sufocou meu espírito. O afastamento de Senmut, meu arquiteto, meu conselheiro, meu amor, meu amante. Senmut, com seus grandes olhos negros. Sua boca, que eu ainda sinto em minha pele. Senmut, com aquela voz e aquelas mãos que me traziam paz à alma e incendiavam meu corpo.

Para manter a minha autoridade como faraó – e sendo mulher – nem a Senmut pude poupar. Quando quis ultrapassar seus limites, imortalizar seu nome e sua imagem - privilégio da soberana - nem a ele foi permitido querer igualar-me. Era meu homem, sim, mas não meu senhor.

Nem no amor eu poderia mostrar-me frágil. Nem por amor eu poderia expor-me ao desrespeito de quem quer que fosse. Não eu, não Hatchepsut, a "Divina dos Diademas". Obriguei-me a exilá-lo. Uma parte de minha vida partiu nas águas revoltas do Nilo.

Quando admiro meu templo funerário – Deir el-Bahari "O Sublime do Sublime" – a obra prima de Senmut como arquiteto, dele fica impregnado meu pensamento. Agora, o que não esqueço nunca, apesar das conspirações, é que sou o faraó do Egito. A mulher que tomou o poder e soube usá-lo com competência, até o fim.

Nascimento. Farsas. Poder. Sangue. Esplendor. Traição. Solidão. Morte. Destruição. Esquecimento. Ressurreição. Eternidade.

JEZABEL

À Nanci e Lu Rufalco. À Tânia Regina da Silva.

À Angélica Salazar Pessôa Mesquita, Angelita Faccioli, Anice Messmar, Antonio Eugênio, Antonio Kukolj, Ari Morais, Carmen Romero, Christine Baptista, Cristina Granmont Silva, Dimas Bueno, Diva Vidal, Doris Gilda, Eliana "Lica"Luz, Eliane Cherrutti, Fernanda Basso, Gabriela Binko, Gabrieli Olsen, Gil Gabriel, Grace Torres, Inês e Kátia Drumond, Ires Daguia, Ivete Cardoso de Almeida, Jacintho Cunha Neto, Jacqueline Daher, Jaime Osna, Jocy Beckert Santos, José Antonio Martins, Judithe dos Santos, La Morita, Léa Camargo da Silva, Letícia Guimarães, Lourival de Oliveira, Lucimar Nicastro, Maestro Gerling, Malu Aguiar, Manoel Carlos Karan, Marcelo Cattani, Marcelo Cecyn, Marcelo Santos, Marco Aurélio De George, Marcos Damaceno, Maria Conceição Conte,

Mário Macedo, Maria Inês Barreto, Marilene Wosnick, Marly Gottschefsky, Mozart Machado, Nadja Naira, Nayane Nascimento Forgênia, Nei Souza, Olga Romero, Paulo Martins, Raphael Zardo, Regina Kotaka, Ricardo Garanhani, Rita Guerra Luiz, Rose Cury Simões, Rubens Pinho, Silvia Drummond Martins, Tadeu Perrone, "Tadica"Veiga, Tania Araujo, Tatiane Iovanovitchi, Ulisses Galeto, Vera Maria Haj Mussi Augusto, "Zeca" Cenovicz e Zilá Walenga Santos.

JEZABEL: Princesa da mais alta nobreza fenícia, filha do rei Etbaal de Tiro, fui prometida em casamento a Acab, o rei de Israel. Como todos, entre os reinos, um acordo comercial e político que garantiria paz e bons negócios às duas terras. O acordo resultou numa união proveitosa.

O rei é gentil, cobre-me de jóias e honrarias, ouve meus conselhos, dá-me total liberdade para que continue a viver segundo os costumes fenícios, permitindo-me cultuar meus deuses, Baal e sua esposa Aserá.

Israel tem estranhos e austeros costumes, seus rituais religiosos são em honra de um único deus.

Proliferam profetas nesta terra, com pregações que pretendem interferir nas ações dos governantes e manter o povo em constante terror. Esses

profetas fazem previsões de grandes catástrofes. Ameaçam com chamas eternas àqueles que não obedecem as leis de um homem chamado Moisés. Um deles, Elias, é de uma audácia insuportável. Por minha vontade esse homem já teria sido, no mínimo, expulso deste reino embaixo de açoites.

NARRAÇÃO: Acab é um rei rico e poderoso, considerando-se as terras férteis da Samaria.

Jezabel, a rainha, é mulher de forte personalidade. Não estava habituada a ser contrariada. Exercia preponderante influência sobre o marido.

Apesar do severo código religioso que Acab estava obrigado a cumprir - servir, conforme os mandamentos, ao Deus único dos israelenses - deixou que Jezabel, não só cultuasse seus deuses, como mandou construir suntuoso templo à adoração de Baal e Aserá, com cerimônias conduzidas por um sem número de sacerdotes vindos de Tiro a mando da rainha.

As cerimônias escandalizavam o povo e Elias. O profeta manifestavase clara e abertamente nos lugares públicos contra esse culto. Responsabilizava o rei por sua fraqueza e Jezabel por não respeitar a Deus, aos costumes do país. Elias admoestava Acab e acusava Jezabel de idólatra, de promotora de orgias, estimulando descarada prostituição nos rituais feitos no templo. Elias acusava Jezabel e seus sacerdotes de assassinos, pelos sacrifícios humanos oferecidos para o deleite da perversidade daqueles deuses.

JEZABEL: Elias, essa criatura desvairada, ousa criticar e ameaçar Acab. Ousa dirigir a mim, a rainha, os piores insultos. Baal e Aserá estão sempre prontos a receber nossas oferendas e nos retribuem com inúmeros favores. O sexo, fazendo parte intrínseca da vida é, além de tudo, um dos maiores prazeres para os humanos e para os deuses. Nossos rituais os louvam também, dessa maneira, provocando o frenesi da paixão e o êxtase do orgasmo. Onde está o escândalo? O crime no prazer desejado, consentido e compartilhado? Um homem tacanho como esse Elias não tem o alcance mental para compreender nossas práticas religiosas.

Não vim da Fenícia à esta terra para receber injúrias e ordens de um andarilho qualquer que diz falar em nome de seu deus. Um deus obscuro de quem ninguém conhece o nome nem a cara que tem. A esse deus não dou a menor importância. O que me preocupa é que essa falação interminável de Elias junto ao povo, faça um dia Acab perder a coroa. Tenho que tomar urgentes e enérgicas providências. Ao rei tudo é permitido. Estou farta desse cacarejar e não vou mais admitir essas afrontas. Para Elias será o cárcere ou a morte. Esse é meu veredicto. Será cumprido.

NARRAÇÃO: Elias, sabendo das intenções da rainha saiu de Samaria. Jezabel enfurecida, mandou promover caça implacável a todos os profetas da região para matá-los.

Quando Elias soube da chacina, orientado pelo Senhor, voltou. Sabendo que suas palavras eram as palavras do Deus de Israel, procurou o rei para dizer-lhe que a punição divina estava para ser executada. Disse Elias que não cairia uma gota d'água na região, se Acab não voltasse seu coração para o Deus único.

Acab, insuflado por Jezabel, ignorou as palavras do profeta. Deus cumpriu a punição prometida. Sem chuva, não houve plantio nem colheita. Por muito tempo, houve fome e enfermidades em todo o reino. O povo cobrava tal flagelo do rei.

JEZABEL: Velho louco, Elias não conhece a força de meus deuses. Faremos mais oferendas e sacrifícios que trarão chuva em abundância. Elias terá que calar a boca de uma vez por todas. Suprema ousadia, propôs um confronto entre seu deus e Baal. Uma disputa onde se provará os poderes de um e de outro. Como eu odeio esse homem. Quisera vê-lo devorado por cães.

NARRAÇÃO: Combinado o dia e a hora para o confronto, o Deus de Israel mostrou, em plenitude, seu poder. Os sacerdotes de Baal ficaram em completo descrédito. Elias incitou o povo a destruí-los. Procurados aonde estivessem escondidos, foram executados. Consumida pelo ódio a Elias, Jezabel dá mais um passo em direção à crueldade absoluta.

Acab quer as terras, as vinhas de Nabot. Este não pretende vender suas terras, as terras de seus antepassados. Jezabel prepara, então, uma armadilha para que o rei possa tomar o que ambiciona.

- JEZABEL: Com a conivência de importantes moradores de Samaria, organizei um banquete para o qual Nabot foi convidado. O imbecil compareceu sentindose honrado com a deferência do rei. Os presentes testemunharam que durante o jantar, Nabot criticou nossos deuses. A pena para esse crime é apedrejamento até a morte. Os juízes, para nos agradar, selaram a sentença. Para que não houvesse qualquer contestação sobre as terras e as vinhas, ordenei que a família de Nabot fosse dizimada.
- NARRAÇÃO: "Usurpas e agora matas?", disse Elias para o rei. Teus pecados Acab, são abomináveis aos olhos do Senhor.

 Os descomedimentos, os crimes de Jezabel e Acab foram tantos que o reino, enfraquecido, começou a se defrontar com guerras.
- **JEZABEL:** Acab será sempre o detentor da vitória. Nosso destino, disseram os oráculos, é de longa vida, poder, ouro e glórias. Acreditando em meus deuses, continuarei a mostrar a esse profeta que nós, os reis, fazemos o que decidimos fazer sem ter que dar satisfações a ninguém. Não há nada a temer. Muito menos as magias e as pregações de Elias. "Minhas palavras são ditadas pelo Senhor de Israel", diz o velho. Veremos!
- NARRAÇÃO: O tempo passou e os acontecimentos demonstraram que as mudanças em Samaria foram fatais. Na última guerra contra a Síria quando Acab deu mostras da mais extrema covardia o rei foi morto.

 O reino entrou em profunda conturbação. A luta desenfreada pelo poder era externa e interna. Havia chegado o momento de Jezabel enfrentar seus verdadeiros inimigos.
- **JEZABEL:** Eu sei que logo virão para matar-me. Vou mostrar-lhes, mais uma vez, quem é Jezabel. Banho-me em águas perfumadas. Visto meu mais belo

vestido. Coloco meus valiosos adornos. Maquio-me como se fosse receber a mais importante embaixada real. Assim, como a rainha que sou, espero por meus carrascos. Vou até a janela de meus aposentos e aprecio - pela última vez – as terras da Samaria. Eles chegam. Abrem a porta com violência. Diante da minha presença param. Eu não saio da janela. Não lhes dirijo a palavra, apenas um leve e irônico sorriso que demonstrará que não me atemorizo com nada, nem mesmo diante da morte. Um dos homens dá a ordem. Começam a caminhar na minha direção. Ainda sorrindo penso, só por mera curiosidade, usarão lança? Espada? As mãos?

NARRAÇÃO: Os homens jogaram Jezabel pela janela. A rainha não reagiu, não chorou, não pediu clemência. No mármore do pátio seu crânio esfacelou-se. O sangue começou a escorrer. Jezabel não viu Elias ser devorado por cães como era seu desejo mas os que assistiram a execução da rainha viram - alguns voltando o rosto enojados – cães despedaçarem seu corpo.

Elias, o profeta, cumprida sua missão dirigiu-se a Jericó. Daquela cidade foi levado aos céus, numa biga puxada por cavalos em labaredas

O encontro com o Deus único, o Onipotente, o Onisciente, o Onipresente Senhor de Israel. O Deus que respondeu a Moisés no Monte Sinai quando o mesmo perguntou seu nome: "EU SOU AQUELE QUE SOU".

O PARTO DA ARANHA MORTA

Às Jornalistas Adélia Maria Lopes, Bia Moraes, Dinah Ribas Pinheiro, Juril Carnasciali, Luciana Romagnolli, Margarita Sansone, Marialda Gonçalves Pereira, Marilu Silveira, Rosirene Gemael e Ruth Bolognese.

Aos jornalistas Admaro Santos, Aramis Millarch, Aroldo Murá, Celso Nascimento, Claudio Manoel da Costa, Cristovão Tezza, Dante Mendonça, Dino Almeida, Diogo Cavazotti, Ernani Gomes Correia, Fábio Campana, Francisco Camargo, Francisco Cunha Pereira Filho, José Carlos "Zeca" Correia Leite, Luiz Geraldo Mazza, Mussa José Assis, Nelson Faria de Barros, Paulo Pimentel, Reinaldo Bessa, Rogério Galindo, Solda, Wilson Bueno e Wilson de Araujo Bueno.

Para Alail Machado, Algaci Tulio, Ana Maria Hladczuk, Angelo Vanhoni, Cláudio Ribeiro, Demaris de Almeida Leite, Fausto e Neusa Cascaes, Guilherme Cabral, Heliomar "Helinho" Jerry Dutra, Hermes e Nina Patzch, Iberê Mathias, Jaira Perin, Lápis, Leônidas "Tata" Gaspar, Maria Eduarda "Dudu" Souza Lobo, Margareth Nascimento Pinto, Maria de Lourdes Montenegro Holzmann, Mario Macedo, Mirian Pojda, Neusa e Adalberto Osório Ribeiro, Paulino Viapiana, Paulo Motta, Ragnhild G. Borgomanero, Regina Brasil, Reinaldo Lima, Renato Andrade, Renato Paulo "Perré" Carvalho Silva, Ruben "Cauê" Carvalho Silva, Sergio Malheiros e Thais de Lima.

Para Antonio Carlos Gerber, Carlos Eduardo Zimmermann, Dirce Pacheco, Eduardo Nascimento, Inéia Cordeiro, Telmo Faria, Vera, Lylian e Tulio Vargas.

Aos meus "irmãos" Claudio Iovanovitchi, o cigano e Glauco Souza Lobo.

No verão de 1971, quando havia ainda cinema em Antonina, elas foram assistir "O Leão no Inverno" filme que trata, soberbamente, da sucessão do rei Henrique II da

Inglaterra e da luta de Ricardo Coração de Leão, um dos três filhos do monarca, pelo trono. Elenco de feras debulhando-se em fantásticas interpretações.

Terminada a sessão, caminharam à casa de Dorothy e Maninho Pinto.

A porta estava aberta e a amiga gritou: "não se bebe nada nesta casa?" Maninho, na maior simpatia devolveu: "tudo o que vocês quiserem!"

Fizeram lanche com pão d'água saído da fornalha. O célebre pão "bundinha", o mais delicioso de todos. O papo era sempre tão animado que sair da casa de Maninho ficava difícil. Antes da "hora aberta", como Feliciano chama o badalar da meia noite, quando não se deve sair a céu descoberto porque é a hora da circulação das almas, a moça e a amiga se despediram. Margareth emprestou a bicicleta. A amiga nos pedais, a moça no bagageiro, assim atravessaram a cidade quase deserta.

A noite apresentava-se com suave sopro atlântico. Voltaram a falar sobre o filme destacando a interpretação de Katharine Hepburn, divina em sua Alienor de Aquitânia.

O vento farfalhava delicadamente as folhas das árvores da Praça Coronel Macedo. Ao fundo, na colina, a moça mais uma vez admirou a Igreja de Nossa Senhora do Pilar, soberana sobre a cidade.

Na ladeira, a caminho da Ponta da Pita, a bicicleta serpenteava gemendo no paralelepípedo. As duas, às gargalhadas, faziam contorções circenses pra não se estatelarem no chão. Quando passaram pelo campo de futebol do 29 de maio - Honra e Glória - viram que a noite estava clara, era a performance da lua muçulmana.

No trecho do Clube Náutico alguém ouvia Dalva de Oliveira cantando "Confession". A moça doida por tangos, sentindo-se num palco portenho, soltou a voz num espanhol macarrônico: "... hoi despues de un año atroz te vi passar. Me mordi pa no llamarte. Ivas linda como un sol. Se paravam pa mirarte...". O bandoneon esmagava a alma da cantora.

Passando pela maternidade cruzaram com um jipe. O motorista, finíssimo, aproximou-se da bicicleta e berrou: "tão querendo batê cás deis?". A amiga respondeu: "vai-te à merda", e seguiu pedalando. A moça, muda de medo, olhava pra ver se o jipe não tinha feito a volta.

No bairro do Lacerda onde moravam, desceram da bicicleta e fizeram a pé o caminho da rua à casa. O dito era de terra e bastante inclinado.

O canto de grilos e um encantador bailado de vagalumes acompanhavam o trajeto. Os morcegos não deixaram de participar do espetáculo, com graciosos vôos rasantes.

O casarão estava imponente na luz mortiça. Pintada à meia boca, não havia dinheiro pra necessária restauração, a casa tinha um aspecto fantasmagórico em seus mais de cem anos. Dizem que no casarão o coronel Macedo recebeu D. Pedro II e comitiva, na visita do Imperador ao Paraná. Propriedade, à época, de Lourdes e Luiz Valente, a "casa grande" como elas a chamavam, era protagonista - talvez porque no imenso quintal estava o túmulo da família Macedo - de algumas das muitas arrepiantes estórias de assombração que os capelistas adoram contar e ouvir, ainda mais deliciados se a noite for de tempestade ou de lua cheia. Subiram a escada. Na varanda da entrada deram de frente - empinada qual rainha - com uma aranha negra gigantesca (na verdade não era assim tão grande mas de qualquer modo assustadora). A moça paralisada gritou à amiga: "mate essa aranha, ela vai entrar na casa". Depois de umas cinco tentativas - o bicho era mestre em esgueirar-se - o alvo foi atingido. Da massa aplastada - pra espanto das duas - começaram a sair, com muita pressa, um sem número de pontos negros que se espalhavam em todas as direções. Aturdida e num ataque de completa imbecilidade a moça perguntou: "o que é isso, são formigas?". A amiga, paciente, explicou: "não são formigas, são aranhinhas, a bicha estava prenha e pronta pra parir". Olharam-se estupefatas, embaladas pelo primeiro golpe assassino, sapatearam sobre os pingos negros. Liquidados os mais lentos - os outros desapareceram - elas foram pra porta. Próximo ao degrau viram o que acharam ser a aranha macho. Armado, imenso, negro. A moça, arrepiada, gritou: "é o marido, o pai das crianças e agora?". Decidiram que ele também devia morrer. A moça pensou: vai entrar na casa e proceder implacável vingança. A amiga saltou sobre o infeliz personagem.

Terminado o massacre, aberta a porta, a moça suando em bicas sentou no sofá da sala não sem antes inspecioná-lo. Muitos bichos de variados tipos e tamanhos freqüentavam o casarão. Acendeu um cigarro. Tremia tanto que o pito caiu no chão. Pegou o cigarro e seguiu fumando como se aquele fosse o último de sua vida.

Rememorando a cena a moça se deu conta que haviam assassinado uma família. Que tinham trucidado a mãe na hora do parto, os recém-nascidos, o pai impotente, testemunha ocular e auditiva da brutal violência. A moça, super abatida, constatou quanto o ser humano é predador. Percebeu - reduzida a pó de bosta - que a lei da selva

impera sempre. Com voz sumida discorreu sobre o tema à amiga. A outra, prática, simplificou o enredo da ópera: "você sabe que esta casa é um zoológico. Matamos as aranhas porque são venenosas, é só".

Cansada de tudo aquilo foi pro quarto. A moça ficou ali mais um tempo com cara de criminosa confessa, sem perdão. Na cama, cheia de culpa e consumida pelo remorso, torturava-se com mil pensamentos. Tentou ler, andou pelo quarto, fumou à bessa, roeu todas as unhas, olhou a noite através da vidraça. Teve vontade de tomar um *whisky* mas não se atreveu a sair do quarto. Tinha medo de fantasmas e naquele momento o medo instalara-se com força letal. Dormiu quando o sol já batia na janela.

Muitos anos passaram. A vida mudou, como sempre. As coisas boas e más acontecidas na época estão quase esquecidas. Aquela noite entretanto - pra moça - é presente. O filme; o papo com os amigos; o pão "bundinha" crocante com manteiga; a dança das folhas nas árvores; a Igreja Matriz; o ranger das rodas da bicicleta saltitando nas pedras do calçamento; o penetrante perfume do mar; a lua branca linda; o tango dilacerante; o jipe azul; o espetáculo dos grilos, vagalumes e morcegos. A casa projetada na luz amarelada; as aranhas negras; o quadro do extermínio; a dolorosa impossibilidade de reverter o fato consumado.

MACHINA FATALIS

Clitemnestra/ A propósito de...

Texto inspirado na tragédia "Ifigênia em Aulis" de Eurípedes.

À Beatriz "Bia" Barreto Brasileiro Lanza, Bia Reiner, Celia Regina Polydoro, Gracinha Kindermann, Jane D'Avila, Malu Willunsen, Mônica Drummond Braga, Rosirene Gemael, Valderez de Macedo Pacheco e Vitória Arabela Sahão.

Para Oraci Gemba. À Delcy e Edson D'Avila, Luciana e Aluízio Cherubim, Claudia Martins e Hugo Sandes, Christo Dikoff, Ronald Catarino, Cloris Ferreira, Janet Dequech, Norma Greco, Feliciano Macan e Verrinha Walflor.

À Adail e Euclides de Souza, Ailton "Caru" Silva, Alberto Asseis, Álvaro Ribas, Ana Carmen de Oliveira, Ane Mari Gubert, Anelise Lima, Angela Wogel Lima, Annunciada Oswald, Antonio Carlos Kraide, Aurino "Nino" Lorenzetti, Benedito Silva, Beto Bruel, Beto Guiz, Bia Macedo, Carla Reinecke Tavares, Carlos Alberto dos Santos, Carlos Canalli, Carlos Kur, Celso Filho, Chico Nogueira,

Claudio Correia e Castro, Cris Prost, Danilo Avelleda, Eddy Franciosi, Edna Savaget, Edson Bueno, Eleonora Greca, Eliane Berger, Elisabeth de Castro Lessa, Elza Pszysienzny, Emílio Pitta, Fernando Bonin, Fernando Cunha, Genilson Simões, George Sada, Gilmarise Gulicz, Giovani Cesconetto, Gracindo Júnior, Grazianni Branco da Costa, Haroldo Sosinksi, Ivone Valente, Ivo Lessa, Jaime Lerner, Jewan Antunes, João Luiz Fiani, Joel Vaz, José Basso, José Chapula, José Plínio Martins, José Victor Cit, Juracy Lucas, Lala Schneider, Lauro Hanke, Lota Moncada, Lucy Castelo Branco, Luiz Afonso Burigo, Lula Darcanchy, Luthero Almeida, Magno Mikosz, Manoel de Souza Neto, Mara Rangel, Marcelo Marchioro, Maria da Glória, Maria e Joaninha Gemba, Maria Zima Pereira, Marília Pêra, Mario Schoemberger, Mario Trojan, Maurício e Adriano Vogue, Miguel Esposito, Moacir Davi, Nei Mandarino, Nelson de França, Nestor Montemar, Nicete Bruno, Nydia Lícia, Orlando Rocha, Oswaldo Aranha, Paulo Afonso Grisolli, Paulo Goulart, Paulo Sá, Pedro Inoue, Raquel Rizzo,

Regina Bastos, Ricardo Ferreira do Amaral, Roberto Toledo, Rose Rogoski, Roseli

Pereira da Silva, Sady Cabral, Sergio Cardoso, Silvana Cavachiolo, Vania Kesikowski, Vivianne Beltrão, Walter Gonçalves, Waltraud Sékula e Wanderley Lopes.

Pecinha teatral local, como diz meu querido "tio" Enéas Lour.

Texto: Yara Sarmento.

A cortina abre. O palco está à meia-luz.

Entra a abertura da ópera "A Força do Destino", de Verdi.

Cenário: sala de ensaio.

Figurino: trajes gregos.

Elenco: 05 atrizes.

Personagens: Odelair

Regina

Gilda

Claudete

Neiva

As atrizes estão paradas, em atitude.

No primeiro toque da mesa de luz movimentam-se – conforme criará a diretora – e darão início às suas falas

REGINA: Zeus, o supremo senhor do Olimpo, arrebatador amante de deusas e mortais apaixona-se, desta vez por Leda, esposa de Tíndaro rei de Esparta. Transformado em cisne, deposita na bela mulher a semente que germinará Helena e Pólux, Clitemnestra e Castor. Pólux e Castor, os dióscuros, serão um dia e para sempre, os gêmeos do Zodíaco. Os fios da vida que entrelaçam Clitemnestra e Helena determinam-lhes a travessia de um caminho sangrento.

NEIVA: Agamenon e Menelau, filhos de Atreu, estão ligados - pelo matrimônio - às filhas de Leda. O casamento é conveniente. Além da beleza e da inteligência, as duas mulheres são herdeiras de formidável cidade-estado.

Clitemnestra é viúva por insidiosa obra de Agamenon.

GILDA: As Moiras fiandeiras - condutoras da vida e da morte – tecem ponto a ponto - como o de todos os mortais - o destino da dinastia Atrida. Neste momento, com maior atenção pelo prenúncio da morte, desenham o destino de Clitemnestra e de Agamenon, o poderoso rei de Micenas. Seu irmão Menelau é agora o rei de Esparta, de quem o príncipe Páris seduziu a esposa Helena, a de esplendorosa beleza. Páris levou a rainha e muitos dos tesouros espartanos para Tróia, a inexpugnável e rica cidade da Ásia Menor. Os fios desta teia impulsionam mais um movimento à *machina fatalis*.

Éris, a deusa da fúria, relegada que foi para uma festa no Olimpo conduz Hera, Atenas e Afrodite à competir pela beleza. O mortal Páris é escolhido como árbitro.

Das recompensas prometidas pelas deusas, o jovem troiano dá preferência a que lhe oferece Afrodite: a paixão da mulher mais bela do mundo. O príncipe dá-lhe o trofeu: a maçã de ouro. A implacável Éris, uma vez mais faz uso do "pomo da discórdia".

Hera, a senhora do Olimpo, trama incontáveis desgraças. Atenas arma a derrota de Tróia na guerra que está para acontecer.

Páris, exultante, vê cumprida a promessa de Afrodite. Mais tarde sofrerá, na carne e na alma a terrível vingança das deusas preteridas.

CLAUDETE: Os movimentos iniciais foram provocados na geração anterior. Tiestes, irmão de Atreu, seduziu-lhe a esposa. Para vingar-se do insulto, Atreu desce à suma ignomínia. Manda matar os filhos do irmão e, num banquete, serve-lhe suas tenras carnes. As Eríneas — vingadoras do sangue parental derramado — voltam-se para o assassino. Começam a engendrar a pena pelo hediondo crime. Não somente ele haverá de cumpri-la mas também seus descendentes.

NEIVA: Menelau, enfurecido pelo rapto da mulher e pelo roubo de seus tesouros, exige vingança. Quer o resgate de Helena - e mais que tudo - o resgate de sua honra. Os soberanos e heróis gregos, comprometidos com Menelau e atiçados pelas riquezas do rei Príamo, atendem de imediato ao apelo do rei ultrajado. Já estão reunidos em Aulis com seus navios e suas tropas, preparados para a travessia

do mar Egeu e do mar de Mármara a caminho de Tróia. Agamenon foi escolhido como comandante dessa gigantesca armada.

- REGINA: Ártemis, a deusa olímpica da Lua, das florestas, não facilita a empreitada. Agamenon em sua arrogância ofendeu a deusa matando, numa caçada, a corça favorita da irmã de Apolo. Não satisfeito com o ultraje, vaidoso e imprudente, gaba-se do feito elogiando a sua pontaria certeira. Os ventos que deverão enfunar as velas para a viagem, há semanas não sopram. Os gregos estão ansiosos pela tomada de Tróia.
- GILDA: Chega o momento da deusa fazer sua inexorável cobrança. Para que soprem os ventos Ártemis exige em sacrifício o sangue de Ifigênia, a filha primogênita de Agamenon e Clitemnestra. Em choque o rei de Micenas tenta romper o acordo com Menelau. O sacrifício de Ifigênia é preço alto demais pelo resgate de Helena. Os reis e heróis convocados para a guerra exigem o comando de Agamenon. Argumentam que dele dependem os necessários ventos e, consequentemente, a chegada à cidade de Príamo. Argumentam, também, que há um essencial propósito em jogo: resgatar a honra dos gregos.
- CLAUDETE: O rei ousa barganhar com a deusa mas constata que está obrigado a ceder.

 Conquistado pelas lisonjas e pelas extraordinárias perspectivas dessa aventura, deixa que prevaleça o plano perverso arquitetado por Odisseo, o qual convencerá Clitemnestra a trazer Ifigênia a Aulis.
- NEIVA: Agamenon manda mensagem à rainha anunciando o casamento da princesa com o grande herói Aquiles, filho da deusa Tétis. É uma imensa honra sonhada por todas as nobres donzelas da Grécia. Sem dúvida a mensagem trará, sem demora, mãe e filha ao acampamento. As fiandeiras tecem e tecem. A tragédia segue seu curso. A *machina fatalis* move-se com maior rapidez.
- REGINA: A comitiva chega exultante para as desejadas núpcias. Agamenon vai ao encontro da mulher e da filha. Ifigênia beija o pai dizendo da sua alegria em desposar Aquiles. Agamenon esconde como pode sua traição.

ODELAIR/CLITEMNESTRA: Que feliz notícia Agamenon, nossa filha esposar o incomparável Aquiles. Estás vendo a felicidade de Ifigênia? Os deuses hão de querer que este seja um casamento afortunado. Agradeço-te por este sábio acordo. Sei que tu amas Ifigênia e queres o melhor para ela. Vamos iniciar agora os preparativos para as bodas.

GILDA: Agamenon mal lhes dirige o olhar. Ouve o que dizem em silêncio. Conhecendo Clitemnestra, sabe com que fúria reagirá à verdade. Deixa para depois a fatal notícia.

CLAUDETE: Caminhando pelo acampamento mulheres da comitiva real descobrem o verdadeiro motivo da vinda de Ifigênia a Aulis.

(Claudete interrompe sua fala, tossindo).

GILDA (brincando): Fume!! (as meninas riem).

CLAUDETE: "Vai te catá!!" (no mesmo tom de brincadeira. Gilda rebate).

GILDA: Grossa!! "O costume da roça vai à praça!" (esculhambado o ensaio, riem).

NEIVA: Já está Gilda?! Agora chega! Continue Claudete.

CLAUDETE: *(concentrando-se, repete sua fala do início)* Caminhando pelo acampamento mulheres da comitiva real descobrem o verdadeiro motivo da vinda de Ifigênia a Aulis. Horrorizadas com o que souberam, ainda que temam as reações de Clitemnestra e as graves conseqüências em denunciar a sórdida traição de Agamenon, por amor à doce Ifigênia, por lealdade à rainha, relatam o que ouviram.

REGINA: As mulheres choram e lamentam. Mãe e filha entram em desespero. Saem à procura do rei.

- ODELAIR/CLITEMNESTRA: Já sabemos da conspiração. Não foi esta a palavra dada por ti. Viemos, Agamenon, a Aulis para o casamento de Ifigênia com Aquiles. Este é o teu compromisso, rei de Micenas.
- CLAUDETE: A princesa roga ao pai que não permita esse cruel desenlace. O rei não consegue tratar do monstruoso assunto. Clitemnestra exige a verdade. Diante da determinação da mulher ele não pode mais protelar, não pode mais esconder os fatos.
- GILDA: Clitemnestra urra sua dor. Suplica que a vida da princesa não seja tirada. Que não a faça, tão jovem, conhecer as tenebrosas trevas do Hades, o subterrâneo mundo dos mortos.

ODELAIR/CLITEMNESTRA: Atende às nossas súplicas Agamenon. É criminoso o que vais fazer. Por tua arrogância estás sendo castigado pela deusa Ártemis. Tenhas compaixão, não jogues sobre nossa filha a punição que só tu mereces receber. Eu te imploro, desiste de Tróia. Dá a Menelau, teu irmão, o comando do exército. Afinal, essa guerra é pelo resgate de Helena. O que tens com isso? Nossa filha vai ser sacrificada pela honra de Menelau? Mas que honra tem esse homem fraco? Esse rei sem autoridade? Esse amante insípido que perdeu a mulher para um menino troiano? Menelau que vá a essa guerra. Que viva, que mate, que morra - ele - por Helena. Pelos deuses Agamenon, voltemos para Micenas. Nosso reino é rico, és um rei poderoso, que queres mais? Não condenes Ifigênia à morte. Um dia vai se casar, será uma grande rainha. Não é isto o que sempre sonhaste para nossa filha? Ouve a minha súplica Agamenon. Não faças o que é irreparável. Agamenon ouve... Agamenon não te retires... Agamenon... Ah... Ifigênia...

- REGINA: Os gregos não se condoem com as súplicas de Clitemnestra, nem com as lágrimas da princesa. Agora só importa Tróia, suas riquezas, a honra dos gregos e Helena. Em sua vaidade e ambição, Agamenon como comandante supremo, antevê a vitória que há de ser um feito memorável. Preso a esse único objetivo a tomada de Tróia ignora a filha, a mulher e seu indizível sofrimento.
- GILDA: As fiandeiras tecem e tecem. O altar já está preparado. Ifigênia é conduzida à colina para ser sacrificada à Ártemis. Sobe os degraus com passos lentos. Suas lágrimas fazem brilhar seu belo rosto ao sol. Escorrem para o vestido, o mesmo que usaria em suas núpcias com Aquiles. A princesa olha uma única vez para trás. A mãe está lá. Clitemnestra, impotente, acena e beija a filha à distância.
- CLAUDETE: O punhal tira a vida da princesa. O sangue de Ifigênia sacode as nuvens. Sopram os fortes ventos de Ártemis. Os navios começam a cortar o azul profundo das águas. Clitemnestra está na colina. Acompanha o navio que leva o estandarte de Agamenon.

ODELAIR/CLITEMNESTRA: Vai maldito. Que os ventos te levem para prestares - mais uma vez - serviços ao teu orgulho, à tua ambição desmedida. Por tua ganância – mais uma vez – dilaceras minha alma. Não bastava, traidor infame, teres assassinado o meu primeiro marido e o filho que dele tive? Não bastava teres me imposto o casamento? Vivi contigo mas nunca te perdoei nem esqueci. Agora, tinhas que arrancar de mim minha amada Ifigênia? Cão asqueroso. Quero que morras em Tróia estrebuchando sob a espada de Heitor, gritando sem a dignidade de um rei. Ah, Ifigênia... Ifigênia... Hécate, poderosa lua negra, senhora do mundo oculto, ouve esta suplicante.

Não! Não Hécate! Não! Faz Agamenon retornar vivo a Micenas. Vitorioso ou derrotado isso pouco me importa. Deusa das encruzilhadas, faz com que eu esteja viva para preparar a recepção. Ah, Agamenon já que te comprazes em derramar sangue inocente, hás de beber o teu próprio e o gosto será de coisa imunda. Imunda como essa maldita ânsia de poder e fama que te corrompe o espírito. Como destruíste a vida dos que amei. Como me causaste esta dor que não vai passar. Quando voltares a Micenas - e vais voltar Agamenon - estarei à tua espera.

REGINA: A Rainha mesmo sofrendo com a morte de sua primogênita, reaje. A danadinha vai por no fiofó do safado, uma lança que sairá pela boca. Sangue e merda pra todo lado. Tia "Cliti" é forte, negras.

(o ensaio para. As meninas riem).

NEIVA: "Voze Aja?" Por favor, gurias, tomem tento. A água está subindo. Se o espetáculo der em bosta, quero ver quem vai achar graça. As bonitinhas estão aproveitando que Malu e Marlene não estão pra avacalhar o ensaio. Que saco. Vamos lá povos. Eu continuo. A fala é minha.

Após dez anos de guerra, declarando-se vencidos e em retirada, os gregos ofereceram aos troianos um gigantesco cavalo de madeira. O presente foi recolhido com júbilo dentro das muralhas. A obra da insídia proposta por Odisseo é letal armadilha. A destruição da cidade foi completa. Sem nenhuma piedade os homens foram todos aniquilados. Inclusive o filho de Heitor e Andrômaca, neto do rei Príamo e da rainha Hécuba, o menino Astianax, futuro herdeiro do trono, não foi poupado. A grande Tróia ardeu em chamas até o seu fim. Entre os mortos estava Polixena, a bela princesa troiana, assassinada em retribuição à morte de Aquiles, atingido por uma flecha no calcanhar. Único ponto em seu corpo que o levaria ao mundo dos mortos, aos domínios de Hades.

O futuro fundador de Roma, Eneas, fruto da paixão de Afrodite pelo mortal Anquises, é o único que consegue fugir com seu velho pai da cidade destruída.

REGINA: Os gregos voltaram para casa orgulhosos com o êxito do engodo e com a vitória. Voltaram com as riquezas da cidade, com as mulheres troianas. Nessa Guerra - descrita pelo imortal poeta Homero - mais que em todas as outras muitas, a condição humana - nada diversa da natureza dos deuses olímpicos - foi escancarada de modo estarrecedor. Viu-se o rosto da lealdade, da compaixão. Viu-se, com horror, o rosto do monstro impiedoso sedento de sangue, de ouro, de glória, de poder, a qualquer preço.

GILDA: O mundo continuou e continua girando num emaranhado de fios. Fios tecidos para cada um e para todos. Apesar da fiandeira marcar para alguns íngremes caminhos, esses dão conta da tarefa expondo o rosto da decência. Outros, marcados com bem menos sofrimentos, mostram o rosto da tirania e do descaso. O destino é inexorável mas nós, os mortais, podemos enveredar por atalhos que não nos tragam tantas dores e não façam da dor a marca dos passos dos que nos acompanham na trajetória.

CLAUDETE: Hécate, a deusa feiticeira, concedeu o que lhe suplicou Clitemnestra. Agamenon está vivo e regressa a Micenas. Com ele, a princesa Cassandra, como escrava. Filha dos reis de Tróia, era sacerdotisa de Apolo. A profetisa que anunciou a tragédia, à qual ninguém deu ouvidos. O tempo de espera agigantou o ódio da rainha. Para Clitemnestra, nada é mais importante que sua pretendida vingança. Tudo o que se relaciona com Agamenon lhe é insuportável. Tentar justificar o rei pelo sacrifício de Ifigênia, é abominação. Passou a desprezar sua filha Electra expulsando-a do palácio. A princesa idolatrava o pai, desejava sua vitória em Tróia, ansiava por sua volta para casa como um grande herói e maldição — entendeu como necessário o sacrifício de Ifigênia no propósito de acalmar Ártemis. Clitemnestra em seu ódio ordena também, sob ameaça de morte, o exílio de seu filho Orestes, o sucessor do trono, o continuador da dinastia Atrida.

NEIVA: Os fíos desenham o dia da chegada a Micenas do vitorioso comandante. Sua entrada no palácio é triunfal. A fiandeira da morte observa atenta a grande cena que o rei protagoniza. Estica o fío e prepara a faca. Depois do banquete, com a ajuda de seu amante Egisto, filho de Tiestes, portanto, primo de Agamenon, Clitemnestra divide ao meio a cabeça do rei enquanto ele se banha. O sangue jorra por todos os que Clitemnestra amou. Ifigênia está vingada.

GILDA: As fiandeiras implacáveis já dirigem sua atenção para os amantes. Por incitação de Electra, pelas mãos de Orestes que voltou ao palácio, a fiandeira corta o fio. O punhal do príncipe rasga a garganta de Egisto e em seguida dilacera as entranhas da mãe, a rainha. A *machina fatalis* - para Clitemnestra e Agamenon – encerra os movimentos da sua engrenagem e dá início ao rolar das correntes em direção de Electra e Orestes, filhos dos reis de Micenas.

REGINA: Muito bem!!! Nada como uma boa tragédia grega. No final, danam-se todos (as meninas riem e ficam à vontade no palco). Gurias, acho que está. Com a falta de Malu e Marlene, realmente, o ensaio fica difícil. A visão da diretora, da assistente, é essencial pra correção dos erros. Gentes, meia hora pro café, xixi e papo. Depois passamos a peça mais uma vez. Claudete, veja com Silvia, Martins, Rose, e Margareth se já foram buscar os programas, o restante das filipetas e dos cartazes. É preciso distribuir o material de divulgação que falta, amanhã, chova ou faça sol.

Neiva, ligue pro Guaíra pra saber se está tudo em ordem. Não podemos falhar com o Teatro, nem o Teatro conosco. Fale com o Cleverson, Cidinha, Léa e Zé Victor.

NEIVA: Deixe com o beque. Vamos checar se chegaram os convites aos jornalistas.

CLAUDETE: Precisamos conferir também, se César, Martinez e Iberê já distribuíram pra estreia os convites ao povo da classe, aos apoiadores e patrocinadores. Não vamos esquecer Viaro, Cattani, Sidne, Nerval,

Amália, Carla, Christine, Zilá, Marly, Beatriz, Shirley, Rejane, o pessoal do Teatro Guaíra, da Fundação Cultural e da secretaria da Cultura.

(Odelair senta à mesa com cara de ostra. Claudete vai ao seu encontro.)

CLAUDETE: O que há com você Ode? Aconteceu alguma coisa?

ODELAIR: Exatamente nesta data, há sete anos, Beatriz morreu.

REGINA: Meu Deus, é verdade! Sinto muitíssimo amiga. Sei que você não superou a perda de sua filha.

(As meninas abraçam Odelair.)

GILDA: Minha afilhada. Hoje estaria com 22 anos. Beatriz era uma menina do bem, carinhosa, inteligente. Uma tragédia.

ODELAIR: Estaria viva não fosse o calhorda do pai - encharcado de cachaça, como sempre - ter exigido levá-la àquela festa. Como eu supliquei pra que ele não insistisse, mas Beatriz - apesar de tudo - adorava o pai e não quis magoá-lo.

NEIVA: Bêbado, em alta velocidade, demoliu o carro contra um muro. Virgem Santíssima, como foi horrível aquela cena. Eu lembro, correram conosco pra lá Elisa, Camargo e Claudio, Sidne, Mara Lúcia e Mario, Vilma, Elisa Inês, Fabíola, Josias, Nena, Sôely, Valderez, Maria Alice, Celinha e Ari, Lucia, Elisa e Basso. As doações de sangue foram decisivas pro hospital.

CLAUDETE: O podre saiu ileso e Beatriz com fratura de crânio morreu no hospital. As doutoras Waltraud e Reiner e os doutores Áldice, Fontoura e Nogueira fizeram tudo pra salvá-la. É inacreditável o que aconteceu.

GILDA: O povo da classe, do Teatro Guaíra, foi ao funeral. Foi um dos piores momentos da minha vida.

ODELAIR: Não vou esquecer jamais a solidariedade de todos.

Minha filha foi e nada a trará de volta, mas não posso perdoar Alexandre. Não pude e não posso esquecer. A dor foi tanta, o ódio tão fervente que depois da missa de 7º dia, vocês sabem, saí de casa e nunca mais quis ver ou saber dele. Nem pra tratar da separação. Ele, também, nunca me procurou. Sabia, o cretino, tudo que ia ouvir. Gilmarise, Rozana, Beth, Nei, Ivete, Vilma, Angela, Ivone, Renato, Paulo, Neuri, Jane e Fernando me deram suporte. Eu estava demolida.

REGINA: Você teve peito Ode. Sair de casa. Abandonar tudo. Trabalhando como atriz, sem um tostão. Nesses anos, se não fosse Gemba, Roberto, Luthero, Giovani, Telmo, Gerber, Marcelo, João Luiz, Nena, Danilo e Sada, você estava na boca do lobo.

GILDA: Não esqueça que Ode viajou com Salete, Fausto, Gelson e Hermes, naquele projeto de itinerância do Teatro Guaíra, o que foi ótimo em todos os sentidos.

ODELAIR: Quem não tem amigos está morto. Verrinha, Cidinha, Loraci, Eloá, Lica, Tânia, Angelita, Dirce, Olga, Kaike, Claudinha e "tio" Hugo, estavam ao meu lado. Não me faltou trabalho nem afeto.

CLAUDETE: Graças a Deus, ainda existe gente generosa e solidária.

ODELAIR: Minhas irmãs Lu e Eliane, meus irmãos Claudio, Paulo Alfredo e Glauco, como sempre, foram maravilhosos comigo. O carinho deles, de vocês, de Rosângela, Edinho, Edson Inácio e Zimermann foi o que me deu alento. Ainda, se não fossem Nena, Raquel, Gisele, Elisa, Celinha, Carlos e Maria Helena não sei se hoje estaria viva. Em vários momentos cheguei a pressionar a faca no meu pulso. Teatral, eu sei, mas era a minha vontade. Vocês acreditam que Alexandre telefonou prá mim? Eu até pensei que o assunto seria o divórcio mas não, era a venda da casa que, aliás, foi presente de casamento de meus pais. Marcamos no apartamento, hoje, às

duas horas. Pra não variar chegou de porre. Com um aspecto que me fez sentir pregos no estômago. Não sei bulir lucidamente com essa situação. Poupo vocês dos detalhes sórdidos da conversa.

NEIVA: Aquele fiofó chupando manga aparece depois de sete anos, na data que a filha morreu, pra discutir negócios? Não falou em Beatriz?

ODELAIR: Não tocou no nome da filha. Vocês tinham que ver o tipo, cheio de gás. O dono do "putero".

REGINA: Que insensibilidade. Imagino o que você deve ter sentido. Depois de tanto tempo e de tudo que aconteceu, ter que encarar aquele dragão de Comodo, ouvir a voz daquele homem.

ODELAIR: Garanto a vocês que foi um tormento. Sentamos à mesa da cozinha e ele teve a audácia de pedir *whisky*. Assistindo Alexandre beber, já na terceira dose, falando enrolado, espumando, meu pensamento voltou pra Beatriz ensangüentada no carro retorcido. Ela no hospital. Morta no caixão. Gente, entrei em erupção vulcânica. Minha filha morta aos I5 anos - por culpa dele - e o cretino ali, vivo, falante, fazendo graça, encharcando o pacová de álcool.

CLAUDETE: Numa hora dessas dá pra entender o que seja a ira bíblica. Ode, como você pôde casar - e pior - ficar casada com esse sujeito tanto tempo? Ricardo, Fernandinho e Miguel amavam você de verdade. Os três, gente finíssima. Alexandre não valia e não vale nem o que vomita.

ODELAIR: Vocês, outros amigos, meus irmãos, me alertaram mil vezes contra Alexandre. Hilda, Milton, Vera, Tânia e Roberta, foram duros nas críticas. É aquela coisa da paixão. A ilusão idiótica de que um dia a figura mudaria. A debilidade mental da mulher que tenta, que quer ser feliz, apesar de um cotidiano de meleca. Foi isso. É aquele velho ditado espanhol: "cria corvos ao teu redor pra que te arranquem os olhos".

NEIVA: Acordem mulheres. Exijam respeito. Ajam. Reajam. A vida é uma só e curta. Sem medo meninas. Vamos à arena. O "toro miura" não está com essa bola toda.

GILDA: Deus nos livre da burrice. Da pasmaceira. De ter que chorar lágrimas de sangue porque não se teve peito pra tomar atitudes, na hora certa. Perdoe Ode, mas essa é a tragédia de muitas mulheres. Suportar o insuportável.

ODELAIR: É verdade, quando a gente acorda Inês está putrefata. Gilda fia, mucama minha, você que é jovem, magra e não fuma, por favor, traga um café pra mim. Gurias, chegou um momento que não pude mais aguentar a presença de Alexandre. Se, realmente, estivesse prestando atenção em mim, ainda que podre de bêbado, teria percebido o ódio avassalador que sinto por ele. Gente, eu despiroquei. Levantei da cadeira, peguei uma faca afiada, encostei meu corpo em seu braço direito, puxei - pelo cabelo - sua cabeça pra trás e passei com força a lâmina na sua garganta. De cabo a rabo. A coisa foi tão rápida que ele me olhou com espanto, gemeu, deu uma tremida e entrou no bico do corvo. Joguei seu corpo sobre a mesa. Indiferente, fiquei olhando o sangue escorrer e pingar no chão. Deixei o filho das mil putas na cozinha e fui tomar banho pra vir ao ensaio. Vocês podem não acreditar, mas até cantei no chuveiro.

Clitemnestra ressuscitada, mais sanguinária que nunca.

GILDA: Despirocou mesmo Ode. Matar Alexandre assim, sem mais aquela? Você podia ter dado umas porradas. Chamar aquele praga de tudo, mas degolar a criatura, você exagerou mulher.

ODELAIR: Se tivesse tempo esquartejava aquilo como carne de açougue.

NEIVA: Ode, que rebuceteio. Estragou sua vida pelo borra bosta do Alexandre.

- CLAUDETE: Você percebe, santinha, que indo em cana merdeias com o espetáculo? Não pensou nisso? Não pensou em nós? No dinheiro que já gastamos na produção? No tempo que estamos trabalhando nesta peça? Não lembrou, caralho, que nossa estreia é daqui há três dias? Se Malu e Marlene estivessem aqui teriam um infarto. A polícia vem atrás de você. O que vai fazer? O que nós fazemos?
- ODELAIR: Coisa nenhuma "guapíssima". Confesso o crime e pronto. Como Medéia pediu a Creonte, eu precisava de "um só dia". "Um dia só" pra executar minha vingança. Vou em cana feliz da vida. Enfim, surgiu a oportunidade que eu esperava. Marlene pode me substituir, sabe todas as falas e todas as marcas. O espetáculo estreia na data marcada. Ninguém será prejudicado.

(toca o telefone. Gilda atende.)

- GILDA: Alô! Quem? Quem está falando? (olha pras outras aturdida.) Desculpe, quem é mesmo? Alexandre? (super clima) Um momento. (estende o telefone pra Odelair. As meninas estão de cara. Regina aplaude a convincente performance. Odelair agradece como uma bailarina. Vai ao telefone.)
- ODELAIR: Fale! Ocorre que esperei por você. Se não pôde ir na hora combinada e não teve a gentileza de me avisar, imensa pena. Eu disse que tinha ensaio. Não ia ficar coçando a checa esperando Godot. Soube pelo Lúcio que você quer vender a casa. Olha, a casa é importante pra você, estou me lixando. Se quiser vender venda. Morou nela todo esse tempo, sem se tocar que a casa é minha também. Alexandre, lembra que nesta data, há sete anos, Beatriz morreu no acidente que você provocou? É! Pois é! Acredito!!! Eu sei que tenho que assinar os papéis. Amanhã, nem pensar. Agora, só depois da estreia do espetáculo (faz um gesto pra Claudete, que ficou preocupada com o destino da peça). Não, não, por favor, não telefone nem me procure. Vou falar com Taninha e Maria Célia, minhas amigas que são advogadas. Anote, dia 5 de junho, às 10:00 horas, direto no Cartório. Pode tratar também do divórcio. Fique tranquilo, não quero nada de você. Vamos enterrar

definitivamente esse assunto (*desliga o telefone*). Eu ainda não matei aquele "buraco negro" (*as meninas estão atônitas. Abraçam Odelair*).

REGINA: Pelo amor de Deus Ode, isso é brincadeira que se faça? Cã, quase nos mata de susto. A nossa peça, se Dioníso quiser, se nenhuma de nós surtar acho que vai dar samba. "Merda" pra nós. Deliciosas, em suas marcas. Vamos recomeçar o ensaio.

(as meninas brincam abraçando Odelair, umas às outras.)

Cai a luz. "A Força do Destino" volta a mil. As atrizes já se colocam pro agradecimento. Luz total.

HISTÓRICO



Sala da assessoria da diretora artística do Centro Cultural Teatro Guaíra - 2006.

Uma das frases destacadas por Yara: "Prefiro servi-los como eu entendo a ser partícipe do comando como eles entendem" – "Coriolano" de Shakespeare.

Natural de Antonina - Paraná, Yara Moreira de Moraes Sarmento nasceu no dia 7 de junho de 1940. Portanto, geminiana. Filha de Nerea Gomes Moreira de Moraes Sarmento - antoninense, vereadora na mencionada cidade, Cidadã Honorária de Curitiba, por proposição do então vereador Neivo Beraldin, e Vulto Emérito de Antonina, uma homenagem da, à época, vereadora Marigel Machado - e do curitibano Mário Miranda de Moraes Sarmento, advogado, filho do Coronel Joaquim Antonio de Moraes de Sarmento, herói da História do Paraná, Patrono da Polícia Militar do Estado, nome de rua em Curitiba em razão de ter sido um dos militares com atuação decisiva na Guerra do Contestado.

Morou em Antonina com sua avó, <u>Alice Gomes Moreira</u>, e seus tios <u>Luizinha</u> e <u>Francisco Picanço</u>. Veio residir, permanentemente, com seus pais em Curitiba em 1950.

Estudou no Grupo Escolar "Brasílio Machado". Nos Colégios Divina Providência e São José. Em todas as apresentações artísticas montadas pelas instituições de ensino, Yara participou.

Cursou Direito na Universidade Federal do Paraná - 1958/1962.

Iniciou sua carreira artística na <u>Academia de Danças Espanholas</u> —Sociedade Thalia e Círculo Militar do Paraná - da professora <u>Bárbara Grand</u> e de sua filha <u>Beatriz Di Paolo Torres</u>, em 1955. Dançou pela mesma Academia até 1964.

Em 1963/1964 atuou como bailarina no programa "Postais de Operetas", na TV Paranaense, dirigido por <u>Cícero Camargo de Oliveira</u>. Participações: <u>Claudete Rufino, João da Glória, Adolar Zandoná, Airton Müller</u> e outros. Estreou como atriz na TV Paraná no programa "Colégio de Brotos", dirigido por <u>Sinval Martins</u>. Trabalhou no programa semanal "Teatro de Equipe", dirigido por <u>Glauco Flores de Sá Britto</u>. Faziam parte do elenco: <u>Lala Schneider, Claudete Barone, Irene Moraes, Aristeu Berger, Joel de Oliveira, Luiz Hilário</u> e outros. Participou também do humorístico "Telstar Festival" da TV Paraná, dirigido por <u>Maurício Távora</u>. Ainda, como bailarina, no "Big Gincana Duchen" apresentado por <u>Acidália Chen</u>.

Em 1964 foi para o Rio de Janeiro. Participou como atriz na <u>TV Tupi</u> dos teleteatros: "Clube do Morcego" dirigido por <u>João Loredo</u> e "Teatro de Comédia", sob o comando de <u>Odair Marzano</u>. Fez teste seletivo por ocasião da inauguração da <u>TV Globo</u>. Aprovada, trabalhou nos programas: "Festa em Casa"; "4 no Teatro"; "Presença"; "Capitão Furação"; "Quando a Vida é Uma Canção"; "Encontro às 4". Também nas novelas: "Rosinha do Sobrado"; "A Moreninha" e "Padre Tião", sob a direção de <u>Graça Melo.</u> Em "Um Rosto de Mulher", direção de <u>Sérgio Britto</u>. Ainda na TV Globo apresentou o noticiário "Tele-Jornal da 1:00 Hora".

No início de sua carreira no Rio de Janeiro, Yara teve o apoio de <u>Janet Dequech</u>, <u>Lucy Castelo Branco</u>, <u>João Loredo</u>, <u>Odair Marzano</u>, <u>Graça Melo</u>, <u>Paulinho Graça Melo</u>, <u>Ivan Leroux</u>, <u>Joel Vaz</u>, <u>Claudia Martins</u>, <u>Marília Pêra</u>, <u>Gracindo Júnior</u>, <u>Sergio Britto</u>, <u>Nestor Montemar</u>, <u>Edna Savaget</u> e <u>Maria da Glória</u>.

No Rio de Janeiro trabalhou ainda na <u>TV Continental</u> em "**Bombom e Fiapo**", direção de <u>Dudu Barreto Leite</u>, ao lado de <u>Vera Barreto Leite</u>, a qual foi manequim - em Paris - de Dior, Chanel e outros estilistas internacionalmente famosos. Apresentou os programas: "**Sessão das 9:30**" e "**Coral 2/4**".

No Teatro integrou as produções: "Flor de Cactus", no <u>Teatro Copacabana</u>, produção de <u>Oscar Ornstein</u> por indicação de Claudinha Martins, bem como em "Onde Canta O Sabiá", no <u>Teatro do Rio</u>, sob a Direção de <u>Paulo Afonso Grisolli</u>. Este foi o primeiro espetáculo "pop" do Brasil, estrelado por <u>Marília Pêra</u> e <u>Gracindo Júnior</u>. O convite para integrar tal elenco partiu de <u>Marília</u>, <u>Gracindo</u> e <u>Nestor Montemar</u>.

A convite de <u>Carlos Machado</u> fez parte do elenco da revista musical "Carlos Machado's Holliday", na Boate Fred's, ao lado de <u>Irene Ravache, Cláudia Martins, Sueli Franco, Rossana Ghessa, Ari Fontoura e Hugo Sandes.</u>

Fez dublagens para filmes de televisão e de cinema nos estúdios Herbert Richers e Peri Filmes.

Mudou-se para São Paulo em 1967. Participou, na <u>TV Globo</u>, do teleteatro "**Processo 68**", produção de <u>Valêncio Xavier</u>. No Teatro, das peças: "**Receita de Vinícius**", direção de <u>Sady Cabral</u> no <u>Teatro das Nações</u> e "**A Raposa e as Uvas**", direção de <u>Nydia Lícia</u>, no <u>Teatro Bela Vista</u> e em temporada popular, nos espaços cênicos dos bairros paulistas. O ator <u>Sergio Cardoso</u>, ex-marido de Nydia, amigo de <u>Glauco Flores de Sá Britto</u>, apresentou Yara à citada atriz e produtora.

Ainda atuou no programa <u>Silvio Santos</u>, no quadro "A **Justiça dos Homens**", produzido por <u>Valêncio Xavier</u>, como membro da Promotoria Pública. Paralelamente, foi professora no <u>Instituto São Paulo</u>, escola para crianças surdas e com problemas de comunicação verbal, lecionando Estruturação de Linguagem e Psicomotricidade, por recomendação de <u>Dudu Barreto Leite</u> e <u>Maria Conceição Conte</u> – 1968/1970.

Nesse período participou dos cursos: "Sistema Universal Verbotonal Guberina de Reabilitação Auditiva e Fonética" – Center Zá Rehabilitaciju Sluha I Govera – Zagreb/Iugoslávia. Psicomotricidade sobre o Método "Le BonDepart" – Professora <u>Yolanda Bianco</u>/ PUC-SP.

Voltou ao Paraná em 1970. Em Antonina abriu restaurante no <u>Clube Náutico</u>, com <u>Dudu Barreto Leite</u> e <u>Maria Conceição Conte</u>, o qual se transformou em local de encontro de litorâneos e curitibanos. Nos finais de semana promoveram atividades artístico-culturais, em especial, com os valores capelistas.

De 1971 à 1974, colaborou com colunas para os jornais "O Antoniense" de Admaro Santos; "O Estado do Paraná", com a coluna "Papeando", apoiada por Mussa José Assis. Na revista "Quatro Estações", escrevendo sobre Turismo, a convite do jornalista Nelson Faria de Barros.

Em 1972, retoma sua carreira de atriz, em Curitiba, participando de "**Via Crucis**", direção de <u>Oraci Gemba</u> e produção de <u>Paulo Sá</u>.

Foi diretora do **Grupo Momento de Teatro**, criado juntamente com <u>Gemba</u>, <u>Angela Wogel, Lauro Hanke</u> e outros, tendo na produção executiva <u>Verrinha Walflor</u> - 1972/1977.

Montagens realizadas pelo Grupo Momento: "Electra"; "Marat-Sade"; "Maria Bueno"; "A Casa de Bernarda Alba"; "O Cerco da Lapa"; "Carla, Gigi e Margot"; "Momento de Natal"; "Auto de Natal" e o show "Funeral para Um Rei Negro" (1975), com Lápis e Evanira, no Teatro Paiol e no auditório Bento Munhoz da Rocha Netto do Teatro Guaíra, com textos de Gemba e Yara. Todos os espetáculos dirigidos por Gemba.

Integrou também o elenco da produção <u>do Teatro de Comédia do Paraná - TCP</u>, da então Fundação Teatro Guaíra - FTG, "**A Torre em Concurso**", sob direção de <u>Oraci Gemba</u> - 1976.

Yara participou também de narrações, locuções e entrevistas no <u>Museu da</u> <u>Imagem e do Som</u>, quando o órgão foi dirigido pela jornalista <u>Marly Garcia Correia</u>, inclusive no documentário em Super 8, sobre o "**Barreado de Antonina**".

Fez parte da equipe paranaense que elaborou o ante-projeto da <u>Lei 6.533/1978</u>, a qual regulamenta a Profissão de Artista e Técnico em Espetáculos de Diversões, com destaque para o trabalho de <u>Luciana</u> e <u>Aluízio Cherobim</u>, <u>Delcy</u> e <u>Edson D'Avila</u>, entre outros.

Com a peça "Carla, Gigi e Margot", recebeu o <u>Troféu Gralha Azul</u> de Melhor Atriz na edição 1976/1977. No ano seguinte, recebeu o mesmo Troféu de Melhor Atriz Coadjuvante por seu trabalho na peça dirigida por Menghini, "Cinderela do Petróleo", montagem que comemorou os 10 anos da <u>Companhia Roberto Menghini</u>.

Os jornais O Estado do Paraná e Tribuna do Paraná concedem-lhe, em 1978, o Diploma de Melhor do Ano/1977 como <u>Melhor Atriz de Teleteatro</u>.

Em 1975, em cargo comissionado, trabalha na gestão do doutor <u>Túlio Vargas</u>, recomendada pela poeta <u>Vera Vargas</u>, amiga e colega da Faculdade de Direito, na <u>secretaria de Estado da Justiça</u>. Integrou a equipe da assistente social, senhora <u>Dirce Pacheco</u> - assessora para Assuntos Penitenciários – com quem aprendeu sobre a importância da dedicação ao trabalho; da ética profissional. Na mesma equipe, além de estagiários, trabalharam <u>Olga e Kaike Sá de Ferrante e Marilyn Miranda</u>. Permaneceu no citado órgão até 1983, cursando no período, na Faculdade de Direito de Curitiba, "<u>Habilitação Específica em Direito Penal e Criminologia</u>".

Sob a orientação de <u>Ermelino de Leão Neto</u>, em 1979, faz teste seletivo para ingresso no quadro efetivo de pessoal da supra referida secretaria de Estado. Em 1978 recebe "Placa de Prata - <u>Honra ao Mérito</u>", na gestão do doutor <u>José Maria Azevedo</u>.

É transferida para então <u>Fundação Teatro Guaíra</u>, em 1983, prestando serviços de assessoria ao recém nomeado <u>superintendente</u>, <u>Oraci Gemba</u>.

Na edição 1985/1986, recebeu junto com <u>Delcy</u> e <u>Edson D'Avila</u> e <u>Waldir</u> <u>Manfredini</u>, Menção Honrosa pela criação do <u>Troféu Gralha Azul</u>. Em 1985 a <u>Comenda Dama Rouge</u>.

Para os Festivais de Música Popular Brasileira da Fundação Copel, produzido por Maria Alice Tréglia Moreira, Yara escreveu os textos de apresentação das músicas inscritas, sem nenhum ônus para o órgão - 1981 a 1985.

Na edição 1988/1989, volta a ser homenageada com o Trófeu acima citado pela Fundação Teatro Guaíra - hoje, Centro Cultural Teatro Guaíra - CCTG - e pela classe artística paranaense, pelo trabalho que desenvolveu em Brasília junto à <u>Assembléia Nacional Constituinte</u>, em favor das artes e das culturas brasileiras, assim como pelos legítimos interesses dos trabalhadores de um modo geral. Nesse trabalho, representou as entidades nacionais de artistas, técnicos e de produtores em espetáculos de diversões.

Participaram também desse trabalho continuado — 1987/1988: <u>Beth Casé</u> - SATED/Espírito Santo; <u>Eduardo Cabus</u> - APAC/Bahia; <u>Lígia de Paula Souza</u> - SATED/São Paulo; <u>Alice Vergueiro</u> e <u>Sérgio Sanz</u> - SATED/Rio de Janeiro. Foi decisivo a esse trabalho o apoio de <u>Elisa Gonçalves Martins</u>, diretora do PROCON/DF à época, bem como de <u>Guilherme Cabral</u>, representante do Instituto Nacional de Artes Cênicas - INACEN, no Distrito Federal. Importantíssima foi, igualmente, a participação dos representantes do SATED e da APAC/Minas Gerais.

Essencial foi o suporte oferecido por Luciana Cherobim.

<u>Maurício Fruet</u> e <u>Nelton Miguel Friedrich</u>, deputados federais na ocasião, colocaram à disposição de Yara seus gabinetes para tal trabalho. Também, no inestimável apoio com vistas ao encaminhamento de emendas ao anteprojeto da Constituição Federal.

Em <u>Belo Horizonte</u>, 1989, é homenageada pelo SATED/MG e APAC/MG por seu trabalho junto à Assembléia Nacional Constituinte, em Brasília. No referido ano foi convidada pelas <u>secretarias de Estado da Cultura do Pará</u> e do <u>Piauí</u> para dar palestras sobre Cultura na Constituição de 1988. Também foi a <u>Londrina</u>. Falou no <u>Curso Superior de Artes Cênicas</u> em Curitiba, e em inúmeras reuniões com a classe artística paranaense.

Em 1991, a <u>Câmara Municipal de Curitiba</u> concede-lhe Diploma de Reconhecimento por sua atuação em favor da área cultural.

Por escolha da classe cênica nacional, representa as entidades ANEATE e ANPAC no período de 1999 a 2001, como conselheira na <u>Comissão Nacional de Incentivo à Cultura</u> - CNIC, <u>Lei Rouanet</u>, junto ao <u>ministério de Estado da Cultura</u>, em Brasília, na área das artes cênicas, essa coordenada com dedicação e competência por Angélica Salazar Pessôa Mesquita.

Recebe a Orden Del Merito Andaluz concedida pelo <u>Centro Andaluz de</u> <u>Flamenco y Peña Montoya</u>, em 1994, por seu dedicado culto à dança flamenca.

Em 1996 é homenageada com o Prêmio Especial do Troféu Espaço da Criança, promoção de <u>Giovani Cesconetto/Mara Rangel</u>. Também pelo <u>Conselho Estadual da Mulher</u>, no mesmo ano, por sua contribuição à Cultura, por ser artista pioneira e premiada do estado do Paraná.

Fez a locução dos textos que acompanharam o espetáculo "**Bastidores da Alma**", 1996, produzido pela <u>Escola Danjô Corpodança</u> de <u>Neiva</u> e <u>Jô Braska Negrão</u>, no Auditório Bento Munhoz da Rocha Netto.

O Consulado da Grécia no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, através dos professores <u>Constatino e Maria Comninos</u>, concede-lhe <u>Diploma de Mérito Thalia</u>, por ser uma das idealizadoras do Troféu Gralha Azul - 2004.

Com <u>Delcy e Edson D'Avila</u>, <u>Celso Toniolo</u> e outros fundou a Associação Profissional dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões no Estado do Paraná - APATEDEP, em 1973. Fez parte da diretoria até a fundação do SATED/PR.

Ao lado de <u>Luciana</u> e <u>Aluízio Cherobim</u>, <u>Delcy</u> e <u>Edson D'Ávila</u>, <u>Celso Toniolo</u>, <u>Lúcio "Gabiroba" Togo Mange</u> e outros, funda em 1981 o Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões no Estado do Paraná – SATED/PR, participando da diretoria.

Assumiu a presidência do mesmo Sindicato no período de 1988 a 1991.

Juntamente com <u>Oraci Gemba</u>, <u>Aramis Millarchi</u> e outros, no início nos anos 70 reivindica a restauração e equipamento do **Paiol**, como espaço artístico-cultural para a cidade.

Foi diretora de artes e programação da então <u>Fundação Teatro Guaíra</u> na <u>gestão</u> <u>de Oraci Gemba</u>, no período de novembro de 1983 a maio de 1985. **Principais realizações:** Reunião com a classe cênica para elaboração do **Plano de Ação da Gestão**

Gemba. Reestudo do Regulamento da Fundação Teatro Guaíra. Elaboração do Plano de Cargos e Salários. Implantação da Orquestra Sinfônica do Paraná, com a decisiva participação de Eleni Bettes, Ivo Lessa e do Maestro Alceo Bocchino. Criação dos Cursos Superiores de Artes Cênicas e de Dança, em convênio com a Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC, graças ao inestimável apoio da vice-reitora <u>Ivete Cardoso de Almeida</u> e da professora <u>Elisa Gonçalves Martins</u>, à época assessora do secretário de Estado da Cultura e Esporte, Fernando Ghignone, assim como da dedicação das servidoras Carla Reinecke e Carmem Hoffmann. Publicação de revista sobre o centenário da instituição de espaço cênico oficial: Teatro São Theodoro -Teatro Guayra - Teatro Guaíra - 1884/1984, contando sobre a então Fundação Teatro Guaíra, suas Unidades e as ações artístico-culturais desenvolvidos pela Casa. Nesse trabalho destaca-se o empenho e a competência do Jornalista Nelson Faria de Barros e o talento em diagramação e arte de José Victor Cit. Criação da Carreta Popular, contando com o especial empenho dos servidores Lílian Fleury Dória e Laerte Ortega. Instituição do **Setor de Circo**, com o trabalho dedicado e competente do mesmo <u>Laerte</u> Ortega. Reativação do Teatro de Comédia do Paraná - TCP, contando com a preciosa experiência de produção do servidor Warly Martins Ribeiro. Depois, com a dedicação de Eros Merlin Trevisan. Retomada da Ópera. Reativação do Setor de Teatro Amador, sob a responsabilidade da servidora Aparecida Damásio. Implantação de Informativo Mensal sobre a Programação dos Auditórios da Casa. Lançamento de editais de apoio à montagem teatral independente, em co-produção com o TCP. Articulações para a instituição do segundo grau junto à Escola de Dança Clássica do Teatro Guaira. Circulação dos espetáculos do TCP e do Balé Teatro Guaira, inclusive a Portugal, com o espetáculo "O Grande Circo Místico". Implantação do Setor de Preservação e Memória. Institucionalização do Troféu Gralha Azul. Realização do **Projeto "Caixa Estante"**, desenvolvido pela supracitada servidora <u>Cida</u> <u>Damásio</u> – textos teatrais para os interessados da Capital e municípios do estado, entre outras ações.

Malu Willumsen, assessora jurídica na gestão Gemba, com sua enorme capacidade de trabalho, orientou a diretoria no caminho do cumprimento das leis e das normas, da ética, da justiça, da solidariedade com os servidores da Casa, assim como nos deu inteiro apoio no devido atendimento às Companhias e Grupos cênicos independentes.

Sob a coordenação da diretora artística <u>Loraci Setragni</u>, em 1994, participou da equipe que elaborou revista referente à então Fundação Teatro Guaíra, da qual participaram também <u>Vera Andrade</u>, <u>Elenice José Macedo</u>, o Jornalista <u>José Carlos Correia Leite</u>, <u>Mara Moron</u> e outros. Projeto gráfico de <u>José Victor Cit</u>.

Ocupou o cargo de vice-presidente do SATED/PR, em segundo mandato até 2008, permanecendo na diretoria. Desenvolveu inúmeras ações voltadas às políticas públicas para a área das artes cênicas, juntamente com <u>Christo Dikoff</u>, atual Presidente, <u>Luciana</u> e <u>Aluízio Cherobim</u>, <u>Delcy</u> e <u>Edson D'Avila</u>, <u>Grazianni Branco da Costa</u>, <u>Isidoro Diniz</u>, <u>João Luiz Fiani</u>, <u>Cláudio Iovanovitchi</u>, <u>Regina Vogue</u>, <u>Eliane Berger</u>, <u>Neiva Camargo Iovanovitchi</u>, <u>Giovani Cesconetto</u>, <u>Geraldo Kleina</u>, <u>Jewan Antunes</u> e outros

Em 1992 assume a secretaria executiva do <u>Troféu Gralha Azul</u> junto ao CCTG, tendo como assessora e produtora a servidora <u>Rozana Fátima dos Santos</u>. Promoveu pesquisa sobre a trajetória do mesmo prêmio, como base em trabalho anterior realizado por <u>Enéas Lour</u> e <u>Mario Schoemberger</u>. A partir de 2000, assessora a secretária executiva do referido Troféu, <u>Celia Regina Polydoro</u>, até 10 de março de 2009.

Atuou também na assessoria das diretoras artísticas: <u>Loraci Setragni</u>, <u>Mara Lucia Moron</u>, <u>Débora Tadra</u>, <u>Marlene Montenegro</u>, <u>Marila Vellozo</u>, <u>Nena Inoue</u>, do diretor <u>Enéas Lour</u> e, atualmente, na gestão de <u>Lu Rufalco</u>.

No Teatro Guaíra, ao lado do servidor <u>Gilberto Carbonar</u>, elabora minutas dos editais lançados pela Autarquia. Procederam o reestudo – com referência no trabalho realizado por <u>César Fonseca</u> - pertinente ao Regulamento do Centro Cultural Teatro Guaíra - 2005/2006. Integrou a equipe de servidores dessa Casa, composta por <u>Vera Lúcia Andrade</u>, <u>Eliane Hess</u>, <u>Mara Moron</u>, <u>Paulo Damasceno</u>, <u>Gilberto Carbonar</u> e outros, com vistas às articulações para a implantação da Gratificação por Espetáculo no percentual de cem (100%) por cento sobre o salário-base dos funcionários dessa Instituição - gestão <u>Oswaldo Loureiro</u> - em razão de que o salário da imensa maioria deixava a desejar. A Lei que instituiu a supracitada Gratificação - em 50% sobre o salário-base dos funcionários - foi iniciativa do secretário de Estado da Cultura doutor <u>Renê Ariel Dotti</u> e do superintendente <u>Constantino Viaro</u>, atendendo ao pleito da Associação dos Funcionários.

Sob a coordenação de <u>Cloris Ferreira</u>, trabalha na elaboração de proposta ao quadro de salários para os Corpos Estáveis da instituição.

Presta depoimento sobre sua carreira artística, em 1996, ao <u>Setor de Preservação</u> e <u>Memória do Teatro Guaíra</u>, entrevistada por <u>César Fonseca</u>.

Em 1997 foi uma das criadoras do **Fórum das Entidades Culturais - Curitiba/PR**, ao lado de <u>Berenice Mendes</u>, <u>Glauco Souza Lobo</u>, <u>Eliane Berger</u>,

<u>Waltraud Sékula</u>, <u>Luiz Arthur Montes Ribeiro</u>, <u>Marcelo Miguel</u>, <u>Luciano Lacerda</u>,

<u>Cláudio Ribeiro e Oswaldo Aranha</u>, entre outros. Uma das mais importantes iniciativas desse grupo foi a implantação do **Programa Conta Cultura -** 2001 - junto à secretaria de Estado da Cultura, na gestão de <u>Mônica Rischbieter</u>. Yara continua fazendo parte da coordenação do mencionado Fórum, que conta ainda com <u>Ana Carmen Oliveira</u>, <u>Mara Sperandio</u>, <u>Giovani Cesconetto</u>, <u>Manoel Souza Neto</u>, <u>Gladis Tridapalli</u>, <u>Loire Nissan</u>, <u>Silvana Cavichiolo e Rosimere Rocha</u>, entre outros. Nessa fase foi significativa a participação de Ragnhild Borgomanero.

Participou das equipes elaboradoras dos ante-projetos das Leis Municipal e Estadual de Incentivo à Cultura. Projetos de Lei do então vereador e deputado estadual Ângelo Vanhoni.

No primeiro mandato <u>Beto Richa</u>, integrou a equipe elaboradora do anteprojeto referente à revisão da Lei Municipal de Incentivo à Cultura, representando o Fórum das Entidades Culturais - Curitiba/PR, juntamente com Waltraud Sékula, Ulisses Galeto e Paulo Munhoz. Da Fundação Cultural de Curitiba - FCC: Paulino Viapiana, Marcelo Cattani, Heliomar Dutra, Christine Baptista, Reinaldo Lima e Guilmar Silva. Incentivadores: Sérgio Gielow e José Luiz Casela. Vereadores: Julieta Reis, Nely Almeida, André Passos e Ângelo Batista. Igualmente, da equipe elaboradora do Decreto Regulamentador, representando o mencionado Fórum, com Waltraud Sékula, Paulo Munhoz e Antonio Carlos Domingues. Da FCC: Ana Maria Hladczuk, Reinaldo Lima, Heliomar Dutra, Sérgio Mahlmann Malheiros - presidente Paulino Viapiana -2005/2006. Sem esquecer a inestimável colaboração de Zilá Walenga Santos e Maria <u>Inês Barreto</u>. Também, da equipe elaboradora do ante-projeto da <u>Lei Estadual de</u> Incentivo à Cultura/Decreto Regulamentador, junto à secretaria de Estado da Cultura gestão de Mônica Rischbieter - equipe composta por Berenice Mendes, Glauco Souza Lobo, Christine Baptista, Cláudio Ribeiro e André Galvão, de Londrina - 2001. Foi decisiva a participação de Claudio Iovanovitchi em todo esse processo. Também foi escolhida pela classe para representar a área das artes cênicas, nas

<u>Comissões do Mecenato da Lei Municipal de Incentivo à Cultura</u> - Fundação Cultural de Curitiba, nos períodos de 1992/1993 e 1998/2001.

Yara está na militância política cultural através da APATEDEP e do SATED/PR há 36 (trinta e seis) anos, tendo integrado inúmeras comissões e equipes de trabalho e articulação sobre temas de interesse da referida área, bem como em favor das reivindicações daqueles que na mesma atuam.

Participou do grupo que elaborou o ante-projeto da <u>Lei/Decreto Regulamentador</u> com vistas ao Fomento ao <u>Teatro</u> - Projeto de Lei do deputado <u>Ângelo Vanhoni</u> - com o apoio da secretária de Estado da Cultura, professora <u>Vera Maria Haj Mussi Augusto</u> - com destaque para o trabalho de <u>Isidoro Diniz</u>, <u>Geraldo Kleina</u>, <u>Cláudio Iovanovitchi</u>, <u>Giovani Cesconetto</u>, <u>Regina Vogue</u>, <u>Márcia Moraes</u>, <u>Sueli Araujo</u>, <u>Jewan Antunes</u> e outros. Da secretaria: <u>Glauco Souza Lobo</u>, <u>Lia Amaral</u>, <u>doutor Aloísio Miecznikowski</u>, <u>Maristela Gavelak</u> e <u>Andréia Barberena</u>.

Também, ao lado de <u>Isidoro Diniz</u>, elaborou proposta de ante-projeto de Lei relativo ao <u>Fundo Estadual de Cultura</u>, com vistas à apreciação da senhora secretária de Estado da Cultura e sua equipe.

A <u>Comissão Estadual de Artes Cênicas</u> - CEAC foi instituída em 1981, no governo <u>Ney Braga</u>, por força da articulação e da participação da classe cênica na elaboração do regulamento dessa Comissão. Da equipe participaram: <u>Elisa Gonçalves Martins</u>, representante do Serviço Nacional de Teatro-SNT/ministério da Educação e Cultura no Paraná; <u>Oraci Gemba</u>, <u>Luciana</u> e <u>Aluízio Cherobim</u>, <u>Delcy</u> e <u>Edson D'Ávila</u>, <u>José Basso</u>, <u>Eloá Teixeira</u>, <u>Loraci Setragni</u>, <u>Dudu Barreto Leite</u>, <u>Sérgio Zanquettin</u> e outros. Yara integrou ainda a CEAC, na elaboração de editais e na seleção dos projetos inscritos aos mesmos. Na gestão do doutor <u>Renê Ariel Dotti</u> frente à secretaria de Estado da Cultura, fez-se a revisão do citado Regulamento. A CEAC, à época, tomou caráter deliberativo por vontade política do então titular da Pasta da Cultura.

No mesmo período, Yara representando o SATED/PR, <u>José Basso</u> representando a APAC/PR e <u>Elisa Gonçalves Martins</u> representando o Serviço Nacional de Teatro - SNT/ ministério da Educação e Cultura - MEC, gestionaram junto ao supracitado secretário de Estado, no propósito da conclusão e equipamento do **Teatro da Classe**, hoje **Teatro José Maria Santos**, Unidade do Centro Cultural Teatro Guaíra.

No <u>Curso Superior de Artes Cênicas</u> - CCTG/PUC, foi responsável pela **disciplina de Legislação Teatral** - 1993/1994. Lecionou a mesma disciplina nos cursos

para diretor de produção promovidos pelo SATED/PR, assim como no curso de Interpretação realizado pelo <u>Teatro Lala Schneider</u>, espaço cênico comandado por <u>João Luiz Fiani</u>.

Yara propôs, em 2006, à Fundação Cultural de Curitiba - FCC, a institucionalização anual do **Concurso de Dramaturgia Oraci Gemba**. Sugestão acolhida graças ao empenho dos servidores <u>Christine Baptista</u>, <u>Zilá Walenga Santos</u>, <u>Beto Lança</u>, <u>Clóvis Severo</u>, do diretor da FCC <u>Marcelo Cattani</u> e do jornalista <u>Dante</u> Mendonça.

Deu continuidade à sua carreira como atriz, em 1977, na <u>Rede CNT</u> com <u>Roberto Menghini</u> no teleteatro "**Histórias Que A Vida Conta**", juntamente com <u>Gilda Elisa</u>, <u>Delcy</u> e <u>Edson D'Ávila</u>, <u>Odelair Rodrigues</u>, <u>Marilyn Miranda</u>, <u>Maria Helena Moura</u>, <u>Araci Pedroso</u>, <u>Airton Muller</u>, <u>José Basso</u>, <u>Clóvis Aquino</u>, <u>Feliciano Macan</u>, <u>Lúcio "Gabiroba" Togo Mange</u>, <u>Paulo Cardoso</u> e outros.

Em 1996 participou de episódios no teleteatro "**Pista Dupla**" – <u>Rede CNT</u> - sob a direção de <u>Atílio Riccó</u> e Roteiro de <u>Lílian Fleury Dória</u>, ao lado de <u>Delcy</u> e <u>Edson D'Ávila</u>, <u>Tadeu Perrone</u>, os gêmeos <u>Willy</u> e <u>Werner Schumann</u>, <u>Adriana Lima</u>, <u>Áurea Leminski</u>, <u>Ênio Carvalho</u>, <u>Simone Klein</u>, <u>Clóvis Aquino</u>, <u>Maria Helena Hornung</u>, <u>Surian Barone</u>, <u>Enéas Lour</u>, <u>Mário Schoemberger</u>, <u>João Luiz Fiani</u>, <u>Florival Gomes</u>, <u>Jana Mundana</u>, <u>Kátia Drumond</u>, <u>Áldice Lopes</u> e outros.

Em março de 2008 recebe em Curitiba, do Shopping Novo Batel - <u>Teatro Fernanda Montenegro</u> - em parceria com o <u>Conselho da Mulher Executiva da Associação Comercial do Paraná</u> e <u>Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais - BPW</u>, homenagem como "Mulheres de Destaque 2007", na área da Cultura.

Em abril do mesmo ano dá entrevista ao programa "Persona" da <u>UFPRTV</u>, conduzido por <u>Nelson Zucchi</u>.

Convidada por <u>Christine Baptista</u> e <u>Zila W. Santos</u> da Diretoria de Patrimônio da Fundação Cultural de Curitiba, participou do projeto "<u>Hora da Prosa</u>" em 30.10.2008, ao lado de <u>Jaime Lerner</u>, <u>Lucia Camargo</u>, <u>Paulo Vítola</u>, <u>Luci Daros</u>, <u>João Egashira</u> e <u>Silvio de Tarso</u>, ocasião na qual comemorou-se os trinta e sete (37) anos do <u>Teatro</u> Paiol.

Recebeu homenagem do Balé Teatro Guaíra na ocasião das comemorações dos 40 anos de existência da Companhia - 2009.

A PORTA PARA O NADA

À Gisele Sarmento.

À doutora Maria Helena Muniz.

Ao doutor Carlos Greca de Macedo.

À Bia Moraes, Celinha Polydoro, Elisa Gonçalves Martins, Gracinha Kindermann, Malu Willunsen, Maria Alice Moreira, Margareth Nascimento Pinto, Marisa Seara, Nena Inoue, Raquel Rizzo, Sôely Walguer Cordeiro, Valderez Pacheco e Virgínia Salomão.

Nós mortais, em qualquer tempo, podemos nos deparar com essa Porta.

Diante dela, sem saber com nitidez qual o caminho que até ali nos levou, vemos que é imensa. Abre-se rápida e silenciosa.

Concluída essa operação, sem aviso, somos tragados pro nada.

Suspensos no ar, tateando sem saber o que fazer, o que dizer, já começamos a implodir de medo.

Nesse nada, o desamparo apodera-se da alma e do corpo. Estáticos, mãos invisíveis nos atam como múmias do antigo Egito. Não há ânimo nem pra estancar as lágrimas que afloram, por tudo e por nada.

Esgotadas as lágrimas, o silêncio. Não queremos ouvir e muito menos escutar nada. Fazer nada. Ver coisa alguma. Falar ou estar com ninguém.

De golpe e sem explicação transpomos outra Porta. Estamos diante de imensidão arenosa. Oceano bege de múltiplas formas assustadoras. Tórrido. Gélido. As chibatadas da areia levada pelo vento, nos cobram o passado e o presente. Ai de nós! Nossa culpa. Nossa máxima culpa. Jogamos a vida no lixo. Imperdoável desatino. Senhor! Senhor! Alguém! Por favor, pra que lado é a saída? Socorro! Alguém nos ajude!

Silêncio. Não se vê viva alma.

É tarefa titânica a locomoção. Cambaleando nas dunas contra o vento, sentimos a vibração da voz. A voz canta cantos tenebrosos. A cada segundo o volume se eleva. No mais atordoante dos decibéis forma-se uma imagem sinistra: a Esfinge tebana.

Como Medusa tem serpentes, todas em movimento. Olhos verdes nunca vistos, acentuam a voz cortante como obsidiana.

O monstro, com desprezo, lança o enigma. Ai de nós! Não sabemos desvendá-lo. Queremos sumir. O pavor é tanto que nos arrastando, escapamos da Esfinge. Debatendo-nos no nada, damos com uma Porta estreita. Abre-se rangendo e nos indica um cenário que mal podemos identificar. Com muito custo, chegando mais perto, vemos enfim um lugar seguro. O quarto. A cama.

Ficamos embaixo dela. No escuro. No silêncio. Sessões de insônia. De sono letárgico, sem fim.

Pobres de nós, que engodo. A Esfinge, ali, espera recostada num triclínio. Congelados de horror fumamos, tremendo, o último cigarro. Nos enrodilhamos e fechamos os olhos. O monstro prepara-se pra seu *gran finale*. Enfim, a morte. Ilusão idiótica. A cena continua. São sete atos e seis quadros em cada um deles. Que tortura. Inclemente, sarcástica, cantando, enumera enigmas que nos atira e pros quais não temos respostas.

Em agonia sussurramos: por piedade, termine de uma vez sua performance. Venha, estamos prontos.

Exaurida pelo nosso despreparo pra vida. Enojada pela nossa fraqueza. Entediada pela nossa falta de graça, a Esfinge cospe na nossa cara. Com voz terrível, mais que empostada, a cruel cantora entoa: Fodam-se!!

A imagem desvanece.

Que humilhação. O monstro, devorador implacável, não nos quer. Como nesse lugar água é fogo, ficamos distantes dela. Assim, o cheiro e o gosto – o monstro adivinha – provocam asco. Ai de nós! Não vamos morrer agora. Continua o suplício. O desfecho ficará pra quando pudermos movimentar o corpo e tivermos coragem pra começar nossa caminhada ao trapiche de Caronte. Agora, pobres de nós, não temos nada pra oferecer ao sinistro barqueiro. Aquele que nos conduzirá pelo Rio Estige, em direção ao mundo dos que já se foram.

Perdidos, queremos, não queremos. Ausência de lucidez e forças pra encontrar o sentido de tudo. A cabeça está vazia. O hipocampo gira em redor de Plutão. A cabeça está em turbilhão indecifrável. A agitação transforma-se em pasmaceira. Nossos olhos estão vazios. Os ouvidos trancados. Olfato, tato, paladar inexistem. O espírito e a mente embotados. O coração bate sem querer bater. Não conseguimos nem disfarçar.

Mentimos mentiras estúpidas que ninguém acredita. Queremos nos esconder. Não temos lugar neste mundo, nem no barco de Caronte. O que nos resta?

Rastejando, chegamos à Porta azul. O amor dos amigos nos arrasta à psicóloga, à mais de um psiquiatra. As sessões nos alentam. Os medicamentos nos tiram da letargia, mas de repente, sem mensagem prévia - ai de nós! - transformam-nos em tigres enjaulados. Pra lá e pra cá. Pra cá e pra lá. Boca seca. Trêmulos. Passos oscilantes. Falando aos gritos. Mudos. Vertendo lágrimas abundantes. Desesperados por um pescoço desavisado que nossos dentes e garras possam estraçalhar, sem pena nem misericórdia. O plano é: mato e me suicido, como na literatura, no teatro, no cinema, como na vida real.

Apatia e destempero. Mais baixos que altos. Só constrangimentos. Os propósitos de resistência às crises, como nos recomendam os amigos, caem como as folhas no outono. Não temos controle sobre coisa alguma. Somos intragáveis pra nós mesmos. Queremos mas não conseguimos reagir. Estamos sós em nossa melancolia.

Os amigos têm sua vida pra viver. Não podemos ser "pesados" pra quem nos ama.

Sentimos o mau desempenho da mente, do espírito, abalar o corpo. Tudo nos afeta: gripes demolidoras. Herpes por todo lado. Hematomas espalhados pelo corpo, sem razão de ser. Paralisia facial. Dores, até nos cabelos, nas unhas. Transpiramos como se estivéssemos expostos à uma fornalha. Uma seqüência de torpedos atingem o aparelho digestivo: náusea. Vômito. Diarréia. Prisão de ventre. Cólicas. Somatização implacável. Os dias passam nesse freje.

Vergonha. Culpa. Nojo. Renúncias – pessoas e coisas – por medo de perdê-las com nossa morte em vida. Súplicas que nossas bocas não verbalizam. Ansiedade quase à loucura. Cansaço à exaustão. Não temos chão. Nada é sólido. Tudo é uma pasta asquerosa. A vida nos escalpela. Estamos sagrando.

Bem-aventurados os que não ouviram o canto das sereias. Também aqueles que - como Odisseo - ouviram o canto procurando resistir. São belas mas letais em seus intentos.

Alguns sentenciam: Frescura. Malandragem. Encenação. Preguiça mórbida.

Nem sempre.

Não desejamos ao nosso pior inimigo este estado devastador.

Bem-aventurados, a compreensão, a compaixão de vocês pode nos fortalecer. Alicerçar nossa caminhada à Grande Porta. De dentro pra fora onde refletores iluminam a esperança.

BATE/REBATE

Jane D'Avila – Yara Sarmento

1. JANE: Como é a vida de artista, particularmente, no Paraná?

YARA: Uma das mais penosas entre os segmentos profissionais. Pouca ou nenhuma valorização.

Pra ser bom na profissão exige-se vocação, dedicação, talento, muito estudo, muita disciplina. A tarefa de casa é absorvente, dissecar o texto, decorar as falas compondo o personagem e entendendo o que o autor pretende dizer nas entrelinhas. Trabalhar o corpo e a voz. Ter disposição pra enfrentar ensaios exaustivos. As exigências são muitas e diversas.

Temos também nossas horas de maravilhas quando fazemos um espetáculo de qualidade. Dirigido por quem conhece o ofício. Um trabalho prazeroso com "cachê" digno, contracenando com atores talentosos, amigos. Maravilhoso, igualmente, é a platéia aplaudindo.

Como não se trata de emprego, mas de trabalho, a insegurança é total. Hoje tem, amanhã quem sabe. A vida e o ofício são tão duros que só os valentes permanecem.

Exemplo: como sou pequena burguesa, não sei viver da caça e da pesca. Estava devendo os tubos – que mamãe pagou – por uma produção do Grupo Momento que foi cancelada. Mesmo continuando no palco, fui obrigada a procurar emprego. Como detesto dívidas e não podia mais sacrificar Nerea, senti minha carreira no teatro indo pro brejo. A decisão foi sofrida. Os artistas/produtores têm maiores condições de continuidade de trabalho. Aos que dependem de convite, a coisa pega.

Pra que as coisas aconteçam na área cultural, é necessária a militância.

Luta insana e inglória em razão de que damos um passo à frente e trinta pra trás. Este doloroso périplo dá-se por força das mudanças de governo quando novos interesses se estabelecem.

Quando umas e outros sentam na cadeira do poder e deletam o que o substituído realizou - muitas vezes, ações com bons resultados - e não colocam nada no lugar.

Após tantos anos de trabalho na militância cultural, alguns de nós acabam por concluir que estamos dando, há muito, "murro em ponta de faca". Alguns de nós já perderam as mãos e até os braços.

Um exemplo desse desencanto reporta-se ao Programa Conta Cultura, reivindicado pela classe cultural (ideia de Berenice Mendes) à secretária de Estado da Cultura, Mônica Rischbieter.

O Programa atendeu todo o estado e à todas as áreas artístico-culturais, através da Lei Rouanet.

Mais abrangente, impossível. Trabalhamos juntos com a secretária e assessores na elaboração, nas revisões do regulamento e na seleção dos projetos inscritos. Mesmo com altos e baixos, foi um sucesso.

Neste governo, o Programa que beneficiou artistas, técnicos, produtores e agentes culturais independentes, foi cancelado em razão de que os tributos devidos pelas empresas estatais e privadas à Receita Federal/Imposto de Renda – renúncia fiscal – passaram a ser destinados aos projetos do Museu Oscar Niemeyer – MON – sob direção da senhora Maristela Requião. Admite-se que o MON necessite de um grande aporte financeiro pra suas ações e manutenção. Entretanto, não se pode esquecer que a arte / cultura não está restrita às exposições de artes visuais.

Outra decepção – isso é de conhecimento geral – é como a Rádio e Televisão Paraná Educativa – TVE estão sendo comandadas. Sua programação não prioriza o educativo, o artístico cultural. Direciona-se à propaganda do governante e às críticas aos seus adversários. Dá-lhe subserviência da direção.

Mais decepção ainda, entre outras: o brilhantismo universal do governador Roberto Requião (onde está a assessoria leal, corajosa e lúcida que deveria alertá-lo?) levou-o a obrigar os servidores públicos estaduais residentes na Capital, a fazer expediente no dia 08 de setembro, dedicado à padroeira de Curitiba Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. Dia santo desde 1967.

Requião desrespeitou os servidores católicos; desrespeitou aqueles que se organizaram pra viajar ou pra outros compromissos (o comunicado chegou aos órgãos públicos no dia 02) e mais uma vez fez provocação ao prefeito municipal Beto Richa.

A reação dos servidores não tardou a manisfestar-se. Dá-lhe equilíbrio.

2. JANE: Qual a importância do Teatro Guaíra na área cultural paranaense?

YARA: O Teatro Guaíra é apaixonante. Muitos dão o sangue pra que aquela "Casa de Cultura" brilhe. Infelizmente o "sistema" foi, é e provavelmente continuará sendo "assassino".

Na área, não existe nada mais importante que o Teatro porque é uma casa produtora. Por suas unidades artísticas, por seus importantes projetos e por seus quatro auditórios.

É uma tristeza ciclópica ver a Casa alternando-se em altos e baixos. Muitas das diretorias têm se empenhado pra solucionar os problemas do Teatro, pra realizar ações afetas à instituição.

As dificuldades são continentais.

Se o governo não acordar e não tomar – já – as medidas necessárias, o Guaíra vai caminhando pra sua decadência. Sinceras condolências, Paraná.

Meus mais sinceros pêsames também pelo abandono em que se encontram as várias áreas artísticas e culturais, cujos atuantes são independentes. As consequências serão funestas.

Os artistas são essenciais à vida. Ontem, hoje e sempre. Muitos governantes, felizmente, têm este entendimento. Outros, só enxergam na classe artística inutilidade, às vezes, tratando-nos com pejorativas considerações. Dá-lhe ignorância.

3. JANE: Não tendo mais pais, não sendo casada, não tendo filhos, irmãos, nem sobrinhos, não se sente solitária?

YARA: Sinto ainda muitíssimo as perdas que sofri. Nerea, meu pai, meus parentes, os amigos que se foram, estão em meu pensamento. Não me sinto solitária porque adoro minha própria companhia. Gosto de ler; escutar música; gosto das artes em geral; de dançar sozinha; de assistir TV: filmes e documentários; viajar sozinha; gosto do meu trabalho; da militância cultural; de pensar na vida e conversar comigo mesma.

Graças a Deus, tenho muitos e queridos amigos que sempre respondem ao meu chamado.

- **4. JANE:** Peças de Teatro. Atrizes/Atores. Diretores brasileiros.
- YARA: "Gota d'Água" de Chico Buarque e Paulo Pontes. "Via Crucis" de Oraci Gemba. "Vestido de Noiva" de Nelson Rodrigues.
 - "A Casa de Bernarda Alba" de Federico Garcia Lorca. "Um Bonde Chamado Desejo" de Tennessee Williams. "Coriolano", "Hamlet", "Macbeth" de Shakespeare. Muitas das tragédias gregas.
 - Odelair Rodrigues. Lala Schneider. Gilda Elisa. Claudete Pereira Jorge. Rosana Stavis, Christiane de Macedo, Regina Vogue, Regina Bastos, Lota Moncada, Neiva Camargo e Nena Inoue.

Marília Pêra. Bibi Ferreira. Fernanda Montenegro. Nathalia Timberg. Irene Ravache. Cleide Yáconis. Beatriz Segall. Renata Sorrah. Glória Pires e Cláudia Martins.

 Mario Schoemberger, Edson D'Avila, Ranieri Gonzalez, Luis Melo, Eneás Lour, Mauro Zanatta, Fausto Cascaes, Aristeu Berger, Emílio Pitta e Danilo Avelleda.

Paulo Autran, Wagner Moura, Grande Othelo, Ney Latorraca, Lázaro Ramos, Marcos Nanini e Ari Fontoura.

• Oraci Gemba, Cleide Piasecki, Maurício Vogue, Edson Bueno e Marcelo Marchioro

Ademar Guerra. Celso Nunes e Paulo Afonso Grisolli.

5. JANE: Partidos políticos.

YARA: Fui eleitora e fiz campanha pra candidatos do Partido dos Trabalhadores. Quando o PT chegou ao poder, jogou pela janela o Programa do Partido, vinte e tantos anos de discurso, enfim, sua história. O PT pra mim não existe mais. "Causa-me espécie" - como diz minha amiga querida Luciana Cherobim - constatar que pessoas de boa reputação continuem no Partido, convivendo com "tudo que está aí."

Há grupos de pessoas com interesses comuns. Partidos que atuem de acordo com seus Programas, não vejo nenhum.

Se a política em nosso país fosse coisa séria, os Partidos não aceitariam entre seus filiados pessoas já declaradas mafiosas.

Na política - há exceções - lamentavelmente, quem menos corre voa atrás do que ambicionam pra si, pra sua família e pros de seu grupo. Tudo gira em torno dos umbigos dessas ariranhas.

Por exemplo, na Previdência, lasquem-se os aposentados e pensionistas. Se não roubassem como roubam; se o governo cobrasse, em sério, dos sonegadores; se não desviassem o que é recolhido pra "outras ações", teria dinheiro suficiente pra que os contribuintes fossem respeitados e recebessem o que lhes é de direito.

Os impostos são pagos e a mesma coisa acontece na Saúde, na Educação, na Cultura, na Segurança Pública, na Habitação, no Meio Ambiente (acorda humanidade!) e em tudo o mais. Lasque-se o povo!

O presente – parece – não tem maior importância. As medidas necessárias que fariam, efetivamente, o país crescer ficam pro futuro, "pros dias melhores que virão".

Com o presente que vivemos, não haverá o tal futuro alardeado nas falações de políticos.

Fica fácil nos discursos, particularmente, nos eleitorais, assumirem compromissos com o aqui e o agora. Infelizmente, promessas não cumpridas. Estamos esperando por esses "melhores dias" que nunca chegam.

A sede de poder com suas benesses é tamanha que não se cogita de compostura.

Assim é que políticos querem reescrever a Constituição Federal, no propósito de que o presidente Lula possa candidatar-se ao terceiro mandato (os nomes do PT, até o momento, não são confiáveis) e, quem sabe, nessa onda – vide Fidel, Chávez, Evo, Correa, Uribe – às cadeiras vitalícias nos Palácios do Planalto e da Alvorada. "Nunca antes na história deste país", se viu tanta ganância. Tanta falta de respeito. Tanto engodo.

Os exemplos vizinhos de assassinato da democracia, serão seguidos pelo Brasil?

Dá-lhe teta pública pra ser sugada! Dá-lhe patíbulo pra nós, os atontados.

Espero que o presidente Lula, num momento de lucidez, tome conhecimento do que ocorre à sua volta. Que pare de dar assombrosas justificativas e cobertura aos malandros. Espero que mantenha sua palavra, seu compromisso

de respeitar a alternância do poder, uma das mais fortes características do regime democrático.

Se entrar no jogo dos sugadores, com certeza, não será mais "o cara".

Há que se dar conta que parlamentar bandido não tem moral pra representar o povo, legislar, fiscalizar atos do governo. Que pessoas calhordas não podem ser paparicadas e muito menos ocupar cargos públicos, particularmente, os de comando.

Há que se dar conta que servidor público, comprovadamente safado, deve perder o cargo. O suado dinheiro do povo tem que ser preservado pras ações em seu benefício.

O servidor público sendo pago pelo contribuinte / povo, é seu empregado. Está no cargo / função para atendê-lo com civilidade e respeito.

Temos que lembrar que os "Tonantes" passam. O povo, os usuários, os servidores permanecem. Submeter-se à vaidade, à ignorância, às malandragens dos chefes "de plantão"; ser cúmplice das "ações entre amigos"- ocorrência frequente - é descumprir os ditames que regem o serviço público. É mergulhar na lama junto com aqueles que não têm pudor.

Que o ambiente político neste país é asqueroso, já constatamos. Reitero, na próxima eleição – se é que sobra alguém – nossa escolha deve ser precedida por profunda pesquisa quanto ao histórico dos postulantes.

Vejamos: sete anos do PT no governo não foi resolvida, efetivamente, a questão da Reforma Agrária. Segundo as notícias, o governo tem repassado dinheiro do contribuinte pra ONGS - malandríssimas – que estão sustentando o MST em invasões e atos de violência.

Outro espanto é uma das últimas reservas morais do Congresso Nacional – Pedro Simon – não ter-se defendido na Tribuna do Senado e no mesmo instante, das insinuações de corrupção lançadas por Fernando Collor.

Medo do olhar animalesco de uma criatura que – por seu passado de cloaca, não poderia estar no Parlamento?

É o "final finalíssimo" das esperanças que ainda poderíamos alimentar com relação aos nossos políticos.

Ainda, será que o governo Lula e o PT vão continuar a chafurdar no pântano, o qual vem sendo a marca desse mandato?

Entre as barbaridades todas já conhecidas, muitos dos nossos parlamentares são os reis da ciranda.

Os "bandidos" donos de bingo e máquinas de jogo eletrônicas, foram substituídos pelos fumantes "assassinos".

O positivo na abertura das casas de jogo é o número de empregos que o negócio, agora lícito, irá oferecer. A proibição dos "fumódromos", por sua vez, tirará o emprego de muita gente. Os restaurantes e bares, se perderem clientela, terão que diminuir seu quadro de pessoal.

6. JANE: Atrizes e Atores estrangeiros. Livros. Filmes.

YARA: • Katherine Hepburn. Ana Magnani. Glenn Close. Julianne Moore. Kate Winslet. Isabelle Huppert. Maryl Streep. Cate Blanchet. Helen Mirren. Fany Ardant. Giulietta Masina. Deborah Kerr. Bette Davis. Anne Hathaway. Anthony Hopkins. Al Pacino. Jude Law. Marlon Brando. Johny Deep.

- As tragédias gregas. A obra de Shakespeare. "Criação" de Gore Vidal. "Grande Sertão Veredas" de Guimarães Rosa.
- "Pixote" de Hector Babenco. "Central do Brasil" de Walter Salles. "Todas As Mulheres Do Mundo" de Domingos Oliveira.
- "Ligações Perigosas" de Milos Forman. "O Leão no Inverno" de Andrei Konchalovsky. "Vestígios do Dia" de Mike Nichols. "As Troianas" de Michael Cacoyannis. "Melhor é Impossível" de James L. Brooks. "Tudo Sobre Minha Mãe" de Pedro Almodóvar. "A Lista de Schindler" e "E.T." de Steven Spielberg. "O Leitor" de Stephen Daldry. "A Escolha de Sofia" de Alan Pakula. "Roma, Cidade Aberta" de Roberto Rossellini. "Noites de Cabíria" de Federico Fellini. "Há Tanto Tempo Que Te Amo" de Philippe Claudel.

7. JANE: Viagens.

YARA: Grande e incomparável prazer. Soberba fonte de conhecimento e beleza. Gostaria de conhecer Moscou e São Petersburgo. Tailândia, China e Havai.

8. JANE: Músicas e Artes Visuais.

- YARA: "Beatriz" de Chico Buarque de Hollanda e Edu Lobo. "Aquarela do Brasil" de Ari Barroso. "Cais" de Milton Nascimento e Fernando Brandt. "Alma Mia" de Maria Grever. "Adios Nonino" de Astor Piazzolla. "Emoções" de Roberto Carlos e Erasmo Carlos. "Cafetin de Buenos Aires" de Discépolo e Mores. "Cambalache" de Discépolo. "Senza Fine" de Niello e Vanoni. "Atrás da Porta" de Chico Buarque e Francis Hime. "With One Look" ("Sunset Boulevard") de Andrew Lloyd Webber. "No Puede Ser" ("La Tabernera del Puerto") de Pablo Sorozábal. "Rosa de Te" de Arturo Pareja Obregon.
 - <u>Pintura</u>: "Santa Ana, Maria e o Menino" de Leonardo da Vinci (Museu do Louvre). "Via Láctea" de Rubens, "Os Fuzilamentos de Moncloa" de Goya. "As Meninas" de Diego Velazquez (Museu do Prado). "Las dos Fridas" de Frida Kahlo (Casa Azul Coyoacan/Cidade do México). "O Grito" de Edvard Munch. "O Enterro do Conde de Orgaz" de El Greco (Igreja de São Tomé/Toledo). Frida que sofria com gravíssimos problemas de locomoção, escreveu: "Pies para que los quiero, si tengo alas para volar."
 - Escultura: "A Vitória de Samotrácia" e "O Escriba Sentado" (Museu do Louvre). "Pietá" (Vaticano), "Moisés" (Igreja de São Pedro Acorrentado/Roma), de Michelangelo. "Antinoo" (Museu do Prado). "Poseidon" (Museu de Atenas). "Jesus Agonizando na Cruz" (Igreja do Cachorro/Sevilha). "Nossa Senhora da Macarena" (Igreja da Macarena/Sevilha). "Ramsés II", gigantesca e perfeita, em alabastro (Menfis/Egito). "O Auriga de Bronze" (Museu de Delfos/Grécia).

9. JANE: Defeitos e qualidades. Religião. Personalidades.

YARA: • Cretinice.

- Decência.
- Sou católica apostólica romana, sem fanatismos, sem cegueira. Questiono imposições e procedimentos do Vaticano. Critico o comportamento de alguns padres também de alguns pastores e me barbarizo com a impunidade pros crimes que alguns cometem, como se bebessem água. Justo quem por força do ofício está obrigado a cumprir os ditames divinos e os dos homens. Vejo como abominável o que "religiosos" fizeram, permitiram que fosse feito e continuam fazendo, em nome de Deus.

Deus pra mim está em todas as crenças e em quem não tem crença nenhuma. Está no Universo. Se conversássemos mais com Ele e conosco mesmos, os tempos e os costumes não seriam os que foram e que são. Teríamos respeito por todos os seres que vivem nas terras e nas águas deste mundo.

• Maria Madalena, a que foi desqualificada e esquecida pela Igreja. Hatchepsut. Leila Diniz. Dolores Ibarruri. Bárbara Pereira de Alencar. Eva Peron. Golda Meir. Frida Kahlo. Simone de Beauvoir. Elisabeth I e Oprah Winfrey.

Jesus, o nazareno. Nelson Mandela. Sócrates. Martin Luther King. Mahatma Ghandi e Winston Churchill.

10. JANE: Poetas e Óperas.

YARA: • Helena Kolody. Lolinha Cury. Pablo Neruda. Glauco Flores de Sá Brito. Zeca Corrêa Leite. Federico Garcia Lorca. Fernando Pessoa.

• "Turandot", "Madame Butterfly", "Tosca", "La Bohème" de Puccini. "Tristão e Isolda" de Wagner. "Othelo", "Aida", "A Força do Destino" de Verdi. A opereta "A Viúva Alegre" de Franz Lehár e a imbatível "Carmen" de Bizet.

11. JANE: Cantores. Compositores.

YARA: • Elis Regina. Nana Caymmi. Maysa. Alcione. Clara Nunes. Dalva de Oliveira. Gal Costa. Mônica Salmaso.

Sarah Vaughan. Lola Flores. Barbra Streisand. Billie Holiday. Dinah Washington. Olga Guillot. Gloria Gaynor. Susana Rinaldi. Elvira Rios. Edith Piaff. Shirley Bassey. Paloma San Basilio.

Montserrat Caballé. Eva Marton. Maria Callas. Renata Scotto. Mirella Freni. Jessye Norman. Renata Tebaldi. Kiri Te Kanawa. Barbara Hendricks. Ileana Cotrubas.

Cauby Peixoto. Milton Nascimento. Emílio Santiago.

Plácido Domingo. Luciano Pavarotti. Serguei Leiferkus.

Nat King Cole. Johnny Mathis. Lucho Gatica. Charles Aznavour. Frank Sinatra.

Lupicínio Rodrigues. Chico Buarque de Hollanda. Tom Jobim. Cartola.
 Lápis. Milton Nascimento.

Cole Porter. Os irmãos Gershwin. Maria Grever. Discépolo e Mores. Irving Berlin. Andrew Lloyd Webber. John Lennon. Paul MaCartney.

Tchaikovsky, Rachmaninoff, Beethoven, Vivaldi, Chopin, Mozart, Wagner. Manuel de Falla.

12. JANE: Paixão e Amor.

YARA: • A paixão, o tesão é inexplicável. Incontrolável. Fugaz.

• O amor é mais sofisticado. Pra brotar e manter-se exige comportamentos refinados, o que nem sempre temos.

13. JANE: Balé Clássico ou Dança Contemporânea.

YARA: Clássico. "O Grande Circo Místico" – Balé Teatro Guaíra – coreografia de Carlos Trincheiras. "O Lago dos Cisnes" e "Espártacus" do repertório do Bolshoi. "La Bayadère" do Alla Scala de Milão.

14. JANE: Homossexualismo.

YARA: Não é "opção". Não é "orientação". Você nasce ou não homossexual. É questão de natureza.

Não estou falando do sexo comércio, do sexo curiosidade, do sexo festa/baile, como diz meu amigo Christo Dikoff.

15. JANE: Você é radical?

YARA: Muito pelo contrário. Acredito que qualquer problema pode ser resolvido com diálogo civilizado. Ninguém é dono da verdade. Ninguém tem bola de cristal ou varinha de condão, infelizmente. Costumo defender, sim, minha opinião mas respeito a opinião das pessoas. O que ocorre é que odeio não estar com a razão porque isso significa que, idiotamente, avaliei mal a questão. Resumo, pisei na jaca.

16. JANE: E a classe cênica, motivo de sua militância por 36 anos?

YARA: Repito que em todos os segmentos sociais há gente séria e há malandros. Minha militância vai na direção daqueles que são éticos, que se respeitam e que respeitam seu ofício.

Não dou cobertura aos "espertos" que sempre caem do camelo, desmoralizando os profissionais da área, o que é prejudicial pra todos. Aqueles que são profissionais responsáveis abrem portas pra si mesmos e pros outros. Boa reputação é tudo, na profissão e na vida.

17. JANE: Se não fosse atriz, quais funções artísticas gostaria de exercer?

YARA: Adoraria ser cantora de ópera – soprano. Acima de tudo, de ser atriz.

18. JANE: Bailarinos.

YARA: Eleonora Greca. Regina Kotaka. Christina Kammuller e La Morita.

Ana Botafogo e Cecília Kerche.

Wanderley Lopes. Ricardo Garanhani. Francisco Duarte e Jair Moraes.

Natalia Makarova. Margot Fontaine. Ginger Rogers. Cyd Charisse e Cristina Hoyos.

Mikhail Baryshnikov. Fernando Bujones. Roberto Bolle. Fred Astaire. Gene Kelly e Antonio Gades.

19. JANE: Novelas? Seriados?

YARA: • "Vale Tudo" de Gilberto Braga, direção de Denis Carvalho.

• "O Primo Basílio" de Eça de Queirós, direção de Daniel Filho.

"Grande Sertão Veredas", de Guimarães Rosa, direção de Walter Avancini.

"Maysa - Quando Fala o Coração", direção de Jayme Monjardim.

Produções da TV Globo.

20. JANE: Aos 69 anos teme a morte?

YARA: Queiramos ou não, gostemos ou não, todos morreremos. A hora e o como –
 Deus é sábio – não sabemos. Não tenho medo de morrer, o que me atemoriza é a dor, a dependência.

21. JANE: O que acha do uso de drogas? Qual sua opinião sobre aborto?

YARA: Sou viciada numa droga assassina que é o cigarro. De tança, comecei a fumar e a beber *whisky* aos 30 anos de idade. Antes, só sucos e coca-cola. Em São Paulo nos anos da ditadura militar, era "engajamento" surfar no fumo. O aroma de "patchuli" era delicioso mas as tragadas sempre me provocavam vômitos. Desisti da marijuana. Também, porque o clandestino não me canta ao coração. Nunca tive peito pra me lançar às drogas e "viver no paraíso". Quem tem loló, tem medo.

Acho essa fuga da real uma tremenda roubada.

• O aborto não deve ser decisão da Igreja, dos legisladores, mas sim das mulheres. Elas é que sabem se, naquele momento, podem ou querem ter filho. O melhor é tomar as devidas precauções, pra evitar gravidez indesejada. Lamentavelmente, a ausência de informação e educação adequadas, levam ao quadro com o qual nos deparamos, particularmente, na população de baixa renda.

22. JANE: Para você, como é ser brasileira?

YARA: Amo meu país, meu estado, minhas cidades: Antonina e Curitiba.

Orgulho de ser brasileira não tenho porque somos – desgraçadamente – um povo ignorante, sem memória, sem educação, sem cultura, sem consciência política. Sem respeito a si mesmo e aos outros.

Felizmente, contamos com extraordinárias, honrosas, formidáveis exceções.

Porque não raciocinamos, estamos sujeitos à toda sorte de manipulações: política, religiosa, afetiva, laboral... Temos o demoníaco hábito de deletar os que são éticos e de louvar como heróis os esgotos da sociedade.

Além de sabermos pela imprensa sobre a indiferença, a omissão, a brutalidade que tomou de modo inaceitável a sociedade, sentimos na carne essa calamidade.

Vivemos o apocalipse. "Absinto" já se mostra e não estamos vendo.

Escrevemos e falamos sobre tudo que se refere à nossa vida – pra nos alertarmos e reagirmos – e são poucos os que lêem, os que escutam, os que se dão conta. São poucos os que discutem esses assuntos. Dá-lhe areia pra nós, os avestruzes.

Somos espectadores das nossas próprias tragédias. Nem nossas dores, nossas decepções, nos mobilizam até a solução dos fatos. Vamos até a metade do caminho. Cansamos, esquecemos os nossos dramas e somos esquecidos diante de outros maiores e mais barbarizantes. Apatia, alienação, deboche, sacanagem, violência, medo, impunidade é o nosso cotidiano.

Vivemos num país onde a justiça é lentíssima e nada confiável.

Vivemos num país onde o som atordoante; o futebol comércio; o carnaval esbórnia; a praia vitrine; as novelas e os programas de TV produzidos pra atontados; as piadas, geralmente de mau gosto; as transas casuais (olha a aids aí, minha gente!), são a solução pros problemas pessoais, bem como aos deste fabuloso país, deitado - tomando sol, caipirinhas, cervejas mil, morrendo de rir achando tudo dez - em berço esplêndido. Oba!!!! Viva nós!!!

23. JANE: Nunca desejou ter filhos?

YARA: A maternidade é uma decisão, uma postura seríssima.

Engravidar, parir é uma coisa. Ser mãe é outra coisa, com diversos e gigantescos compromissos com quem se está expondo à luz. Nao desejei assumir essa responsabilidade.

24. JANE: Esquerda ou direita?

YARA: Quem estuda História, quem está atento aos acontecimentos passados e recentes do mundo, sabe que essa titulação não passa de literatura, discurso. Assim que umas e outros chegam ao poder, o "lado" passa a ser o de cada um deles. A podridão está em todas as "direções". Sou pela liberdade; justiça; respeito aos direitos; cumprimento dos deveres; honestidade; dignidade; ética; alternância do poder; cumprimento à palavra dada; vergonha na cara; compostura.

Utopia? É, mas não precisava ser.

Porque não valorizamos esse modo de vida, estamos atolados até o pescoço.

Chega de "esperteza", de mentiras. Chega de aceitarmos os "jeitinhos" que estabelecem privilégios pra umas e outros, em detrimento de pessoas que efetivamente têm merecimento.

Gente que trilhe o caminho da decência é de quem precisamos na política, na vida.

Erro é uma coisa, calhordice é outra e condenável.

Esquerdistas ou direitistas – há exceções – ao conquistar o poder perdem a memória. Tratam de dar o rabo pra participar da "Festa do Bode". Os "capos" encastelam-se. Tiranizam o povo. Transformam-se em monstros sugadores de sangue, do dinheiro público, da dignidade dos governados. Donos do mundo, cheios de gás, exilam, encarceram, torturam, assassinam adversários. Os lambedores de cu - mais calhordas ainda - aplaudem os criminosos, uns em nome dos excluídos, outros, em favor dos incluidíssimos. Rastejam, pra não perder a teta.

Muitos, cegos, surdos ou ordinários, defendem os safados, os tiranos. Louvam suas mentiras, suas encenações, suas canalhices, de longe. A maioria não quer vivenciar "in loco" a opressão, a repressão, a violência, a miséria sofridas pelo povo dos países vítimas do engodo.

O deslumbramento pelo poder com suas muitas e diversas mordomias, a loucura que se instalam, levam ao desejo de ficar na "cadeira" até a morte. Levam à ditadura. Essa, de esquerda ou de direita é foda com espinhos, sempre.

25. JANE: Vivendo na faixa dos sessenta anos o amor ainda é importante?

YARA: Com o passar dos anos e das relações vividas, me dei conta que amava mesmo era o jogo da sedução. Das emoções dessa estimulante, insana e deliciosa ciranda. Conquistado o objeto do desejo, o mesmo deixava de ter encantos. Ninguém tem culpa pela minha insegurança, pelas minhas "neuras". Assim, diante desse panorama passei a ter cuidados. Sempre resulta doloroso ferir as pessoas.

Hoje, mais que sempre, valorizo a amizade: o amor sem tesão, sem a corrosão do ciúme, sem a pretensão da posse, sem teatralidades, sem cobranças.

Na verdade, nunca tive tesão universal.

26. JANE: Aos amigos tudo e aos inimigos os rigores da lei?

YARA: Meus amigos e parentes têm defeitos, como eu. Meus inimigos e parentes têm qualidades, como eu. Procuro não misturar alho com avião.

A vida me ensinou a não chancelar malandragens, seja de quem for.

27. JANE: Como vê a arte contemporânea?

YARA: As inovações, os avanços, o novo, são essenciais ao desenvolvimento pessoal e da sociedade.

O frescor dos novos ventos, nos abre o apetite pra criar, fruir, viver. Muitos talentos despontam nestes novos tempos com criações – nas várias áreas – de primeira qualidade que contemplam também conteúdo e entendimento ao público.

O que não se pode é misturar A com Z. Ouvir o galo cantar e não saber onde está o puleiro.

Nas artes – como em tudo – o experimento traz conhecimento, crescimento, aprimoramento, estímulo, encantamentos.

Seguir as modas tão somente pra acompanhar a manada, sem ter embasamento pra essa caminhada, resulta em desapontamentos que não levam a lugar nenhum.

Pra tentar o novo é preciso estudar e conhecer o que existia antes. Respeitar as obras do passado. Muitas delas, magníficas. É necessário aprender com elas, não desprezá-las. Alguns têm consciência disso.

Outros fazedores de arte contemporânea diminuem as criações feitas no passado. Exemplo: o teatro feito com coerência; com começo, meio e fim; com enredo entendível e com conteúdo; com texto porrudo; com direção segura e competente; com belas criações que correspondem à ideia do autor e do diretor; com personagens instigantes que exigem investigação, experiência de vida, assimilação pra poder interpretá-los é chamado – pejorativamente – de "teatrão". Tudo pode ser arte no embalo da contemporaneidade. O recém-nascido acha-se diretor de espetáculo, diretor de cinema.

O borrão, a massa disforme, sem impacto, sem graça, sem apelo ao intelecto, às emoções, é pintura, é escultura. Algumas das "instalações" ferem a sensibilidade, a inteligência de muitos.

O que não tem voz nem afinação, é cantor.

Porque são bonitinhos e modernosos, a moça, o rapaz, são atores.

O som ensurdecedor com letras indescritíveis, é música.

Na área da dança, alguns coreógrafos levam bailarinos a varrer o chão, a esfregações uns nos outros ou no que seja. Movimentos que se repetem ao infinito. Uma chatice.

O ator, o bailarino "pelados" em cena, um sem dizer palavra por intermináveis minutos, o outro rolando sobre coisas impensáveis, resultam de "criações geniais".

Alguns escritores, poetas, críticos de arte, cineastas, autores teatrais etc., usam linguagem da Constelação do Cisne que a maioria dos terráqueos não entende. Pra alguns, esse nada é tradução das novas técnicas, das novas linguagens. Alguns estão experimentando tanto, desconstruindo tanto, avançando tanto, inovando tanto que nem os aficionados aguentam.

Não se sabe o que pensar: falta de aprendizado? De bagagem artística, cultural? De talento? Tudo não passa de simples brincadeira? Alguns, oportunistas, aproveitam o vazio destes tempos, pra pretender que estão fazendo ARTE.

Pra não serem julgados pré-jurássicos, alguns jogam-se no chão louvando o "artista" e sua "obra".

Aproveitando a oportunidade, quero dizer que arte popular não é sinônimo de coisa "reba", sem qualidade, sem conteúdo. Muito pelo contrário. Expressando nossos usos, costumes, tradições, deve ser estimulada e difundida.

As manifestações populares são essenciais por mostrar o que temos de criativo, de rico, de belo, de visão da vida. O que não se pode é alijar – por "elitista" – a arte/cultura fruto de estudo, de elaboração, de trabalho, de talento, realizada por profissionais que atuam nessa área.

Infelizmente – parece – vivemos tempos nos quais o erudito, o acadêmico, o clássico, o refinado, são uma "afronta" ao povo. Esse entendimento – pode-se concluir – parte de pessoas ignorantes ou com propósitos outros que não têm nada a ver com o artístico-cultural. Se o grande público continuar a não ter acesso a essa arte / cultura, permanecerá na indigência intelectual.

Será que é exatamente isso o pretendido pelos "Tonantes"?

28. JANE: Sendo servidora pública estadual e ao mesmo tempo militante cultural, através do SATED/PR e do Fórum das Entidades Culturais – Curitiba/Paraná, viveu problema funcional ou de outra natureza?

YARA: Sim

Como – graças a Deus – não tive e não tenho "rabo preso" com ninguém, apesar de ter passado por momentos infernais no Teatro Guaíra, pude me defender das arbitrariedades.

Na gestão Fernando Ghignone, como secretário de Estado da Cultura e do Esporte, governo José Richa, fui demitida do cargo de diretora de artes e programação do Teatro (gestão Oraci Gemba) porque nunca deixei de argumentar, questionar, alertar, aberta e frontalmente ações propostas ou postas em prática.

O grupo que rodeava o secretário, aproveitando sua imaturidade, tentou demitirme também do quadro funcional do Estado. Não pôde. Cavaram, cavaram, mas não encontraram nada que justificasse a pretensão.

Umas e outros desejavam, com sofreguidão, os cargos de direção do Teatro - como se os cargos por si só transformassem abóbora em carruagem. À época, articularam toda sorte de nojeiras e puxaram nosso tapete. Sentaram nas cadeiras felizes da vida.

Passados alguns meses deu-se o "pega pra capá". Logo logo começaram as pisadas na jaca e os "mergulhos no pote". Descobertas as umbigadas, a incompetência, as falcatruas, deu-se um tonitruante escândalo com cobertura da mídia, prisões e demissões. A justiça divina tarda mas não falha.

Acredito que aquele deprimente panorama tenha mostrado, à época, ao secretário e também ao governador Richa, quem era quem no pedaço. Naquela fase horrível quando não tinha sala definida e não me eram dadas tarefas, Christo Dikoff, corajosamente, me convidou pra trabalhar no departamento que coordenava.

Capítulo 02: Gestão Oswaldo Loureiro, 1º governo Requião. A classe artística manifestou-se contra a nomeação do ator carioca pra superintendência do Teatro. Como sindicalista fui uma das líderes do referido movimento, em razão de acreditarmos que no Paraná tínhamos pessoas com plenas condições pra ocupar o cargo. Um dos manifestos foi o "Abraço no Teatro Guaíra". Pessoas da classe e da população, com as mãos dadas, envolveram o edificio. Houve cobertura da imprensa escrita, falada e televisada.

A administração Loureiro - como todas - teve boas ações e outras negativas. Neste relato refiro-me particularmente ao caráter da pessoa.

O governador Roberto Requião no seu costumeiro cavalheirismo, declarou à imprensa que nossa atitude era "imbecilidade explícita". Eu respondi, também, publicamente: "sua excelência está coberto de razão. Somos, mesmo, "imbecis explícitos" uma vez que acreditamos no seu discurso de campanha ao Palácio Iguaçu". Dá-lhe imbecilidade.

Indicado pelo irmão Eduardo, o governador nomeou o ator carioca. Sentado no "trono" da superintendência, o "Tonante" promoveu contra mim arquitetada vingança. Armou situação que me levou a processo administrativo <u>POR RACISMO</u>. Inventou esse absurdo, usando um servidor do Teatro que ambicionava ascender funcionalmente.

Minha asquerosa postura RACISTA – disse o citado servidor, nosso colega – foi exposta, na odiosa frase que eu teria pronunciado numa reunião da Associação dos Funcionários:

"Fico estarrecida, "caio preta e dura" com o descaso da diretoria com o Pessoal desta Casa" (esta expressão, se não me equivoco, super antiga, sempre foi "caio dura e preta", no sentido de "caio fulminada"). Essa foi a manifestação RACISTA. A ideia de Loureiro, também, era me demitir do quadro funcional do Estado, além das penas legais cabíveis ao hediondo crime. Neste caso, igualmente, cavaram, cavaram, mas não acharam nada que desse razão ao que planejaram. Ronald Catarino, então presidente da Associação dos Funcionários, corajosamente, esclareceu ao superintendente que naquela reunião não houve nenhuma menção a racismo. Ronald falou e escreveu pras paredes.

O servidor denunciante, nosso colega, meses depois, infelizmente, ascendeu aos céus por força de um infarto fulminante.

Sofri durante meses à disposição da secretaria de Estado da Administração. Não tendo culpa, pude responder com firmeza às acusações, inclusive, junto a Procuradoria Geral do Estado. Resumo, Loureiro – puto da cara - teve que me receber de volta no Teatro. No primeiro momento fui colocada embaixo de uma escada, numa sala gelada, sem ventilação nem luz direta, mais uma vez sem ter o que fazer. Rancoroso, Loureiro retaliou duramente. Naquela ocasião Cloris Ferreira, corajosamente, me deu apoio. Fui prestar serviços no Departamento de

Música e Projetos Especiais, o qual estava sob sua responsabilidade. Luciana e Aluízio Cherobim acompanhando o terrorismo, propuseram ao "Tonante" que eu assumisse a secretaria executiva do Troféu Gralha Azul, já que tinha sido uma de seus criadores. O prestígio e a generosidade do casal foram decisivos naquele momento. O superintendente, atendendo-os, deu-me a incumbência.

Com a descompatibilização do governador Requião à sua candidatura ao Senado, assumiu o vice Mario Pereira. Ouvindo a secretária de Estado da Cultura, professora Gilda Poli e ainda os músicos da Orquestra Sinfônica do Paraná, convidou Loureiro a retirar-se do cargo. A justiça divina tardou mas não falhou. Por sua arrogância, seu total despreparo pro serviço público, deslumbrado pelo poder (afinal, que poder?) e pelas mordomias que lhe foram permitidas, "a máquina de ideias" como o chamava o governador Requião, Loureiro levou pra ocupar a diretoria artística, um argentino bruto e descompensado que mais parecia guarda-costas de gangster. Tal figura, também evaporou do recinto.

<u>Capítulo 03: Gestão Nitis Jacon</u>, 2º governo Requião. A propósito do respeito e da admiração que sempre tive pela Nitis, fiz campanha quando da sua candidatura ao Senado. Sua nomeação à presidência do Teatro foi recebida com grande alegria por mim e pela maioria dos integrantes da classe artística.

Ao tomar posse, Nitis transformou-se. No seu discurso inicial, desqualificou integrantes da classe teatral a propósito da, à época, Comissão Estadual de Artes Cênicas — CEAC. Ficamos pasmos. No cargo, acabou por não deixar boas marcas na Casa e na classe. Os embates entre nós duas foram pesados. Na função de assessora da direção artística, não podia deixar de dizer, também, à presidente o que me pareceu procedente e oportuno. Por força do ofício, fiz muitos questionamentos que não a agradaram. Nitis saiu do Teatro pra candidatar-se à Câmara Federal, não sendo eleita.

A secretária de Estado da Cultura, professora Vera Maria Haj Mussi Augusto, acumulou o cargo. De imediato, estancou os projetos: "Paranização" e "MERCOSUL", os quais Nitis realizou com a chancela do governador. Sem continuidade, o dinheiro público foi jogado pela janela. Fogueira de vaidades.

A Secretária com seus compromissos junto a Pasta, pouco tempo teve pra dedicar-se ao Teatro.

A Casa, os produtores independentes de artes cênicas e de música - áreas afetas ao Centro Cultural Teatro Guaíra – na gestão Nitis, ficaram em último plano. Por sua capacidade, sua história, suas importantes realizações, sua personalidade, seu conhecimento da área, Nitis poderia ter feito um brilhante trabalho, aliás, como acreditamos que iria acontecer. Uma lástima.

O que "salvou" o Teatro à época, foi a atuação firme e competente da produtora e atriz Nena Inoue como diretora artística. Lembrando: na gestão Nitis, em poucos meses, houve meteórica alternância no citado cargo. Ocuparam a cadeira três (03) pessoas. É difícil suportar prepotência!

Um fato importante a registrar foi o interesse, a dedicação, a postura ética e o discernimento de Vitória Arabela Sahão, então chefe de gabinete da presidente. Vitória respeitou as finalidades da instituição, os servidores, a classe artística.

Muitos recorriam a ela no propósito do necessário diálogo, o qual pudesse modificar as bases da gestão. Infelizmente, o esforço foi inútil na maioria das vezes.

No episódio Ghignone, recebi integral apoio de: Algaci Tulio, Angelo Vanhoni, Aroldo Murá, Beatriz Gessner, Carla Reinecke, Carlos e Isabel Trincheiras, Christo Dikoff, Claudio Manoel da Costa, Constantino Viaro, Delcy e Edson D'Avila, Elisa Gonçalves Martins, Fernando Bonin, Francisco Camargo, Giovani Cesconetto, Glauco Souza Lobo, Gracinha Kindermann, Ivete Cardoso de Almeida, Jaime Lerner, Jaira Perin, Laerte Ortega, Lilian Fleury, Lívia Coelho, Luciana e Aluízio Cherubim, Lula Darcanchy, Malu Aguiar, Malu M. Faria, Malu Willunsen, Margareth Pinto, Maria Alice Moreira, Marília Pêra, Marisa Seara, Marlene Zanin, Marly Garcia Correia, Nelson Faria de Barros, Nestor Montemar, Paulo Motta, Regina Brasil, Renato Andrade, Renê Ariel Dotti, Rosa Chiamulera, Rose Rogoski, Rosirene Gemael, Salete Cercal, Thais Lima, Valderez Pacheco e Verinha Walflor de Mattos Souza, entre outros.

<u>Na crise Loureiro</u>: de Angelo Vanhoni, Christo Dikoff, Cloris Ferreira, Constantino Viaro, Danilo Avelleda, Delcy e Edson D'Avila, Dinah Ribas Pinheiro, Elisa Gonçalves Martins, Francisco Camargo, Glauco Souza Lobo, Grazianni Branco da Costa, Ivanise Garcia, Letícia Cherobim, Luciana e Aluízio Cherobim, Luis Geraldo Mazza, Marilu Silveira, Nelson Faria de Barros, Ronald

Catarino, Rosirene Gemael, Thais Lima e Vera Maria Haj Mussi Augusto, na ocasião diretora geral da secretaria de Estado da Cultura, entre outros.

<u>Na gestão Nitis:</u> não houve retaliação declarada à minha pessoa pelas manifestações que fiz. Essas, sempre frontais, verbais ou por escrito e assinadas.

OUTRO EPISÓDIO DE PUXAÇÃO DE TAPETE foi por conta dos publicamente chamados "trombadinhas".

Fui reeleita pela classe teatral em assembléia geral do Fórum das Entidades Culturais - Curitiba/Paraná, pra representar as artes cênicas no colegiado selecionador dos projetos inscritos ao Mecenato, mecanismo de apoio às áreas artístico-culturais da Lei Municipal de Incentivo à Cultura. Esse procedimento eleitoral é legítimo, normativo. Mesmo assim, meu nome foi vetado.

Existem pessoas que não admitem contestações, questionamentos, propostas que contrariem seus interesses de umbigo, esses, nem sempre respeitáveis. Como estou na militância cultural devo proceder dessa maneira, se não for assim devo abandonar o barco. Papel decorativo não é do meu temperamento. Muito menos, bajulação. Sempre mostro a cara, às vezes, apanho. São ossos do ofício.

O MOMENTO MAIS IMPACTANTE DA MINHA MILITÂNCIA SINDICAL foi a pretendida greve dos técnicos do Teatro Guaíra por melhores salários - governo Álvaro Dias.

Como apresentava-se no Auditório Bento Munhoz da Rocha Netto – se não me equivoco – a Orquestra de Câmara de Moscou, em respeito ao público e aos músicos decidiu-se em assembléia geral do SATED/PR que os técnicos trabalhariam normalmente, mas que a presidente – no caso eu – faria um pronunciamento antes do início do concerto, o que ficou acordado com o superintendente Constantino Viaro, com o secretário da Cultura doutor Renê Ariel Dotti e com o produtor da turnê.

Quando comecei a leitura do documento, no palco, fui tonitruantemente vaiada. A sensação foi de uma granada na testa. Minhas pernas bambearam. O primeiro impulso foi sair correndo. Pensei: estou aqui pra apresentar um manifesto pelos técnicos da Casa. Vou fazê-lo, calmamente, até o final. De repente comecei a ouvir aplausos. O auditório lotado – mais de duas mil pessoas – e aquele

tumulto. Concluída a leitura, agradeci as vaias e os aplausos. Lamentável a insensibilidade daquele público com os problemas dos técnicos. Ignorantes. Sem o trabalho desses profissionais não há espetáculo.

Christo Dikoff, secretário da entidade de classe, ficou no palco pra apoiar-me.

Os músicos russos – que sabiam do manifesto – também aplaudiram. Os técnicos escalados foram ao palco pra aplaudir e reforçar o manifesto.

Mais uma vez, ossos do ofício. A exposição valeu a pena. Os técnicos conseguiram o que reivindicavam.

29. JANE: Qual sua opinião sobre o Plano Nacional de Cultura?

YARA: Como o Plano inclue propostas encaminhadas pela classe artístico-cultural há anos, aos órgãos públicos, espero que desta vez o ministro cumpra o prometido e agilize o moroso trâmite de anteprojeto de lei no Congresso Nacional, de modo que a PEC 150 seja aprovada pra que o mesmo possa entrar em vigor em 2010.

Enquanto o Plano não se materializa, o que fará – efetivamente – o minitério da Cultura pra atender, agora, aqueles que atuam na área em questão, os quais estão vivendo grandes dificuldades?

30. JANE: A Fundação Cultural de Curitiba – FCC contribui, efetivamente, para o movimento artístico-cultural da cidade?

YARA: Sem qualquer dúvida.

De uns anos pra cá só a Prefeitura Municipal, através da Fundação, órgão que coordena os benefícios garantidos pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura: Mecenato e Fundo Municipal, tem viabilizado a criação e a produção artístico-cultural independentes, da Capital.

Os militantes da Cultura – desde que a FCC foi criada – têm tido embates com alguns diretores, com alguns servidores.

Tempos de amor e ódio. Tempos de respeito mútuo e de críticas virulentas em mão dupla.

Nesta gestão, com Marcelo Cattani, vivenciamos um período de diálogo aberto. Aconteceram ações positivas que beneficiaram a todos. Hoje, os procedimentos são outros e, no mínimo, equivocados. Será muito bom se não tivermos que perder a confiança inicial depositada na administração Beto Richa.

Fazendo referência ao senhor prefeito, é oportuno lembrá-lo que na campanha eleitoral – acusado de que abandonaria a prefeitura pra candidatar-se ao governo estadual – prometeu muitas vezes que cumpriria seu mandato até o final.

Será que "até tu" Beto, vais desrespeitar teu compromisso? Tomara que assim não seja, caso contrário, teus eleitores pensantes sentir-se-ão flechados como São Sebastião.

A SENHORA NO ANDOR

Às minhas avós Alice Gomes Moreira e Hilda "Sanita" Miranda de Moraes Sarmento.
À Nerea. Às minhas tias Ana Julieta "Nhá Anica" Gomes Bastos, Maria da Luz "Luizinha" Moreira Picanço, Yone Moreira Withers, Conceição "Nhanhã" Moreira, Laura "Lola" Moreira Picanço, Laumar Tréglia Moreira, Onorinda Moreira. Maria da Luz "Marí" de Moraes Sarmento Oubiña, Jacy, Aurora e Senhorinha Laura "Lolinha" de Moraes Sarmento. Angélica Miranda de Brito, Raquel Miranda. Às minhas tias do coração, a "irmã" de Nerea, Paula Pedroso do Amaral e Dionéa Tréglia.

Às minhas primas:

Moreira: Maria Alice, Elisa Inês, Fabíola, Laura e Leopoldina.

Moreira Withers: Dula, Lilian, Ana Maria e Ana Carolina.

Moreira Picanço Carraro: Laura ("Laurita"), Beth, Letícia, Maria Laura e Ana Laura Ferreira.

Souza: Diva e Arailde Galvaño.

Fressato: Abigail ("Bega"), Carolina e Mariana. Dirlaine, Datiline.

Tréglia: Silvia e Fernanda.

Miranda: Glacy de Britto Abage.

De Moraes Sarmento: Idália, Nádia, Kátia. Oralice. Maria de Lourdes ("tia U"), Marlene e Fernanda Laynef. Circe e Célia. Valderez e Cynthia. Gisele e Julia.

Agosto é o mês da padroeira de Antonina, Nossa Senhora do Pilar. Quinze é o seu dia.

A moça lembra como a cidade se empenhava pra que os festejos fossem à altura da devoção que os capelistas dedicavam - e dedicam - à sua santa.

As novenas preparatórias eram concorridíssimas, também, pra ouvir o Coro e os instrumentistas - fantásticos - sob a regência da professora de música Nhá Anica (compositora, executante de vários instrumentos), tia avó da moça. O ponto alto era a jaculatória:

"Virgem Santa do Pilar, nossa mãe, nosso futuro. Sois a Estrela Polar, brilhando no céu escuro...". A melodia, de extrema doçura - valorizando o belo poema de Thiago Peixoto - fazia a emoção explodir. Muitos, sem qualquer constrangimento, deixavam verter cataratas de lágrimas.

No altar, sobre o pedestal de mármore, pequenina, com o menino nos braços, rodeada de flores, velas e anjos - os vivos e os de gesso - a padroeira parecia receber as homenagens com enorme carinho pelo seu povo. O braço estendido como nos chamando ao seu regaço.

Depois das orações, a queima de fogos de artifício. As pessoas reunidas na praça sentiam a cidade estremecer com o estrondo dos foguetes e se encantavam com a chuva de cores. As "lágrimas de prata" eram as protagonistas do show.

Na semana do grande dia os clubes promoviam bailes de arromba, com importantes orquestras. Na praça, já estavam instaladas barraquinhas de jogos, comes, bebes e tudo o que o comércio pudesse vender. Animadíssima à noite, a praça era o ponto de encontro das famílias capelistas e dos inúmeros visitantes. Naqueles dias, os antoninenses residentes em outros municípios costumavam voltar à cidade. Um deles que nunca perdeu a Festa foi Pio Taborda Veiga e sua mulher Maria Verena. O dia 15 começava com a alvorada festiva, às seis horas da manhã. Os sinos das igrejas preenchiam o ar. A banda desfilava nas ruas num empolgamento contagiante. Mesmo sendo bem cedo, muita gente ia vê-la passar.

Às 11 horas a missa solene. Imperdível. Todos vestiam roupas novas mandadas fazer, especialmente, pra ocasião. As mulheres luziam-se em seus trajes e com seus penteados preparados com papelotes. Entre outras muitas minha professora querida, Dorothy Pinheiro Lima - linda como uma estrela de cinema – provocava admiração geral. Elegantíssimas, as irmãs Feres: Juni, Gene e Jane. Também, Olguinha e Therezinha Mussi e Lucinha Corrêa. As mulheres Azim, as Nascimento Pinto, abafavam. Diva e Arailde nos trinques, sempre. Eta tempo bom! Que saudades!

O padre paramentado em gala, envolto por nuvens de incenso rezava em latim. O Coro superava-se na beleza da Missa de Galotti. A consagração da hóstia e do vinho - acompanhada com o badalar das campainhas — prostrava os fiéis em enlevo e recolhimento. Naquele momento, o filho de Maria presente na nave também reverenciava sua mãe.

Terminada a cerimônia, no outeiro – com aquela esplêndida vista pro mar - as pessoas conversavam animadamente, trocando abraços.

A hora do grande almoço. Serviam-se banquetes dignos dos imperadores chineses. As cozinhas das casas movimentavam-se durante toda a semana. Eram muitos os convidados e na mesa o melhor: linho bordado, porcelana, prata e cristal.

Na casa da moça, depois do variadíssimo cardápio, a sobremesa principal era ambrosia - com a receita secreta de Nhá Anica - sem dúvida o manjar dos deuses olímpicos.

A procissão saía às 17 horas. A cidade inteira estava presente. A banda recebia a Senhora no final da escadaria. A vista da imagem fazia o coração acelerar. O fervor das preces, dos cânticos e os contritos pagadores de promessa, testemunhavam o valor da santa.

No trajeto, com sua coroa de ouro, seu manto azul, Jesus no colo, parecia flutuar no andor coberto de flores. As mulheres faziam a ornamentação e o manto pro dia. Os homens disputavam a honra de conduzi-la. Nerea, minha mãe, que não abria mão de levar o andor, tinha lugar cativo no trecho Igreja/rua Ermelino de Leão. A Senhora percorria as ruas - nós sentíamos - sorrindo docemente. Percebia-se nas pessoas a certeza da benção poderosa.

A moça lembra que quando menina corria à frente do cortejo, emocionada, sem cansar de vê-la passar majestosa.

De volta à Igreja, a novena de encerramento. Apoteótica. Depois, o derradeiro espetáculo pirotécnico. O *gran finale* era a Matriz reverberando em luzes prateadas.

Neste mundo que se torna - pobres de nós - cada vez mais perverso e insano, é um oásis ainda cultivar a fé na Senhora do Pilar.

VIA CRUCIS

À Ail Machado, Alceni Sério, Antonio Alves de Oliveira Neto, Antonio Marcos dos Santos, Beatriz Gessner, Carmen Hoffmann, Eduardo Nascimento, Eros Merlin Trevisan, Inah, Hugo Vidal e família, Juni, Gene e Jane Feres, Mousinho/Staniscia/Rocha. Lucinha Corrêa, Lucio "Gabiroba" Togo Mange, dona Maricota, Irene, Girão, Marisa, Marly e família, Marigel Machado, Marly Garcia Correia, Neivo Beraldin, Olguinha Mussi, Terezinha Mussi de Oliveira, Rafael Camargo, Regina e Nelson Kaluff e Warly Martins Ribeiro.

Páscoa, tempo de reflexão sobre os ensinamentos de Jesus.

Lamentavelmente, antes, durante e depois do Nazareno, o ser humano foi e é capaz de tudo para alcançar o que ambiciona. É claro que existiu e existe gente boa. Deus nos acuda e nos aproxime dos que são do bem!

As filosofias contribuíram e contribuem pra que seres pensantes vivessem e vivam com decência.

As mensagens de Jesus, nos três anos que falou ao seu povo e depois registradas nos Evangelhos pra todas as gentes, muitas vezes são temas de inflamados discursos não levados à ação. Pra alguns, a pregação teatral e catártica rende montanhas de dinheiro. Quanto mais ignorante for o povo, melhor. São maiores as condições pra manipulá-lo, mantê-lo em constante pânico com a possibilidade do inferno. Dá-lhe exploração. O medo mais que a fé embota o raciocínio, a capacidade de discernimento.

Pelos que seguem, de verdade, as palavras de Jesus – dirá o Mestre em sua misericórdia – valeram a pena as falações e os suplícios da Paixão.

Os cristãos celebram na Semana Santa os últimos dias de Cristo em Jerusalém. O fechar das cortinas de sua missão entre os mortais.

A moça lembra que em Antonina a família participava das cerimônias. A procissão da Sexta-feira Maior era o máximo. Multidões acompanhavam o féretro, vestidos adequadamente pra ocasião solene. A imagem do Senhor em tamanho natural – a escultura, com cabelos verdadeiros, tão perfeita que inspirava medo pelas marcas do flagelo e a expressão do sofrimento - era conduzida num esquife roxo.

Rezas e cantos fúnebres acompanhavam o percurso. As matracas eram batidas de tal forma que arrepiavam geral.

Dona Sandra Mussi toda de preto fazia Verônica. Em lugares estratégicos cantava e desvendava, aos poucos, o pano com o qual a piedosa mulher enxugou o sangue e o suor do rosto do condenado, pano onde ficou fixado o rosto daquele que se dirigia ao Gólgota. Que cena formidável!

No templo do deus Quatzalcoatl Borboleta – "a serpente emplumada" – em Teotihuacan/México, está escrito "O Tempo Passa Inexoravelmente Ponto." Muito bem! Com o passar do tempo, são inexoráveis as mudanças. Boas ou más.

Hoje, a celebração transformou-se em espetáculo. Os atores ao vivo e em cores mostram as Estações, em especial, nos pontos turísticos da cidade. É bonito e emocionante, sem dúvida. Pena que algumas pessoas acompanham a trajetória como se estivessem na farra. Conversando, fazendo piadas, rindo, gritando, tomando cerveja, comendo, berrando palavrões na disputa por melhores lugares pra apreciar a encenação.

Os passos derradeiros: a Santa Ceia com os apóstolos (Maria Madalena estava presente?). No Monte das Oliveiras, a súplica: "Pai, afasta de mim este cálice". Jesus sua sangue. Os apóstolos dormem. Com a chegada dos soldados, Pedro tomando a espada de um deles decepa-lhe a orelha. O Messias reprova a violência. O beijo de Judas. A prisão. O julgamento de Caifás. A negação de Pedro. Iscariotes recebe as prometidas 30 moedas. Arrependido, as joga fora. Enforca-se. (Judas, nasceu pro papel. Se não fosse desse modo a profecia não se teria cumprido. Sua alma, com certeza, não arde no fogo do inferno.) A ordem de Pilatos: flagelação. Os açoites. A coroa de espinhos. A humilhação do manto rubro e do cetro de bambu. O pronunciamento do governador romano: "Ecce Homo"! "Ele ou Barrabás?". Grita o povo: "Barrabás!!!" Barrabás!!!". Pôncio lava as mãos. Jesus é condenado à cruz.

A caminhada sob insultos. As quedas. Simão de Cirene leva o pesado lenho. Verônica. Com os dois ladrões no Gólgota. A crucificação. Ao bom ladrão Jesus prometeu: "Ainda hoje estarás comigo no Paraíso." Maria, Madalena, Salomé e João aos pés do moribundo, em desespero. Os outros apóstolos, cheios de medo, estão escondidos. A esponja com vinagre. A morte: "Eli, Eli, lammá sabactáni". "Está tudo consumado. Pai, em tuas mãos entrego meu espírito". Com lugar cativo na Santíssima Trindade, o Salvador intercede: "Pai, perdoa-os porque não sabem o que fazem". O triste nesse titânico martírio é que nós continuamos não sabendo. A missão redentora está cumprida. Trevas. Raios. Trovões. Rasga-se o véu do templo. A terra treme. A

lança de Longino perfura o peito de "Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus"- INRI, como Pilatos mandou escrever na placa fixada à madeira. A descida para os braços da mãe.

Michelangelo, em sua magnífica "Pietá", registrou pra todo o sempre esse momento de profunda dor.

A preparação do corpo. O enterro no túmulo de José de Arimatéia. A ressurreição. Maria Madalena fala com Jesus. Informa aos apóstolos que o Mestre está vivo. Alguns não acreditam.

A ascensão aos céus, na encenação, é feita em moderna tecnologia, com muito gelo seco. Fim do show.

Sem contrição, sem emoção, sem pensar sobre o que se está rememorando muitos aplaudem aos gritos e assovios e vão saindo apressados, empurrando os outros grosseiramente. O público tem mais o que fazer naquele feriado como outro qualquer.

Passar a Semana Santa em Antonina, apesar do que observo, é sempre chocolate com recheio de marzipã.

POR QUÊ?

Às que vivem sob o luar de Mitilene.

Aos que são arrebatados pra além das estrelas, como Ganimedes.

Àquelas acolhidas por Háthor.

Àqueles que caminham ao lado de Jnum.

Alguém em sã consciência põe a bunda em formigueiro? As bolas na guilhotina?

Alguém em sã consciência se entrega ao apedrejamento público?

Alguém em sã consciência expõe sua vida, sabendo que muitos vivem nos mais cáusticos preconceitos?

Alguém em sã consciência deixa passar batida a vergonha da família? O repúdio daqueles que ama?

Alguém em sã consciência sente-se confortável sendo chamado de bichona, viado escroto? De fanchona, sapatão, machorra?

Ninguém, gozando de lucidez, atira-se às feras ensandecidas que passam o tempo neste planeta, só pra escandalizar a burguesia.

Esse périplo perverso que, lamentavelmente, ainda acontece, vem da afirmação: sou homossexual. Sou lésbica. Sou gay.

Que grande catástrofe pras pessoas, pro mundo, há neste fato? O que deve valer é o caráter das pessoas.

Esfolo à morte minha alma, mas quero defender minha natureza.

Bobagem dizer que se "escolhe", que se dá "preferência" - no amor e no sexo – à pessoa do mesmo gênero. Reitero, é questão de natureza.

A coragem pra "sair do armário" e enfrentar a ignorância e a crueldade de muitos, vem de se assumir, de saber que é impossível fugir de si mesmo, do que se é. Os que tentam camuflar, esconder seu eu, descem as rampas do inferno que Virgílio mostrou a Dante.

A revelação sobre o que somos quase sempre provoca o medo de chocar familiares; de perder amigos; do afastamento de pessoas queridas que não querem ser vistas como "caranguejo do mesmo saco". Mais assustador ainda que pensem ser nosso carinho, nossa amizade, jogo de sedução.

Muitos têm medo das consequências de assumir-se e é pra ter medo mesmo. Muitas pessoas, no particular, forjam pra nós simpatia. Em público, desempenham cortês ou grosseiro distanciamento. Por isso, custa-nos muito desvendar a alma...

Por quê? Ninguém responderá, com absoluta certeza, porque essa ou aquela pessoa é homossexual.

"Ser ou não ser... Eis a questão!" Através das falas de "Hamlet", há séculos, Shakespeare propôs esta reflexão.

Aceitar-se no que não pode ser mudado - e que não provoca danos a ninguém - poder viver sem mentiras, simulações, dissimulações. Sem ter que se refugiar em esconderijos, sem medos, sem vergonha da sua realidade, é uma benção. Temos direito à ela.

Um número incontável de mulheres e homens, do mundo inteiro, estão na mesma estrada. Barreiras todos encontram. Pra nós são mais altas e mais largas.

No universo homossexual, a mulher é condenada quatro vezes. Nasceu fêmea, é homo, não serve ao macho, não reproduz a espécie.

A recompensa é que pra mulher homossexual, a relação amorosa, quase sempre, faz aflorar sentimentos mais profundos, mais duradouros. Quase sempre temos o mesmo entendimento das coisas, as mesmas experiências, a mesma sensibilidade, os mesmos "chiliques". Como sabemos as soluções pros "pitis"- querendo – podemos transformar pântano em mar de rosas.

Nessas águas, a amada é o paraíso. A voz, violinos ao entardecer no verão. A pele, puro "terciopelo". O sorriso desponta real, contaminante, branco e lindo como a espuma das ondas. O toque, de serafins e demônios, na medida certa, do jeito certo, na hora certa, nos lugares certos.

Por quê não podemos amar, ser felizes, sem passarmos por discriminações, desqualificações, grosserias? Sem termos a vida em risco? Sem sermos vistos – generalizadamente – como doentes, tarados? Sem senso de oportunidade? Sem limites? Sem respeito por si mesmo e pelos outros?

Por quê alguns "normais" nos olham com desprezo, ironia? É salutar lembrar, senhoras e senhores, que em suas famílias também existe gente com variadas naturezas e comportamentos. Muitos não só "trancam-se no armário" mas em cofres invioláveis de onde não querem sair nem à bala. Fazem o que querem fazer, escondidos. Solteiros ou casados, de dia ou à noite fogem, pra encontrar-se.

"Tapar o sol com peneira" e só ver, criticamente, o que acontece na vida dos outros, além de cretinice é prova de gritante ignorância.

"Eu sei e sei que você sabe que eu sei. Eu sei que você sabe e faz de conta que não sabe". Esse é o jeito de muitas pessoas tratarem desse e de outros assuntos. Essas, cegas e surdas sofrem e nos fazem sofrer a dor dos sufocados.

Idiotas somos nós quando pensamos que os outros são idiotas.

Alguns homossexuais podem ser repugnantes. Alguns heterossexuais podem ser de distinguida qualidade. E vice-versa.

Assim sendo, basta de hipocrisia. Basta de crueldade.

O preconceito e a ignorância de muitos não nos manterão pra sempre, nas coxias da vida. Queremos e estaremos em cena, com a cortina aberta, afirmando nossa existência.

Pelo que tudo indica estamos "nos finalmentes" deste planeta. 2012 não tardará a chegar. As profecias apontam inomináveis catástrofes (muitas delas, provocadas por nós mesmos). É hora de aterrizar na real. De desvencilhar-se da burca que dificulta a visão. De viver com a cabeça e o espírito abertos. É hora de deixar as pessoas adultas amarem a quem quiserem amar.

Todos nós integramos o elenco humano. Talentosos ou canastrões.

Sejamos homossexuais, bissexuais, heterossexuais. Mulheres, homens. Crianças, adolescentes, adultos, velhos. Sejamos negros, brancos, orientais, mestiços, naturais da terra. Ciganos ou "gadjos". Sejamos judeus, cristãos, ateus, muçulmanos, umbandistas, budistas e etc. Sejamos "polacos", japoneses, árabes, nordestinos. Pobres ou ricos. Republicanos ou monarquistas. Magros ou gordos. Comunistas ou capitalistas. Sejamos bonitos ou feios. Morenos, louros, ruivos, castanhos, carecas. Tenhamos olhos azuis, castanhos, negros ou verdes. Sejamos saudáveis ou enfermos. Sejamos arqueólogos, diaristas, advogados, coletores de lixo, artistas ou sem profissão definida. Altos ou baixos. Inteligentes ou destituídos, estamos todos na mesma peça. O espetáculo – sempre um trabalho de equipe - tem que valer o esforço homérico, o qual obrigamo-nos a fazer pra levá-lo ao palco, com dignidade. Com decência.

HORROROSO

À Dorothy, Maninho, Margareth e Marjorie Nascimento Pinto/Fonseca. À Dóris Nascimento Cunha.

Para Saul, Samuel e Rodrigo Fonseca.

À Adelaidinha, Celininha, Laís, Osires, André, José Renato, Carlos Alberto Pinto/Fonseca/Goubert.

À Mariquita, Tidoca, Rosemary e Joãozito da Costa Pinto.

À Ana Carla Vieira, Cristina Camargo, Diolete e Sheila Cury, Elizandre Machado, Eloá Cristina Sucharski, Iáscara Abrão, Janaína Barreto, Lilia "Lili" Figueiredo, Lu Rufalco, Malu Willunsen, Marcinha Borges Sampaio, Maria Alice Moreira, Maria da Graça Kindermann, Marisa Seara,

Mirian Pojda, Rute Fernandes, Tânia Regina da Silva, Valderez de Macedo Pacheco, Vera Gabriel, Vera Lucia Condessa e Virgínia Salomão.

Na segunda quinzena de dezembro as cigarras cantam anunciando a saída dos monstros das suas tocas de lama. À primeira vista é nojento. Locomovem-se em todas as direções. Aranhas assustadoras. Com garras dilacerantes.

Os capelistas, que adoram o bicho, esperam dez meses pra gozar um mês e meio de altíssima gastronomia.

O monstro azul - que se converte em vermelho quando vai à água fervente - é uma das "delícias deliciosas" que o mar generoso nos dá. Pouparei ao leitor e a mim mesma, o relato sobre os detalhes sórdidos dessa operação maquiavélica.

Comer caranguejo em Antonina tem seu ritual.

Acompanha a iguaria feijão preto, farinha de mandioca fabricada na cidade, salada de cebola, tomate e pepino.

O molho que incrementa o sabor da carne - tirada da casca dura, na porrada, com martelinhos de madeira - preparado há séculos na casa da moça, é imbatível: cebola em rodelas, frita no azeite, com sal, pimenta do reino e vinagre. Neusa e Sôely são expertas nessa maravilha.

As encomendas aos catadores são, na maioria das vezes, de uma dúzia por pessoa, portanto, não se aceita comensal de última hora. Na caranguejada não existe - e não insistam - compaixão pra quem não está na lista dos participantes daquela rodada.

O grande lance do "esplêndido" prato (como dizia Nhá Anica), é que se come o bicho em companhia de muitos povos.

Rola caipirinha de todo jeito. Whisky. Cervejas muitas ou refri pros abstêmios. Senta-se à mesa, digamos, a uma hora e só se abandona o recinto lá pelas quatro da tarde com pausas, tão somente, pra visitas ao gabinete sanitário, ou, mergulho na piscina. O calor nessa época do ano em Antonina é senegalesco.

No mês de janeiro (quando a caça consentida já está no final) quando os bichos estão enormes e gordos, na casa de Dorothy e Margareth, grandes anfitriãs, fazemos nossa caranguejada. Nota 100 à carinhosa atenção de Marisa Seara, à simpatia, à competência de Esmeralda e Pê.

Depois dos aperitivos, o primeiro prato é siri feito no forno por Marjorie, irmã de Mag. Indescritível.

Os que vão de Curitiba hospedam-se na Pousada das Laranjeiras, de Beth Carraro. Ali já começa o show capelista. Beth e André amam a cidade e fazem sempre o melhor pra que esse amor se multiplique.

Outro programa gastronômico sensacional é comer no "Caçarola" de Jóca e Jurema.

Em se tratando de Antonina não falta música ao vivo. Instrumentistas e cantoras - das boas - proliferam. Maria Alice, Mag, Janaína, Carla, são as estrelas.

A sobremesa, dolé/picolé feito artesanalmente pela "chef" que trabalha com maracujá e côco. Esses sorvetes no palito, proporcionam infantil alegria à clientela.

Após o banquete romano, mãos e braços enlameados, dedos murchos, esfolados pela casca e pelas garras do bicho – "fá favô" - uma rede pro merecido repouso reparador do super excesso praticado, sem nenhum sentimento de culpa.

Como a vida é linda num momento como esse. Amigos. Música. Muita conversa sobre tudo. Muito riso. Muita comida boa. Muita birita. E já a saudade do bicho que só retornará à cena - glorioso - no final do ano.

MOMO

À Yolanda Pinto, Vera Colatino, Conceição Rosa, Manoel Coelho e José "Zezinho" Secundino de Oliveira Neto.

À dona Virgínia Nascimento, suas netas, seus genros e suas filhas Regina, Claudete, Vera e Margareth (parabéns senhora vereadora. Tenho certeza que fará um excelente trabalho por nossa cidade), idealizadores da escola de samba "Brinca Pra Não Chorá".

À Maria Alice Moreira, Beth Carraro e à turma do "Boi Barrozo".

Às escolas de samba. Aos blocos. Ao Apinagés. Aos foliões de Antonina.

Àqueles que são fregueses de caderno das festas carnavalescas capelistas.

Descobertas científicas extraordinárias. Mudanças de toda ordem. Avanços importantes resultam do caminhar dos anos. Caminhos de luz e de trevas. O planeta gira e nós com ele.

Depois dos sessenta anos, muitas vezes, a vida transforma-se tanto que não é fácil encarar os novos tempos. As enfermidades da idade instalam-se. É o impedimento pra mil coisas que eram mais que prazerosas. Imensa pena. A ficha cai e somos obrigados a entender e aceitar as limitações, as mudanças.

O passar dos anos, pra alguns, pode ser pleno de bênçãos. Pode trazer maior lucidez e coragem pra enfrentar a real. Trazer visão de mundo. Gosto mais apurado. Pode aguçar a sensibilidade à beleza. Tornar o espírito, os sentidos e a mente mais refinados.

Nos sessenta, muitas vezes, acentua-se o processo seletivo. As coisas não só devem alagar o coração mas também a alma. Pessoas, coisas e acontecimentos são vistos em outras dimensões de qualidade.

A partir dos sessenta, somos tomados pelas lembranças com maior freqüência. Boas. Más. O que foi o existir.

A moça – hoje, já não tão moça – lembra, entre suas vivências, o Carnaval de Antonina.

Pra reverenciar o Rei da Folia – com grande alegria – todos faziam suas fantasias pros bailes, fantásticos, e pra festa na rua. O freje concentrava-se, como ainda hoje, na rua Doutor Carlos Gomes da Costa, a principal.

Os desfiles das escolas de samba provocavam ansiedade, torcidas ferrenhas. Era Batel ou Capela – as grandes. A Capela, dirigida pela família Camargo. De Regina e Guilhobel nasceu Cristina, pessoa especial, formidável cantora.

A prima da moça, Maria Alice – violonista e cantora – foi uma das carnavalescas/organizadoras da Batel. Seu entusiasmo contaminava a família. Na frente da nossa casa tremulava, gigantesca, a bandeira da escola: verde, vermelha e branca.

No almoço de domingo servia-se o infalível e delicioso Barreado.

A passagem das escolas de samba, dos blocos, especialmente o Apinagés, o Boi, o Dragão, não podia faltar. Idem, o vai e vem das pessoas de "dominó" brincando camufladas. Muitos vestiam-se de mulher – "as escandalosas" – estrelas da folia.

A moça lembra do homem que todos os anos saia com um urinol cheio de cerveja e uma tripa de salsicha. Não é que apesar da brincadeira de flagrante mau gosto, a criatura fazia sucesso?

Os Apinagés – "índios" cobertos de penas brancas, alguns com cocares que se alongavam até o chão – era o preferido da menina. A "princesa da tribo", jovem e linda, puxava o grupo com seu dançar único e suas músicas exclusivas. O ponto alto da apresentação era "O Guarani" de Carlos Gomes. Aplaudidíssima.

O sonho da menina era sair no Apinagés. Desejo que jamais pode ser realizado. Preconceitos – como sempre – cortando sonhos e prazeres.

Momo, naqueles anos, reinava entre as famílias da cidade. Os visitantes entravam no clima esbaldando-se com os sambas e as marchinhas que todos conheciam e cantavam.

A decoração da rua e dos clubes, pobrinha, porém bonita. Profusão de serpentinas e confetes coloridos. O lança-perfume, em seus frascos dourados ou de vidro, eram usados pra refrescar os corpos suados.

A moça adora Antonina mas Carnaval lá, de jeito nenhum. Os tempos que correm trouxeram novas modas à festa: álcool sem nenhum limite. Vômitos nas calçadas, sem cerimônia. Drogas pesadas. Gente suja e fedorenta caindo sobre as pessoas. Uso das ruas como latrinas. Fedor insuportável. Músicas intragáveis, tocadas da tarde à madrugada em inacreditável volume quando não se consegue conversar, assistir TV, ouvir música que preste e muito menos dormir. Ficar nas ruas pra brincar ou apreciar a folia, nem pensar. O delicioso de ontem deixou de sê-lo.

Lamentavelmente, pra muitos, os anos não passam impunemente.

Se esse super freje pra você é uma boa, vá a Antonina nos dias de Momo. A diversão é garantida.

AS FILHAS DE LOT

À Marisa Villela

Agnalda Trinkel, Ana Zétola, Angelo de Marco, Aristhides Teixeira, Beto Rafael, Carlos Cavalcante, Ceme Jambay, Cintia Nápoli, Cleon Jacques, Cristina Beduski, Daiane Rafaela, Denise Bueno, Dora de Paula Soares, Elaine Marcondes, Elizabeth Distefanis, Emiliano Queiroz, Érica Migon, Eunice "Neusa" Alves, Eunice Oliveira, Evanira, Felipe Hirsch, Francisco Duarte, Geraldo Pioli, Giovana Soar, Guilherme Weber, Gylian Dib, Hugo Delavalle, Hugo Mengarelli, Ilona Meyer, Ilona Miguel, Isabel Mendes, Itamar Vendramel, Jair Moraes, Joacir Assanuma, José Oliva, Juarez Guimarães, Julio Motta, Karamzinho Laércio Ruffa, Laura Haddad, Lia Comanduli, Lineu Portela, Lirdi Jorge, Lucinete Vieira, Luiz Carlos de Goes, Luiz Roberto Meira, Luzinete "Lúcia" Pelaquini, Marcelo de Oliveira, Márcia Constantino, Marcio Abreu, Maria Rodrigues, Marinho Galera, Marcos Isfer, Mauro Chaves, Marvely Dias, Maybel Sulamita, Ney Aminthas de Barros Braga, Octávio Ferreira do Amaral Neto, Paulo Leminski, Paulo Pimentel, Paulo Torres, Paulo Vítola, Rafael Greca de Macedo, Rita de Cássia Correia, Roaldo dos Anjos, Roberto Murtinho, Rodrigo Ferrarini, Rogério Dellê, Rogério Halila, Rosângela Corbani, Rosi Greca e Helinho, Ruiz Bellenda, Salvador de Ferrante, Sandra e Pedro Pires, Teresinha Fernandes, Valdete de Jesus, e Yurek Shabelewski

Os homens que escreveram a Bíblia em suas várias versões, em alguns episódios, fizeram Deus ser conivente com barbáries produzidas por seus prediletos dos primeiros tempos.

Sara, grávida após séculos de esterilidade, dá à luz Isaac. Abraão, primeiro patriarca, tinha um filho com a escrava egípcia Agar – Ismael.

Sem qualquer compaixão, Sara manda expulsá-los do acampamento pra que, de preferência, estrebuchassem no deserto. Abraão concordou com tal ignomínia.

Agar e o filho, já sofrendo as agruras da vastidão vazia e escaldante, suplicam a Deus que não os deixe morrer. O Plus Ultra tocado pela situação, atende o que Lhe pedem Agar e Ismael. Faz jorrar água e permite que cheguem ao seu lugar de destino.

Isaac será o iniciador do povo judaico e Ismael do povo árabe.

De Abraão, como arquitetou o Senhor, descenderiam mais seres humanos que as estrelas que brilham no firmamento. Irmãos, pra viver em paz, com solidariedade e justiça. O Criador deve sentir-se frustrado.

No mesmo acampamento – na terra prometida por Deus ao caldeu vindo de Ur – chegam três homens de extraordinária beleza. Anjos cuja missão era acabar com a esbórnia que rolava em Sodoma.

Abraão, agora cheio de compadecimento, pergunta aos anjos se a cidade seria poupada se lá residissem cinquenta pessoas do bem. Como não existiam tantas, foi barganhando até chegar a dez. Muito bem, os anjos toparam o jogo. Ocorreu que não havia nem dez criaturas vivendo conforme os preceitos.

Lot, sobrinho de Abraão, morava em Sodoma. O tio pediu aos celestiais que o procurassem, uma vez que era homem decente. Deveria ser poupado do massacre agendado.

Assim que os anjos chegaram à cidade – resplandescentes – chamaram a atenção da malta que não perdoava os "países baixos" de ninguém. Com aquelas maravilhas novas em folha, não haveria de ser diferente.

Lot pediu à turba que seus hóspedes não fossem molestados e no lugar deles – mais uma vez as mulheres jogadas às feras – ofereceu as duas filhas virgens que com ele moravam. A gentalha enlouquecida não queria saber de virgem nenhuma. Queria, isso sim, "conhecer" os rapazes recém-chegados. Insistiram tanto e tão violentamente que o chicote foi imediato e implacável. A cegueira baixou geral.

Os anjos pediram que Lot saísse, de imediato, com sua família daquela Sodoma já no bico do corvo.

Lot correu pra avisar seus genros e suas filhas, sobre a hecatombe anunciada. "Os antas astecas" não acreditaram. Pensaram que o velho estava delirando, estava fubá.

Levando o que puderam saíram da cidade. Lot, sua mulher e as duas filhas, sob a determinação que seguissem sem olhar pra trás.

A mulher voltou a cabeça no "momento momentoso" que Sodoma estava recebendo a resposta de Deus, com muito fogo e muito enxofre. No mesmo instante, a babaca transformou-se em estátua de sal. Dizem que está lá até nossos dias.

O desastre foi total sobrando pra Gomorra, cidade vizinha, o mesmo fogaréu por sua podridão ambiente.

Com medo de se estabelecerem em lugar aberto, abrigaram-se numa caverna. Às meninas pareceu que o mundo tinha acabado, tamanho foi o freje nos arredores. Pensaram que com eles não só acabaria a dinastia de Lot, mas também a raça humana.

Diante desse panorama trágico decidiu a mais velha que deveriam dar de beber vinho ao pai e com ele fazer filhos.

Lot – como conta o contador desse episódio, no cuidado de não caracterizar incesto consentido – de porre nocauteador mas viril e ejaculante, cumpriu seu papel sem dar-se conta do que estava acontecendo.

Moa nasceu da primogênita e deu início ao povo moabita. Da mais nova nasceu Ben-Ami que gerou os amonitas. Claro que mais tarde deu chabu, como gostam os seres humanos.

Raciocinando – com todo respeito – vê-se que muitas vezes a Bíblia registra estórias arrepiantes ou mesmo engraçadíssimas, pela ingenuidade ou malandragem dos escribas de plantão. Fizeram de Deus, o antagonismo de tudo: justo, cruel, misericordioso e vingativo, no propósito de introduzir pânico na vida das pessoas, com a ameaça de terríveis sofrimentos, de danação eterna. O Livro, em vários episódios, é uma obra de terror.

Nas circunstâncias, a decisão das filhas de Lot em transgredir, foi a salvação. Aplausos às meninas e ao velho que de fubá não tinha nada.

Já que estamos falando em incesto, Caim matou seu irmão Abel por inveja. O Senhor, atento aos menores detalhes de tudo, perguntou-lhe: "aonde está Abel?" Caim respondeu: "e eu sou o guarda do meu irmão?" Achando-se o "esperto" tomou na tarraqueta. Foi marcado na testa com o sinal do amaldiçoado. Deus deixou claro que ninguém poderia puni-lo. Caim evadiu-se do local e perambulou pelo deserto, encontrou mulher e constituiu família.

Cabe a pergunta: que mulher era essa? Com quem fez os filhos que lhe garantiram a posteridade? Voltou pra casa? Copulou com a mãe? Nessa parte do Livro não se fala na existência de irmãs. Entrou num universo paralelo? Tudo muito curioso. E assim, multiplicou-se a humanidade.

CONVITE À REFLEXÃO

À minha querida amiga e companheira de militância sindical, Luciana Cherobim. À classe cênica.

À dona Vanda, Edlamar, Erimeide. À família Zanquettin.

À Família Queirolo.

Para Abel Soares, Ailton "Casquinha" Garcia Pereira, Altamira de Oliveira, Cleverson Cavalheiro, Douglas Rangel, Edison da Silva, Francisco "Mineiro" das Neves, Gilson Pereira, Ireneu Salvador, João Luiz Venâncio, Marcelo Exposito, Maria Terezinha Farrapo, Marlene Conceição, Mauri da Silva, Neuri Gaio, "Panhe", Paulo Fernandes, Paulo Lima, Rosa Moises, Sueli Carbonar, Terezinha de Lourdes "Neca" Pereira, Valdevino Guerreiro Teixeira, Vilson Cardoso e "Xiririca".

O cumprimento às leis é a segurança da sociedade e de cada um de nós.

A dignidade profissional do artista, do técnico e do produtor em espetáculos de diversões, sua reputação positiva, definem a credibilidade da classe junto à sociedade e aos governantes. Será resultado do trabalho sério, responsável e competente dos que integram este segmento.

Uma boa reputação abre as portas pro mundo.

Desprezar essa importante questão, é contribuir pra visão preconceituosa da sociedade em relação aos artistas em geral, bem como pro descaso das autoridades à ARTE/CULTURA, assim como àqueles que a realizam. Desprezar esse importante enfoque é contribuir pra continuidade da marginalização da classe artística. Igualmente, pro desrespeito com o qual temos – por muitos e em muitas ocasiões da trajetória da classe – sido tratados.

Cumprir e fazer cumprir a Lei que regulamenta a nossa profissão – nº 6.533/1978 – é o primeiro e decisivo passo pra que possamos ocupar lugar de respeito na sociedade, o qual nós, como todos os outros profissionais, merecemos e devemos exigir. Isso depende da consciência política de cada um.

A classe artística, em sua própria proteção, deve procurar contribuir à Previdência. Preocupar-se em fazer plano de saúde, lutar pra comprar sua casa. Deve pensar nos tempos das vacas magras. Da velhice. Das enfermidades possíveis. O tempo

passa, com a falta de trabalho como ficará a nossa sobrevivência? Sem trabalho, sem visibilidade, vem o esquecimento, o abandono, a solidão, o que pode ser letal.

A ARTE – expressão da cultura de um povo – nos ensina que a História da Civilização é a manifestação do espírito e do intelecto do ser humano, do que nele há de melhor. Através da arte tem sido marcado o grau de evolução dos povos.

As "ARTES DA PALAVRA", por sua vez, em sua fundamental importância por espelhar a vida, nos mostram a dimensão do estágio social, intelectual, político, histórico, cultural, da sociedade em seus vários períodos.

No trabalho com as "ARTES DA PALAVRA" – nesse caso, o teatro, a ópera, o cinema, a teledramaturgia – é nosso papel como profissionais da área ponderar sobre a importância e a repercussão de tais ações artísticas, as quais tratam – no pensamento expresso pela palavra falada – sobre o cotidiano, sobre a condição humana. O espetáculo cênico, cinematográfico, televisivo, são alguns dos veículos essenciais na exposição sobre nosso dia a dia.

Portanto, deve-se considerar sobre a responsabilidade dos que atuam na área, com relação a obra a ser criada/encenada, em razão de que o espetáculo "mexe" com a cabeça do espectador, podendo dar-lhe oportunidades pro auto-conhecimento, pro conhecimento, abrindo-lhe visão de mundo.

Dessa forma, o espetáculo, além de aflorar emoções/a sensibilidade, certamente contribui pra reflexão, pra despertar no público senso crítico, pra acender sua consciência política, o que vai impulsioná-lo ao exercício de seus direitos e deveres de cidadania, sem os quais a vida em conjunto torna-se catastrófica.

As "ARTES DA PALAVRA" – sabemos – têm tido, historicamente, o poder de mover a sociedade nas mais diversas direções. Aí está sua força. Os artistas são formadores de opinião. Isso posto, um dos papéis do profissional cênico, sem dúvida, é o de dar sua contribuição pra que a pessoa - ser social/político - no processo de desenvolvimento sócio-cultural, seja o decisivo PROTAGONISTA da obra/mundo que todos nós desejamos poder vivenciar: com paz; justiça e dignidade.

Tudo começa – acredito – com o respeito que cada um deve a si mesmo como pessoa e como profissional. Com o respeito que devemos aos outros. Com o respeito que devemos ao planeta no qual vivemos.

TROFÉU GRALHA AZUL

Entrevista da empresa Calvin com Yara Sarmento

À Delcy e Edson D'Avila, Waldir Manfredini, Sansores França, Ivens Fontoura e Oraci Gemba.

À Bia Reiner, Célia Regina Polydoro, Mario Trojan, Rozana Fátima Cunha dos Santos e Warly Martins Ribeiro.

Às diretorias do Teatro Guaíra que mantiveram e prestigiaram esse prêmio. Às comissões julgadoras dessa premiação, em toda sua trajetória.

Em 1973 começou o trabalho de planejamento e estruturação da primeira edição do Troféu APATEDEP/PR – "Máscaras do Teatro" – que se realizou em 1974. Esse foi o primeiro Troféu a homenagear os artistas, técnicos e produtores profissionais do teatro do Paraná. Já na segunda edição, a premiação passou a se chamar Troféu Gralha Azul, por sugestão de Edson D'Avila.

Yara Sarmento, atriz paranaense, na ocasião secretária da Associação Profissional dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões no Estado do Paraná – APATEDEP/PR, foi uma das criadoras desse prêmio, junto com os artistas Delcy e Edson D'Avila e Waldir Manfredini.

Além desse papel decisivo na criação do prêmio, Yara na década de 80, assessora da superintendência da Fundação Teatro Guaíra, na gestão de Oraci Gemba, contribuiu para que o Troféu Gralha Azul fosse prêmio oficial do Estado.

Como surgiu a ideia de criar um Troféu que premiasse os profissionais de teatro do Paraná?

Yara – A ideia surgiu da própria classe teatral à época, que via a premiação como uma medida de estímulo e reconhecimento ao trabalho realizado.

Partindo disso, Delcy, Edson e eu, que éramos diretores da APATEDEP, juntamente com Waldir Manfredini, discutimos a possibilidade de realizarmos algo nesse sentido. Depois de formularmos a ideia, começamos a

desenvolvê-la. Promovemos uma assembléia geral com a classe teatral, no objetivo de discutirmos as normas.

Partindo do regulamento, definiu-se quais eram os procedimentos a serem tomados no propósito de que o prêmio fosse instituído: convite às pessoas pra composição da comissão julgadora; acompanhamento dos espetáculos que se apresentavam no ano; levantamento de recursos financeiros pra concretização do projeto e outros tantos. O prêmio em questão foi muito bem recebido.

Como era o cenário teatral à época?

Yara – Era significativo. Ocorreu importante movimento no teatro paranaense. O Teatro Guaíra, além de produzir através do Teatro de Comédia do Paraná – TCP, oferecia apoio às produções, às co-produções com os independentes, através de editais.

Quais foram os passos mais importantes do Troféu Gralha Azul após esse primeiro embalo?

Yara – A APATEDEP/PR foi promotora desse Troféu até 1978. Depois disso, dificuldades financeiras de toda ordem, inclusive pra confecção das estatuetas - que foi desenhada, graciosamente, pelo artista plástico Ivens Fontoura, a pedido do ator Sansores França – impediram a continuação do prêmio. Então, houve um interregno de 1978 a 1983 na realização do evento. Durante esses anos, tentou-se a retomada do Troféu junto ao Museu da Imagem e do Som, dirigido por Marcelo Marchioro que tinha interesse em institucionalizar o prêmio, mas também por falta de recursos financeiros não foi possível. Quando Oraci Gemba assumiu a superintendência da então Fundação Teatro Guaíra, a classe reivindicou que a instituição assumisse o Troféu. A partir de 1983 o Teatro passou a ser o promotor da premiação que é anual, contando com a parceria das entidades de classe. Na mesma ocasião se instituiu o Prêmio Governador do Estado, em dinheiro, no propósito de dar-se mais tempero ao projeto. Depois, retiramos o título "Prêmio Governador do Estado" porque não houve interesse de nenhum deles em envolver-se, diretamente, com a premiação. O prêmio em dinheiro manteve-se. Não é uma maravilha asiática, mas também não é desprezível.

Como você vê a situação atual do Troféu?

Yara – O Troféu, no meu entender se solidificou apesar dos altos e baixos que teve e tem. O regulamento é revisto todos os anos em reunião conjunta com a diretoria artística do Teatro e representantes dos artistas, técnicos e produtores. Verificamos o que não deu certo e o que deve ser mantido. Dessa forma, vamos aprimorando ano a ano as normativas do prêmio. Pelo número de espetáculos inscritos, concluímos que a classe teatral deseja a manutenção dessa premiação.

O Troféu Gralha Azul foi criado por vontade da classe. Manter-se-á se houver interesse dos profissionais pelo prêmio. Na falta de interesse, ele será retirado do rol de projetos do Teatro Guaíra. O que será uma lástima porque novamente perderemos mais uma conquista, alcançada à duras penas.

Como atriz premiada, como você vê a importância do Troféu Gralha Azul para os artistas paranaenses?

Yara – O prêmio objetiva reconhecimento, valorização, visibilidade e estímulo. O Troféu não só contempla os atores, mas também os produtores, os técnicos, os criadores, ou seja, figurinistas, cenógrafos, diretores, sonoplastas, iluminadores, aderecistas, coreógrafos, dramaturgos e aqueles que atuam em outras importantes funções. Também àqueles que contribuíram pro desenvolvimento e a difusão do fazer teatral. Pra mim, é gratificante o recebimento do prêmio. O Troféu valoriza não só os ganhadores mas, igualmente, os indicados.

BARREADO DE ANTONINA

À Maria Souza.

À Ieda Siedslag.

Para Ermelino de Leão Neto. À Hélia e Eni Leão. Para Pio e Maria Verena Taborda Veiga. À Beth Carraro. À Juni e Raimundo Mousinho. Para "Táta" Gaspar.

À Clarita, Ana Maria e Luis Augusto Leão Fonseca.

Aos capelistas e amigos da cidade.

Prato típico do litoral do Paraná, delicioso com suas carnes variadas e seus mil temperos. Come-se com arroz e/ou farinha de mandioca, de Antonina. Pra quem gosta, com laranja e banana.

Inúmeros foram os almoços na nossa casa, oferecendo-se esse prato com todos os seus rituais.

Minha mãe divulgou o Barreado estadual e nacionalmente, através da Revista Claudia, bem como nos vários encontros de profissionais de diversas áreas, os quais ocorreram no Clube Náutico de Antonina, no período em que Nerea foi comodora.

Receita incrementada por Nerea e Maria:

INGREDIENTES:

CARNES: alcatra / coxão mole / peito / toucinho cru.

Quantidade pra 30 pessoas:

6 kilos de ALCATRA

6 kilos de COXÃO MOLE

3 kilos de PEITO

1 kilo de TOUCINHO

TEMPEROS:

Cominho, alho, cebola, louro, manjerona, vinagre, cheiro verde, pimenta do reino, pimenta de cheiro e sal.

COMO PREPARAR:

Cortar as carnes em cubos, temperar com todos os ingredientes e deixar ficar numa vasilha a noite inteira.

Pela manhã, às 10h, colocar a carne com todos os temperos na panela de barro já curtida. O toucinho deverá ser cortado, uma parte em tiras fininhas pra forrar a panela, outra parte cortar em cubos e colocar junto com as carnes.

Levar ao fogo e quando entrar em fervura, provar. Se o sabor estiver a gosto, tirar do fogo e cobrir a panela com uma folha de bananeira, devidamente "sapecada". Amarrar a folha com barbante grosso, bem firme, na borda da panela. Colocar a tampa e lacrar com a seguinte massa:

Farinha de mandioca "surui" e cinza, um pouco d'água até o ponto que dê pra barreá-la.

Se durante o cozimento sair "bafo", barreia-se novamente o lugar do vasamento.

O Barreado deve ser feito, preferencialmente, em fogão à lenha, em fogo brando, das 15h em diante e por toda a noite. Por volta das 7h até às 11h manter em fogo alto. Após, em fogo brando até a hora de servir.

É tradição comemorar a abertura da panela de Barreado com fogos de artifício, toque de sino e cantando o Hino de Antonina.

O BARREADO É UMA FESTA

AS IRMÃS

Roteiro inspirado no trabalho de teledramaturgia realizado por Lilian Fleury Dória, para

o seriado da TV paranaense "Pista Dupla"- Canal CNT.

À Lilian Fleury Dória

Para Laerte Ortega

À Marília Pêra, diva das divas.

Para Acidália Chen, Adolar Zandoná, Airton Muller, Áldice Lopes, Antonio Carlos

Domingos, Aristeu Berger, Atílio Riccó, Berenice Mendes, Carlinhos Nunes, Carlos

Machado, César Almeida, Christo Dikoff, Cícero Camargo de Oliveira, Claudete

Barone, Claudete Rufino, Claudia Martins, Clovis Aquino, Dalton Trevisan, Edna

Savaget, Felipo Baroni, Geraldo Kleina, Glauco Flores de Sá Britto, Gracindo Junior,

Hugo Sandes, Isidoro Diniz, Ivan Leroux, Ivanise Garcia, João Loredo, João da Glória,

Joel de Oliveira, Joel Vaz, José Maria dos Santos, Lucrécia Darin, Lucy Castelo

Branco, Maria da Glória, Maurício Távora, Nestor Montemar, Octávio Graça Melo,

Odair Marzano, Oscar Ornstein, Paulo Afonso Grisolli, Paulo Graça Melo, Paulo

Munhoz, Paulo Venturelli, Ranieri Gonzalez, Roberto Menghini, Salete Cercal, Sergio

Britto, Silvio Santos, Sinval Martins e Valêncio Xavier.

À Bárbara Grand e Beatriz di Paolo Torres Ferreira do Amaral.

Roteiro e texto: Yara Sarmento

Teleteatrinho, ou curta-metragenzinha local, como diz meu querido "tio" Enéas Lour.

Elenco: 04 atrizes e 04 atores

Personagens:

Delcy

Luciana

Renata

Mirella

110

Feliciano

Dario

Diniz

Christo

Cena 01

Curitiba. Tarde/Interna. Delegacia de Polícia.

Abre a cena com Delcy à porta da sala de Feliciano, o delegado.

DELCY: Boa tarde, doutor.

FELICIANO: Minha querida. Entre. (levanta pra beijar e abraçar Delcy).

DINIZ: *(entrando na sala)* Oi Delcy! *(dá-lhe um beijo)* A querida madrinha do delegado Feliciano *(para o Delegado)*. Poderoso chefão, Annunciada, Chico, Vera e Magno estão chegando daquela investigação. Trazem boas notícias.

CHRISTO: *(entra na sala)* Delcy! Que bom te ver *(beijos/abraços, na maior simpatia)*. Feliciano, Maneco, Zezinho e Regis conseguiram engaiolar os pilantras que agiam em Guaratuba.

FELICIANO: *(levando Delcy pra sentar à sua mesa)* Madrinha que bom que veio. Estava com saudades. Como vão as coisas?

DELCY: Tudo bem. Trabalhando como sempre. Você sabe, Oraci faleceu há um ano, sinto muitíssimo sua falta.

FELICIANO: Tio Oraci está fazendo falta pra mim também. Éramos amigos. Foi um dos melhores advogados deste estado e um pintor do maior talento (Delcy sorri. Dá um beijo em Feliciano).

DELCY: E Luciana?

FELICIANO: Está em trabalho externo com Fernanda e Tatiane. As coisas não estão fáceis. Faltam verbas, equipamentos. Há muita corrupção, tráfico de influências. A violência, as drogas, o contrabando de armas comem soltos, deixando a população no salve-se quem puder. Nós fazemos o trabalho possível e o impossível. Mas, isso não está bastando.

Vai ficar hoje em Curitiba? Podemos jantar juntos.

DELCY: Estou voltando pra Antonina com Mônica, Mara Lu, Vitória, Pedrinho e Roseli. Benedito, Mineiro e Polli vão nos levar. É aniversário de casamento de Táta e Lili, de Neuzinha e Adalberto. Vamos jantar com eles. A festa vai

ser na casa de Nilza. Estarão lá também Eliane, Fátima, Vivianne, Silvana, Enéas, Beto, Guiz e Mário.

Querido, soube que você terá no fim de semana em Antonina, reunião com os delegados do litoral. Vocês poderiam ficar lá em casa. Encomendo à Ieda, mestra no assunto, pra domingo, um Barreado com todo o ritual.

- FELICIANO: Barreado e tudo? Grande ideia madrinha. Se a turma topar, ficaremos na sua casa.
- DELCY: Está combinado. Por favor confirme. Vou convidar também alguns amigos. Espero vocês no sábado, com um camarão no capricho. Vou pedir à minha prima Fernanda, uma das suas receitas divinas.
- FELICIANO: Como quiser. Pra mim está perfeito. Boa viagem (levantam, beijos/abraços. Música. Sem áudio. Delcy vai embora).

Corta

Cena 02

Curitiba. Tarde/Interna. Apartamento de Renata.

É irmã de Delcy. Ouve música. Está nervosa, fumando e bebendo. Toca a campainha. Renata se assusta. Olha pelo "olho mágico". Fica enlouquecida. Abre a porta. Mirella é bonita, fina e elegante. Dario está bem vestido, em traje esporte. Parados na sala olham com desprezo pra Renata.

- RENATA: *(com medo, mas cínica)* Estava esperando a visita de vocês. Fiquem à vontade. É um grande prazer receber os amigos. Você Mirella, como sempre, com a aparência de uma dama. Querem beber o quê?
- MIRELLA: (sem paciência) E você sempre querendo bancar a graciosa. Chega de delírio Renata, você sabe o que fez ontem à noite, não sabe? Por sua irresponsabilidade, porque não pára de beber um minuto, quase transformou em desastre nossa operação preparada há meses. Se Dario não estivesse atento a tudo, teríamos perdido cinquenta milhões de dólares. Essa foi a segunda vez que você falhou conosco. Vai nos pagar duzentos mil reais que tivemos que dar de suborno. Nem pense em receber sua parte no negócio.
- DARIO: *(duríssimo)* Você salvou sua pele na primeira mancada porque extorquiu de sua irmã o "tufo" pra nos pagar. Queremos e logo a grana. Você paga ou eu mesmo mando sua carcaça pro inferno. Está entendendo, cadela?

RENATA: (senta no sofá. Apavorada mas tentando demonstrar alguma segurança)

Vocês têm razão. Reconheço que, mais uma vez, pisei na jaca. Fiquem tranquilos, a organização não perderá nada. Preciso de uns dias. Vocês terão o dinheiro.

MIRELLA: Preste atenção Renata, duzentos mil reais na 2ª feira. Como você disse, terá o grande prazer de nos receber às 21h. Nem um dia a mais e na hora marcada. Ficou claro?

DARIO: Você conhece as regras do jogo. Outra coisa, você está fora da organização, bêbada safada.

(Mirella olha friamente pra Renata. Abre a porta. Dario sorri cinicamente. Vão embora deixando a porta aberta. Renata está estatelada. Fecha a porta e se encosta nela.)

RENATA: Duzentos mil paus até segunda-feira? Só se eu cagar essa grana.

Corta

Cena 03

Antonina. Noite/Interna. Casa de Delcy.

(Delcy está deitada no sofá lendo um livro. O portão e a porta da casa estão abertos. Renata entra, pára na porta. Está bebum. Delcy senta no sofá. As irmãs se olham. Renata com um sorriso ultra cínico entra e senta no mesmo sofá.)

DELCY: O que foi desta vez Renata?

RENATA: *(desaforada)* Não me venha com seus discursos moralistas. Preciso de duzentos mil reais, nota viva. Você vai resolver isso pra mim!

DELCY: Há seis meses vendi o apartamento que Oraci e eu tínhamos em Curitiba. Deilhe o dinheiro pra que não fosse linchada por essa corja com quem está metida. Minha irmã, acorde enquanto é tempo. O que você está fazendo é criminoso. Será que não percebe que está destruindo vidas? A vida de adolescentes. Lembre-se do filho de Denise. Dezesseis anos, morreu de overdose. Você não se sensibiliza com a luta, com o sofrimento daquela família?

RENATA: Como dizem os argentinos: "Y a mi que me importa"!!! Essa gente solta os filhos na rua, sem acompanhamento, sem diálogo, depois vem com

lágrimas, gritos e sussurros. Delcy, não vim aqui pra falar sobre os cachos de Sansão. Como da outra vez, minha vida depende desse dinheiro.

DELCY: Eu não consigo entender você. Com todas as possibilidades de viver bem, decentemente. Se não pensa nas pessoas que está prejudicando, pense em você. Um dia desses acaba presa ou morta. Não existe segredo no planeta Terra. Lembra o que me dizia quando éramos adolescentes? "Quem vacila a barata come!" Cuidado Renata com os idos de março.

RENATA: Ai! Que preguiça! Você ainda não sabe que quem tem dinheiro neste país não vai pra cadeia? O chefe da organização é biliardário. Muita gente poderosa come em sua mão. O grande e reverenciado empresário protege sua trupe. "Yo se lo que me digo", viva você sua vidinha medíocre e "respeitável" e deixe que eu viva a minha como me der nas bolas *(levanta e vai saindo. Pára na porta)*. Domingo volto a Antonina no final da tarde. Esteja em casa e com o *l'argent* na mão, certo maninha? Desculpe ter nascido. Agora é tarde pra lamentar o fato. Aquelas coisas de Paris!! Ônus da família. Como dizia tio Eurico: "Auf Wiedersehen" *(sai rindo)*.

DELCY: Renata, espere. Por favor me escute. Pare de beber. Faça um tratamento. Eu pago uma boa clínica.

RENATA: *(responde sarcasticamente)* Que clínica bosta nenhuma. Quem precisa de tratamento são os drogados. Não havendo consumo não há comércio. Se o problema a preocupa tanto, por quê não faz campanha pública pra salvar essa gente?

DELCY: É exatamente o que estou fazendo.

RENATA: (rindo) Até domingo com novas atrações, tá? (faz sinal de tchau e vai embora)

A câmera fecha em Delcy angustiada.

Corta

Cena 04

É sábado. Estrada pro litoral. Manhã/Externa.

Feliciano, Luciana, Christo e Diniz estão de carro a caminho de Antonina. Música. Sem áudio. A câmera mostra os pontos mais bonitos da serra. Na passagem por Morretes - identificar o nome da cidade — na ponte sobre o rio Nhundiaquara, a câmera mostra a

paisagem: o rio, casario, árvores, Igreja de Nossa Senhora do Porto. Na chegada em Antonina - identificar o nome da cidade – a câmera mostra a Estação Ferroviária, a Praça Coronel Macedo, tendo ao fundo a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar. Na rua principal, o Teatro Municipal.

Corta

Cena 05

É sábado. Antonina. Manhã/Externa. Casa de Delcy.

Os quatro - com suas maletas - estão entrando na casa. Beijos/Abraços/Cumprimentos. Música. Sem áudio.

FELICIANO: Madrinha, estamos em cima da hora pra reunião na Delegacia.

CHRISTO: Os delegados Aluízio e Edson, coordenadores da operação, são pontuais. As agentes federais, doutoras Angélica, Letícia, Mônica e Lanza estarão presentes. São como rapadura, doces mas duras. Duríssimas com a bandidagem.

LUCIANA: Essa operação planejada e realizada em conjunto, vai facilitar muito as investigações. Temos que guinchar essa caterva o quanto antes *(toca o celular. Luciana atende)*. Pessoal, Bueno, Alail, Zima, Geraldo e César já chegaram em Curitiba.

DELCY: Feli, desculpe perguntar. Qual é o caso?

FELICIANO: Tráfico de drogas (Delcy desmonta).

DINIZ: Simbora delegado. Não podemos chegar atrasados.

DELCY: Espero vocês pro jantar (Delcy está profundamente triste. Tenta não fazê-los perceber. Os quatro beijam Delcy e saem).

Corta

Cena 06

É domingo. Antonina. Manhã/Externa. Portão da casa de Delcy. Estão na rua. A câmera mostra – ao fundo – a Igreja de São Benedito. Estão indo pro carro.

DELCY: Façam um bom passeio. Vocês sabem, Antonina tem lugares lindos pra se ver.

Divirtam-se!!

A câmera vai fechando em Delcy que entra na casa.

Corta

Cena 07

É domingo. Antonina. Manhã/Externa. Giro pela cidade. Música. Sem áudio. Podem ir à Igreja de Nossa Senhora do Pilar – vista linda pro mar e uma parte da cidade. Podem ir à Ponta da Pita/Prainha. Podem ir ao trapiche próximo ao Mercado Municipal – vista pra Igreja Matriz.

Corta

Cena 08

É domingo. Antonina. Manhã/Externa. Rua Doutor Carlos Gomes da Costa. Na frente do Teatro Municipal - a população pode ser convidada pra participar dessa cena - assistem o desfile da FILARMÔNICA ANTONINENSE.

Corta

Cena 09

Churrasqueira da casa de Delcy. As panelas de Barreado - com o lacre de farinha e folha de bananeira - estão no fogão e as mesas postas. Os convidados tomam aperitivos e conversam animados. Música. Sem áudio.

DELCY: Pessoal, o Barreado vai ser servido *(chama as pessoas)*. Elisa, Rutinha, Gito, Teitei, Jean, Nenê, Tita e Maria, vamos abrir as panelas. Beth, você que sabe, dê as coordenadas. Carolina, o Hino de Antonina (entra o *Hino, os convidados cantam e dançam*). Marigel e Fernando, soltem os foguetes com cuidado. O sino é com você Eduardinho. Reinaldo, André, Fabiana, Sôely, Fernanda, Marlene, "tia U", ajudem a trazer as bebidas. Gisele, dona Maria, Bega, Mariana, Marcio, Ail, por favor, tragam o arroz, a banana, a laranja, a farinha e distribuam nas mesas. Neusa, não esqueça de trazer gelo pro isopor. Sentem onde quiserem. Maria Alice, Mozart, Silvia, Ana Maria, Aninha, Frederico por

favor, ajudem. (*dirigindo-se a Feliciano, Luciana, Christo e Diniz*). A festa é pra vocês meus queridos. Luis, Valdete, Isabel, Lurdeca, Bel, vamos comer. Julia, Felipe, Ana Laura, Luisa, Beatriz, Luan, Hayane, Inara, Manuela, Tasso, Júlia, Rodrigo e Fernanda, criançada, saiam da piscina.

(rola o almoço. A "Valsa de Antonina" pode ser cantada pelo GRUPO DE SERESTA).

Corta

Cena 10

Final da tarde/Externa. Churrasqueira da casa de Delcy. As luzes estão acesas. Os convidados foram embora. Delcy e os policiais conversam à mesa.

LUCIANA: Realmente, o Barreado é glorioso.

DINIZ: Quando fizer outra vez me convide.

CHRISTO: Esse ritual é o máximo. Coisa de capelista, sempre festança.

FELICIANO: Quando tio Oraci era vivo fizemos grandes reuniões nesta casa. Não sei como cabia tanta gente. Dias inesquecíveis.

(Delcy está ultra ansiosa)

DELCY: Feli, você lembra de minha irmã Renata?

FELICIANO: Vagamente. Quando a conheci era menino. Lembro que tio Oraci não gostava dela, dizia que era uma tremenda harpia. Falou-se, numa época, que aprontou feio. Vocês contrataram doutor Renê pra defendê-la, não foi? Renata ainda mora no Rio de Janeiro?

DELCY: Morou. Depois foi pra Europa. Há séculos não tinha notícias dela. Voltou pra Curitiba há seis meses. É interessante como as coisas acontecem na vida da gente. Vocês aqui e...

(Renata aparece na entrada do pátio da churrasqueira. Está briaca. Vê que a irmã não está sozinha. Fica furiosa mas procura disfarçar.)

RENATA: *(simpaticissima)* Boa noite *(falando com Delcy)*, não sabia que você estaria com visitas *(pros outros)* desculpem, não quero parecer indelicada mas tenho um assunto particular e urgente pra tratar com Delcy.

LUCIANA: Figuem a vontade. Rapazes, vamos pra cozinha.

Corta

Cena 11

Fim da tarde/Externa. Churrasqueira da casa de Delcy.

RENATA: (dura) Vá buscar o dinheiro e faça a coisa de jeito que esses babacas não percebam.

DELCY: Você vai acabar dando com a cara na parede.

RENATA: (grosseiramente) Interessa!!! Quero a grana. Não tenho tempo pra conversa mole.

Corta

Cena 12

Cozinha da casa de Delcy. Os quatro observam Renata. Estão, discretamente, atentos às duas conversando

LUCIANA: Gente, essa mulher não se parece com aquela que estamos investigando?

FELICIANO: É parecida sim. Não quero ser precipitado, mas Renata sempre foi uma trampa de primeira.

DINIZ: Na minha opinião se não for ela, é irmã gêmea.

CHRISTO: Faço uma aposta com vocês. É ela.

Corta

Cena 13

Churrasqueira da casa de Delcy. Sequência da cena com as irmãs conversando.

RENATA: Estou esperando. Mexa-se (Renata está quase explodindo).

DELCY: Por tudo que já disse, não vou lhe dar dinheiro nenhum.

- RENATA: (vai bater na irmã. Se toca que não estão sozinhas. Olha na direção da cozinha) Vou falar pela última vez, a grana porra!!!!
- DELCY: Lugar de traficante é na cadeia.
- RENATA: (sarcástica) O que está pensando fazer? Vai me denunciar pra polícia? Olha só a audácia. Você não faz ideia com quem está lidando. As pessoas da organização não estão brincando. Muito menos eu. Acho que você não é tão burra assim, pra por esse pescocinho na guilhotina, ou é?
- DELCY: Vou pôr "meu pescocinho na guilhotina", sim. Não vou lhe dar a "porra da grana". Isso, talvez, salve vidas (Delcy chama os policiais). Por favor, Luciana, Feli, meninos, venham aqui depressa.
- (eles vão correndo. Luciana na direção de Delcy. Feliciano na direção de Renata. Diniz e Christo param na saída do pátio da churrasqueira).
- RENATA: (sorrindo, se fazendo de desentendida) Pra que essa gritaria minha irmã? Morreu alguém?
- DELCY: *(absolutamente arrasada)* Perdão Renata mas é a única coisa decente a fazer. Feli, minha irmã faz parte de uma quadrilha de traficantes de drogas.
- RENATA: (com ódio mortal, perdendo completamente o controle, tenta avançar pra bater na irmã. Feliciano segura Renata). Desgraçada, você vai comer merda por isso. Aguarde!!!
- FELICIANO: Madrinha, sinto muito pelo que está acontecendo. Renata é uma das pessoas que estamos investigando *(pra Diniz, Christo e Luciana)*, vamos levá-la pra Curitiba. A caçada à essa quadrilha está chegando ao fim.
- CHRISTO: Vou avisar os delegados. Que situação dolorosa Delcy (dá-lhe um beijo, sai pra buscar o carro e trazê-lo na garagem).
- LUCIANA: *(abraçando Delcy)* Amiga, você está certa. Obrigada por tudo. Falamos. Você ficará a par sobre o andamento deste caso.
- DINIZ: Não se preocupe Delcy. Vamos providenciar proteção pra você.

(Renata e Delcy se olham. Uma com ódio, a outra com profunda dor.)

Música. Sem áudio. Os quatro despedem-se de Delcy. Beijos/abraços. Vão todos em direção ao carro. Saem da garagem. Acenam pra Delcy que levanta o braço num adeus, desmoronada).

Corta

Cena 14

Curitiba. Noite/Interna. Na Delegacia, uma semana depois.

FELICIANO: A operação foi perfeita. Conseguimos deletar o bando. Obrigado pelo empenho gente. Sou um cara de sorte por ter vocês na minha equipe.

Amanhã a notícia estará circulando. As pessoas precisam ter consciência de que é fundamental participar na luta pelo direito à paz e à vida. Bandido, seja quem for, merece gaiola.

(Música. Sem áudio. Continua o papo dos policiais na Delegacia.) FIM

DEPOIMENTOS

Adélia Lopes – Jornalista. Ex-Assessora de Imprensa da Secretaria de Estado da Cultura.

Yara, guerreira.

Do tempo de trevas brasileiras, Yara Sarmento é um dos símbolos de resistência cultural. Não temeu a luta. Batalhou, brigou, abraçou o Teatro Guaíra e deu as mãos à classe. Em tempos de luz, hoje, Yara só troca de arma, pois continua atenta ao que acontece nos palcos e seus bastidores. Fui e sou testemunha.

Áldice Lopes – Ator. Diretor. Produtor teatral. Diretor de produção do Centro Cultural Teatro Guaíra – CCTG.

Gostaria de falar de Yara a partir do nosso primeiro encontro, em 1983. Era aluno do Curso Permanente de Teatro (CPT) da então Fundação Teatro Guaíra (coordenado por Ivone Hoffmann). À época não a conhecia mas já tinha uma grande admiração por ela como excelente atriz, glamourosa, requisitada pelos melhores diretores... Oraci Gemba, Roberto Menghini, Antonio Carlos Kraide, Eddy Franciosi...

Bom, naquela época, em 1983, o curso apesar de ter a grade curricular de 3° grau não era reconhecido como tal pelo MEC. Nossa luta (alunos) era que esse curso fosse regulamentado. Foi aí que nossos caminhos se cruzaram. Numa das reuniões tempestivas para tratarmos desta questão, Yara como diretora artística e Gemba como superintendente, acolheram o pleito, posicionando-nos, orientando-nos e colocando-nos no caminho racional (éramos todos emocionais demais). Dessa luta resultou o Curso Superior de Artes Cênicas em convênio com a Pontificia Universidade Católica do Paraná-PUC, o que propiciou a criação do Curso Superior de Artes Cênicas da Faculdade de Artes do Paraná - FAP. E a partir daí a admiração, o carinho, o respeito, o companheirismo foi crescendo e hoje me dou ao luxo de ter Yara na minha casa para traçar discussões de editais, de leis e documentos, tudo relacionado com a Cultura. E saber que destas reuniões, sempre com a presença do amigo Isidoro Diniz, resultaram a articulação do Programa de Fomento ao Teatro no Estado do Paraná/2004. Propostas 'as Leis Municipal e Estadual de Incentivo à Cultura. Implementação das Câmaras Setoriais do Ministério da Cultura. Fundo Estadual de Cultura (FEC) e tantos outros projetos.

Feliz lembrança... e tudo isto regado numa boa muqueca de camarão.

Ana Elisa Filizola - Assessora do diretor administrativo-financeiro do CCTG.

Yara é toda paixão e conviver com ela é um privilégio.

Suas conversas são muito prazerosas, com colocações muito inteligentes e adequadas; seus conhecimentos e sua erudição me encantam!!!

Muito generosa, está sempre rodeada de amigos e disposta a uma atenção especial a cada um.

Analaura de Souza Pinto - Pianista da Orquestra Sinfônica do Paraná do Centro Cultural Teatro Guaíra.

É com prazer que escrevo sobre Yara Sarmento, uma das mentes mais brilhantes que já conheci aqui no Paraná.

Seu grande talento como atriz, sua personalidade marcante pela alegria de espírito, pela inteligência e pelo talento são as referências do meio artístico sobre esta atriz, que sempre ecoaram em meus ouvidos desde 1985, época em que passei a integrar a Orquestra Sinfônica do Paraná.

Diretora de artes do Teatro Guaíra, sensível e competente, militante solidária, incansável e imbatível nas ideias e na eloquente forma de expressá-las, sempre com impecável lucidez e destreza invejável no exemplar domínio da narrativa, da oratória, do discurso.

Em todos estes aspectos, Yara Sarmento tem muito a nos ensinar. Generosa e elegantemente, Yara sempre divide conosco o seu saber, com inteligente e divertida maestria, desafiadoramente, em conversas ou em debates, levando-nos sempre à profunda reflexão.

A meu ver Yara Sarmento pertence a uma aristocracia de artistas, em que o refinamento no pensar e no expôr ideias é a marca registrada. Uma rara elite que cultiva o conhecimento, reverencia e enobrece a arte.

À ela meu respeito, admiração e carinho!

Angélica Salazar Pessôa Mesquita – Ex-coordenadora da Lei Nacional de Incentivo à Cultura – área de artes cênicas – do Ministério de Estado da Cultura.

Conheci Yara no ano de 1999, quando foi indicada por duas entidades representativas das artes cênicas no Brasil, à época, ANPAC e ANEATE, para compor a Comissão

Nacional de Incentivo à Cultura - CNIC, comissão esta responsável pela análise dos projetos que concorriam aos incentivos fiscais instituídos pela Lei Rouanet.

Até então a conhecia apenas de nome. Um nome, por sinal, muito famoso e que me soava forte – Yara Sarmento - pois este não podia ser desconhecido por todos aqueles que trabalhavam com as artes cênicas, devido aos seus trabalhos realizados como atriz e, principalmente, como defensora da regulamentação da profissão não só do artista, como também do técnico em espetáculos de diversões.

Nossa convivência durou até 2001, quando terminou seu mandato junto à CNIC. As reuniões ocorriam mensalmente e, devido a exaustiva tarefa de análise dos projetos, tínhamos pouco tempo para conversar sobre assuntos que não se referiam ao trabalho. Mas, neste pouco tempo tive a oportunidade de conhecer todas as Yaras: "ser humano", "filha dedicada e amorosa", "amiga", "profissional de caráter ilibado" e principalmente a "Yara mestra" que, com seus argumentos sempre muito sábios e convincentes, me ensinou a entender e a compreender os "bastidores" da produção cultural, e a admirar cada vez mais aqueles que fazem da arte um meio para se dizer a verdade.

Yara, você é um exemplo para aqueles que querem continuar lutando por uma produção artística digna, neste país.

Sua amiga e admiradora.

Angelita Faccioli — Bailarina do Teatro Guaíra e professora da Escola de Dança Teatro Guaíra.

Yara, bem vinda ao "mundo virtual". Você é o MÁXIMO!

Beijos carinhosos.

Aparecida Damaceno Garcia – Assessora da coordenadora do departamento de Recursos Humanos do CCTG.

Falar de uma pessoa como Yara Sarmento...

Como encontrar palavras para homenagear essa mulher tão iluminada, amiga e companheira...

Tenho admiração e um imenso carinho por essa pessoa tão querida ... Beijos.

Ari Morais - Empresário.

Eu já era seu fã antes de saber sobre sua trajetória de vida. Você abalou e continua abalando por ser a pessoa maravilhosa que é. Te gosto muito. Beijos.

Ary Fontoura - Ator.

O final dos anos cinquenta ainda era de indecisão, numa Curitiba provinciana de pouco mais de trezentos mil habitantes.

Foi nos espetáculos amadores que nos revelamos. Conheci Yara e sua mãe, eternas companheiras, participantes de eventos culturais e sessões do nosso teatro incipiente. Yara acabou optando pelo curso de Direito.

Nos anos sessenta, efervescentes, apesar da ditadura militar, foi quando nos encontramos em pleno Rio de Janeiro. Fizemos a comédia - "Onde Canta o Sabiá", de Gastão Tojeiro. Nela demos nossos primeiros passos enfrentando a grande metrópole. Uma grande e inovadora direção de Paulo Afonso Grisolli, com excelente elenco onde se destacavam Marília Pêra e Gracindo Junior, com belas críticas e grande receptividade por parte do público. Com esse espetáculo excursionamos pelo Sul do Brasil, testando nossos talentos, empreendendo esforços no sentido de permanecer. Trabalhamos junto também no show "Carlos Machado's Holiday", na boate Fred's, tendo no elenco Irene Ravache, Claudia Martins, Sueli Franco, Rossana Ghessa e Hugo Sandes.

A TV Globo acabara de inaugurar, Yara envolvida com a mesma e com o teatro carioca. Nossos caminhos mudaram de rumo. Soube então que Yara, flechada pela saudade, cedera aos encantos do "efeito pinheiral". E a volta se deu! Mas, o lugar não importa. A Arte prescinde dele.

Imiscuído com a Vida, onde ela existir, haverá Teatro e pessoas envolvidas nele.

Os pedidos foram atendidos e a Cidade Sorriso abriu-se toda para recebê-la. E Yara seguiu a canção "O Artista tem que ir aonde o povo está!". Foi este o chamado - foi a escolha dela! Voltar às origens com seu nome vinculado definitivamente ao teatro paranaense, consequentemente, brasileiro!

Beatriz Barreto Brasileiro Lanza — Economista. Analista organizacional. Especialista em Governo Eletrônico. Editora de blogs sobre artistas cênicos. Mestranda em Administração.

Editora do blog "Para e Sobre Yara Sarmento" (2007).

Yara é um ser humano apaixonante. Conhecê-la foi um privilégio. Trabalhar com ela foi e está sendo um aprendizado profissional e pessoal sem medida. Além de muito prazeroso!

Mulher de coragem, de conteúdo, de perseverança, culta e educada.

Na poderia deixar de registrar a cena hilária no Hotel Mabú, onde trabalhávamos neste livro – Vitória, você e eu. Você, com muita paciência e tolerância observava a nossa "interpretação", quando sem dó e nem piedade execrou a nossa "veia artística". Foi um dos momentos mais espontâneos e hilários que vivi. A dor abdominal da crise de riso só nós sabemos....Valeu viver este e tantos outros momentos!

Bia Reiner – Diretora de produção do CCTG. Diretora e produtora teatral.

Confesso que as primeiras vezes que vi Yara fiquei um pouco nervosa, era muita informação, muita experiência, muita justiça e muita graça em uma pessoa só.

Mas nada disso passou à medida que fomos nos conhecendo melhor, agora tinha que lidar com muita generosidade, muita inteligência, muita simpatia e muita luz (hehehehe).

Yara me ensina um pouco a cada dia, com seus deslizes (hehehehe) e principalmente com seus acertos e conselhos, vai sempre me encaminhando na vida e na profissão. Só de pensar que daqui há alguns meses ela estará se aposentando, me dá um frio enorme na barriga. Ela é nosso porto seguro, sou tão grata por desfrutar da sua companhia mas principalmente por Deus tê-la colocado no meu caminho...

Celia Regina Polydoro – Socióloga. Assessora da diretora artística e ex-assessora da diretoria administrativo-financeiro do CCTG. Ex-chefe de gabinete do secretário de Estado da Cultura doutor Renê Ariel Dotti. Ex-coordenadora de Ação Cultural da secretaria de Estado da Cultura. Ex-secretária executiva do Troféu Gralha Azul.

Falar de Yara Sarmento é muito fácil e ao mesmo tempo difícil...teria laudas e laudas para falar sobre ela... mas vou tentar resumir um pouco do que sinto.

Admiro a profissional brilhante, militante incansável em defesa das artes e da cultura do Paraná, amiga leal, sensível, dedicada e justa, dona de um caráter ímpar, um exemplo de dignidade e ética acima de tudo, uma jóia rara nos dias de hoje.

Esses anos todos de nossa convivência... e tendo a felicidade de compartilhar muitos momentos de vida com ela, me sinto uma pessoa privilegiada por ter sua amizade, que não sei bem definir o que é... só sei que é um misto de admiração, carinho, cuidados, aprendizado, e um amor difícil de decifrar.

Cesar Almeida - Ator. Diretor e produtor teatral. Dramaturgo.

Uma atriz. Uma amiga. Um exemplo de integridade pessoal, que se dedicou à militância pelos direitos dos trabalhadores nas artes cênicas do Paraná, conseguindo implantar várias conquistas. Creio que a trajetória de nossas vidas teria sido completamente diferente se não tivéssemos contado com a sua clareza e força para nos guiar nessas trilhas da política cultural.

Cesar da Fonseca - Assessor de comunicação do CCTG e diretor de espetáculos.

Ainda adolescente, vi pela primeira vez na rua aquela moça linda que dançava, representava e apresentava comerciais na televisão, que recém engatinhava no Paraná. Ver Yara Sarmento pessoalmente, na rua, fez com que meus jovens joelhos virassem "geleia". Ao longo do tempo, me apaixonei pelo teatro e tive a oportunidade de assistir a grande atriz, em excelentes performances, nas peças dirigidas pelo saudoso Oraci Gemba. Com o tempo, a vida nos aproximou e nos tornarmos colegas e principalmente amigos. Além da atriz, tive o privilégio de conhecer uma figura humana incrível: solidária, profissional das mais sérias e competentes, amiga de todas as ocasiões. Hoje, quando conto para ela a estória dos meus joelhos que viraram "geleia", Yara ri e me chama de exagerado. Nada! Pura modéstia desta atriz e pessoa humana da melhor qualidade.

Christo Dikoff – Ator. Diretor teatral. Ex-chefe de gabinete da superintendência da FTG – Gestão Oraci Gemba. Professor do Curso Superior de Artes Cênicas da Faculdade de Artes do Paraná – FAP. Presidente do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões no Estado do Paraná - SATED/PR.

Conheço Yara há 25 anos, desde 1983, quando a substituí na função de chefe de gabinete de Oraci Gemba, na época superintendente do Teatro Guaíra, pois ela assumia o cargo de diretora de artes daquele órgão.

Trabalhamos juntos no Teatro Guaíra e no SATED/PR, no qual Yara era presidente e, eu, secretário.

Convivi com ela momentos marcantes da história do nosso teatro. A relação profissional e a militância política assumiu uma proporção de companheirismo e grande amizade.

Minha admiração por esta grande mulher, está concentrada em características sólidas de sua personalidade: transparência, dignidade, ética, respeito, inteligência, sensibilidade, discernimento, capacidade e acima de tudo, COMPETÊNCIA!

Deveriam existir mais "YARAS" por aí...

Claudia Martins - Atriz. Bailarina. Dubladora.

Hugo Sandes – Ator. Diretor e produtor teatral. Dramaturgo.

Claudia trabalhou com Yara no ano da fundação da TV Globo e logo se tornaram amigas. Depois, na peça "Flor de Cactus" no Teatro Copacabana. Trabalhamos os três juntos no show da boate Fred's "Carlos Machado's Holliday" e vimos Yara no palco em "Onde Canta o Sabiá" no Teatro do Rio (hoje Teatro Cacilda Becker). Conhecemos o talento dela.

É portanto, fácil escrever sobre Yara Sarmento, uma amiga querida a quem só podemos elogiar. Não elogio de amigos comprometidos, mas daqueles que julgam com justiça. É uma ATRIZ DAS BOAS!

Se nos fosse possível abstrair as qualidades de inteligência, de artista, de profissional, ainda assim, sobraria o matiz mais forte da personalidade dela: o ser humano lindo que é.

Cleverson Cavalhereiro – Ator. Diretor teatral. Cenógrafo. Iluminador. Coordenador dos Espaços Cênicos do CCTG (Equipe Técnica).

Eu lembro, quando entrei no teatro nos anos oitenta. Participava daquelas manifestações de apoio aos artistas e funcionários do Teatro. Vários manifestos e discussões calorosas surgiram naquele período. Eram tempos de mudanças. A presença daquela mulher a frente de tudo, gigante e de voz firme, liderando estes debates, chegava a me dar medo. Quando a conheci nos bastidores do Teatro, percebi que ela era baixinha, menor que eu, e olha que não sou dos maiores. E com o passar do tempo, aquela voz tornou-se leve, aveludada e cativante, como de uma mãe. Yara, muito obrigado por me fazer acreditar no teatro.

Cloris de Souza Ferreira — Graduada pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Ex-professora de piano. Ex-diretora dos Corpos Estáveis e Ex-Coordenadora do Departamento de Música e Projetos Especiais do Centro Cultural Teatro Guaíra. Ex-diretora do Museu da Imagem e do Som do Paraná. Produtora cultural. Diretora presidente da Araucária Produções Artísticas. Realizadora do Festival de Cinema, Vídeo e Cine de Curitiba. Consultora para projetos relativos às Leis de Incentivo à Cultura.

Um ser humano incomparável, com uma sensibilidade e uma retidão só vistas em pessoas únicas, como ela.

Usando sua criatividade e sabedoria, sempre levou a frente vários assuntos de extrema importância.

Responsável por brilhantes conquistas na área de teatro, como por exemplo a idealização e realização do Troféu Gralha Azul.

Nossa afinidade é tão grande, que sem ela, muito dificil seria superar as adversidades do dia a dia, no tempo em que convivemos exaustivamente com as regras da cultura em nosso Estado.

Durante a gestão de Constantino Viaro, tivemos um comprometimento importantíssimo com os Corpos Estáveis do Teatro Guaíra. Juntas realizamos a revisão da planilha para a equivalência dos salários, até então defasados, dos músicos e bailarinos que eram os funcionários que pertenciam ao setor por mim dirigido. Como sempre, a minha profunda admiração e agradecimento à Yara, pela competência demonstrada na assessoria que me prestou.

A luta continua, a cultura ainda é a última coisa em que o país pensa, mas lá estamos nós, lutando sempre...

Yara é um exemplo de garra, determinação e vontade.

Yara, uma atriz com talento nato, uma legítima representante da arte no Paraná.

Yara, profissional competente, correta e sempre disposta a colaborar com o que é certo.

Yara, companheira de lutas no Teatro Guaíra, polêmica, jamais se curvando às ideias com as quais não compactue, mas ao mesmo tempo sabendo ser suave e amável.

Yara, a sua força me impulsiona sempre!

Christine V. Baptista - Formada em História (UFPR). Pós-graduada em História

da Arte (EMBAP). Funcionária da Fundação Cultural de Curitiba, onde exerceu os cargos de Coordenadora da Lei de Incentivo (1997-2001). Coordenadora da Cinemateca de Curitiba (2002-2004). Diretora do Patrimônio Cultural (2005-2008).

Yara Sarmento possui um virtuosismo que transcende o talento que a consagrou como uma das mais importantes atrizes de sua geração. Notável pela beleza e inspiração, ela deixou marcas indeléveis na história do teatro paranaense do século XX.

Para além das qualidades e da alma de artista, são as virtudes intelectuais e morais que dão à Yara a dimensão extraordinária de sua pessoa. Ela se impõe, aos nossos olhos, com toda a presença monumental de sua sabedoria prática e realista, inteiramente absorvida pela incontornável postura ética, autônoma, crítica, justa e extremamente polida.

Yara tem sido uma lutadora incansável em prol dos ajustes e acertos político-culturais, e à ela devemos grandes passos conquistados naquela direção. Ela é um exemplo para quem, nos dias que correm, confunde experiência com eloquência. Yara não é prolixa, nem lacônica. É o olhar lúcido e frontal, a atitude ousada e firme, que dão a medida do seu valor e do seu conhecimento. Essa grande militante - de quem admiro sobretudo a tenacidade e sensatez - representa, em vários momentos, e para muita gente, um porto seguro, uma referência. Também para mim. Entre debates e batalhas, no trabalho e na vida, construímos uma amizade sólida, fundada em afinidade, respeito e admiração.

Na revista eletrônica "Sobre e Para Yara Sarmento", é nítida a sobreposição de duas imagens-referência: a textual, que revela o seu perfil humano, atuante e racional; e a da trilha sonora, que, através dos acordes e versos de "Beatriz" (na voz de Milton Nascimento), nos permite vislumbrar, com encantamento, o seu ser mais íntimo e intrigante, a atriz. - Isoladas, são chão e céu, em contraponto. Associadas, são indistinguíveis, pois compartilham a mesma natureza.

Da Yara, talvez seja a sua melhor tradução.

Constantino Batista Viaro - Ex-superintentende da, então, Fundação Teatro Guaíra.

Foi uma grande honra conhecer e conviver no Teatro Guaíra com Yara Sarmento. Boa atriz, excelente administradora e companheira confiável. Mantém um elo profundo com o teatro do Paraná. Está sempre disposta a ajudar a classe teatral, as produções, e os

sonhos de nossos sofridos realizadores. Sempre atenta ao que acontece nas artes cênicas do Paraná e do Brasil, é uma referência em todas as administrações do Centro Cultural Teatro Guaíra e de nosso teatro. Sua vida é o amor e a paixão pelo teatro.

Danilo Avelleda – Ator. Diretor. Produtor teatral. Cenógrafo e dramaturgo.

Falar de Yara Sarmento é falar de amizade, dedicação, carinho, compreensão, eficiência e de mais uma infinidade de virtudes que se mesclam e se confundem com a que eu considero nela a maior de todas, ou seja, sua sensibilidade. Grande amiga, extraordinária atriz com quem há mais de quarenta anos tenho tido a sorte de conviver e privar de sua amizade e companheirismo. Yara, quero deixar registrado aqui neste pequeno depoimento, a minha gratidão à você e a mais profunda admiração.

Dinah Ribas Pinheiro — Jornalista. Ex-assessora de Imprensa da Fundação Cultural de Curitiba.

Penso que a primeira vez que vi Yara Sarmento foi no Guairinha, nos idos de 1970. A peça era "A Casa de Bernarda Alba", de Lorca, com direção de Oraci Gemba. Fiquei impressionada com a força dramática que ela deu à sua personagem. Depois disso, vieram outros espetáculos no mesmo Guairinha, a maioria com a direção do mesmo Gemba. Mais tarde nos encontramos muitas vezes quando eu trabalhava na assessoria de Imprensa da Fundação Cultural de Curitiba, e acompanhei o seu vigoroso trabalho no Sindicato dos Artistas; na elaboração da Lei Municipal de Incentivo à Cultura (inicialmente batizada de Lei Vanhoni); na formação do Fórum das Entidades Culturais. Nossa maior aproximação, no entanto, se deu quando fiz parte da comissão julgadora do Troféu Gralha Azul e aí, nos tornamos amigas. Sua inteligência e sentimento colocados a serviço das causas justas, do teatro, das pessoas, tornam Yara um ser humano rico e profundo. Tenho maior orgulho em pertencer ao seu círculo de amigos.

Dirce Leny Massolin Pacheco – Assistente social. Ex-assessora para assuntos penitenciários da secretária de Estado da Justiça.

É natural que o tempo apague o frescor e a beleza da juventude, mas é verdade também que para você o tempo confirmou e embelezou ainda mais sua relação corpo e alma!

Quanta sensibilidade e doçura para as artes!

Quanta beleza e nobreza nos seus procedimentos profissionais!

Que facilidade para adaptar-se às mais diversas situações que a vida lhe imprimiu - ora ribalta, luzes, frenesi, ora na contramão dessa história, participou com muito amor e competência de trabalhos árduos junto daqueles que estavam confinados, pegos pelo lado "escuro" da vida. E nesta fase, você deixou muitas marcas na minha vida profissional, como coragem e lealdade (pois enfrentamos um "motim" na Penitenciária de Piraquara, numa noite de Natal. Só você teve essa coragem e despreendimento).

Yara, a sua essência é luminosa; a sua alma adorna um coração grandioso; a sua conduta sempre pautada pela lealdade, caracterizam a YARA que eu tanto admiro e respeito, sou agradecida a Deus por ser sua amiga. Que Deus a abençoe!

Edlamar Zanquettin – Produtora e artista circense. Militante cultural. Membro da diretoria do SATED/PR.

Erimeide Zanquettin – Artista circense. Cantora. Militante cultural.

Yara, são tantas as lutas em que estivemos juntas! Foram tantas as ajudas que recebemos! Erimeide e eu devemos nosso aprendizado à você.

Lembramo-nos dos projetos que nos ensinou fazer. Tinham detalhes que nos davam frio no estômago. Lembramos da palavra "adolescente", escrevemos "adolecente" e você corrigiu. Como a colocação de "esta", "essa" e "aquela". As formas de tratamento: "senhoria", "excelência", "mui digno", "digníssimo". Tantos milhares de apoios, até financeiros, como para comprarmos a primeira máquina de soldar manualmente a lona do nosso Circo. Com dinheiro de seu próprio bolso, pudemos ir a Brasília para defender questões circenses no Ministério da Cultura e no Congresso Nacional.

Recentemente, você e Lu Rufalco oportunizaram a continuidade de Projeto de Lei, oferecendo condições para que pudéssemos lutar na Capital Federal pelos circos brasileiros. Está sempre pronta para nos atender quando recorremos à você. Ouvimos sempre palavras de incentivo, de força.

Sentimos-nos honradas em fazermos parte de seu livro digital.

Não esqueceremos das muitas alegrias que nos deu com as homenagens prestadas à mamãe. Mais uma vez, obrigada por tudo. Beijos com carinho à você e à Lu.

Edson Bueno – Ator. Diretor e produtor teatral. Dramaturgo.

SUAVE MITO

Nunca trabalhei com Yara Sarmento. Uma pena. Nunca pude dividir a criação artística com o mito. Mas, se nas palavras e cenas do teatro, não aprendi com ela, pude, nos acertos e erros, pontuar meus anos de teatro com seu exemplo de resistência, força, fidelidade e caráter no trato com as coisas que fazem dessa nossa arte uma coisa importantíssima! Yara marcou, e tem marcado com profundidade, a estrada pela qual estamos seguindo. Todos nós, profissionais de teatro do Paraná. Construiu os caminhos e pavimentou-os com convicção tão absoluta, que todos devemos muito a ela e ainda mais, temos o compromisso de honrar o seu trabalho idealista e que por vezes, quase atingiu o utópico. Contam e as palavras e a história confirmam, que é uma grande atriz e fez coisas maravilhosas no palco. Eu só a vi uma vez. Em "Cinderela do Petróleo" e lembro com incrível clareza, todos os seus passos no palco do Guairinha. Não é pouco. Devo muito a ela e, se discordamos algumas vezes, mais por amor às coisas importantes do teatro, do que por opiniões pessoais inocentes, podemos sempre, de espírito aberto, cruzar nossos olhares. E eu, nesses momentos, ao mesmo tempo em que reverencio sua pessoa e sua história, agradeço, porque nós dois sabemos que meus 25 anos de teatro, em coisas pequenas, médias e grandes, devem (e muito!) a seus pequenos, médios e grandes gestos. Ah! E nunca é tarde para coroar este meu agradecimento com um espetáculo. Dirigido por mim e interpretado por ela. Valeria mais que mil gralhas azuis!!!

Eduardo Nascimento – Artista plástico. Fotógrafo. Professor universitário. Excoordenador – pela Universidade Federal do Paraná - do Festival de Inverno de Antonina.

Falar sobre Yara Sarmento é como se referira a irmã mais velha que todo mundo gostaria de ter. Yara me viu nascer e acompanhou todo o meu crescimento. Mas foi ela que se tornou uma referência nessa caminhada. Enquanto criança, lembro muito bem, na casa da tia Luizinha, quando ela chegava de Curitiba e me deixava extasiado com sua dança flamenca aos sons das cadenciadas castanholas. Pensar Yara é ir ao encontro de vários signos. Ela me remete à Nerea e Mario, tia Luizinha, a casa com uma grande sala e pé direito enorme. Lembra Dudu Barreto Leite. Ieda Siedslag. "Barreado". O Clube Náutico de Antonina. Às crônicas pontuais no "Antoninense". Aroma de teatro. Oraci Gemba. Teatro Guaíra. SATED/PR e os movimentos classistas em defesa do ator, da arte e da cidadania.

Yara é competente, verdadeira, coerente, lutadora e... amiga.

Eleonora Greca - Bailarina do Teatro Guaíra.

Sempre, ao me encontrar com Yara, a impressão que eu tenho é de estar ao lado de um sábio. Cada palavra dita por ela significam muitas coisas. Porém, vale destacar que a mais importante, para mim, foi o significado da palavra "Integridade". Yara nos ensina que a profissão do artista vai além da própria arte, ela nos mostra que precisamos ter respeito pela profissão e dignidade enquanto seres humanos. Yara Sarmento é uma referência para muitas gerações de artistas, que nos orgulha com suas palavras, que nos mostra os caminhos, que nos ilumina sempre, eternamente.

Eliane Berger — Diretora teatral. Atriz. Arte educadora. Coordenadora geral adjunta do Fórum das Entidades Culturais — Curitiba/PR. Membro da diretoria do SATED/PR.

Falar de Yara Sarmento é falar de caráter, inteligência, lucidez, generosidade, força e sensibilidade dosadas de maneira exata.

Tudo que aprendi sobre política cultural foi com ela, que sempre teve comigo e com outras pessoas que entraram na luta pela classe artística, toda paciência do mundo.

É uma amiga ímpar, em todos os momentos da minha vida pude contar com ela, e espero ser sempre merecedora de participar de seu convívio.

Tenho um sonho que é contracenar com ela, pois é uma grande atriz, quem sabe ela resolve me dar mais este presente.

Elisa Gonçalves Martins – Pedagoga. Mestre em Educação. Professora aposentada da Universidade Federal do Paraná e da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Ex-professora da Universidade Estadual de Londrina. Ex-assessora dos ministros de Estado da Educação e Cultura, Ney Braga e Euro Brandão. Fundadora e ex-diretora do PROCON – Brasília/DF. Ex-assessora do secretário de Estado da Cultura e Esporte, Fernando Ghignone. Representante para o Paraná, do Serviço Nacional de Teatro – SNT, do Ministério de Estado da Educação e Cultura- gestão Ney Braga. Primeira coordenadora dos Cursos Superiores de Artes Cênicas e Dança da, então, Fundação Teatro Guaíra, em convênio com a Pontifícia Universidade Católica. Ex-secretária geral adjunta do Ministério de

Estado da Cultura - gestão José Aparecido de Oliveira. Coordenadora geral de Planejamento Setorial do Ministério de Estado da Educação – gestão Murilho Hingel. Diretora do Programa Nacional de Desburocratização – governo Fernando Henrique. Diretora do Departamento de Defesa do Consumidor do Ministério de Estado da Justiça – gestão Maurício Correia. Primeira presidente do Conselho da Mulher do Distrito Federal. Cidadã Honorária de Brasília/DF.

Uma grande atriz, YARA SARMENTO não se limitou a sua paixão de vida às artes cênicas.

Yara, com sua erudição, verdadeira honradez, profunda sensibilidade, inteligência rara, caráter ético, seu trabalho dedicado e proficuo. Brilhante carreira artística e profissional da cultura. Principalmente, pela sua forte e dedicada atuação na Assembléia Nacional Constituinte (1987/1988), pela cultura, pelas artes, pelos direitos dos trabalhadores brasileiros. Sou muito orgulhosa de ter o privilégio de conviver com Yara, que adoro, ao longo de 30 anos.

Beijos.

Emanuel Martinez – Músico. Maestro adjunto da Orquestra Sinfônica do Paraná. Maestro do Coral Philarmonia.

Yara Sarmento, uma pessoa especial. Adorável, meiga, com um coração enorme, super competente, educada e acima de tudo gente – muito gente. Só quem a conhece sabe sobre o que eu estou falando. Adoraria ver novamente Yara dirigir esta Casa de Arte, com toda a sua competência artística e administrativa.

Yara, te amo muito. Adoro você de coração. Seu amigo para sempre.

Fátima Ortiz — Dramaturga. Diretora e produtora teatral,. Professora de interpretação. Arte educadora. Atriz. Diretora do "Pé no Palco".

Enéas Lour – Diretor. Dramaturgo. Ator e produtor teatral.

Yara é uma mulher de teatro cujo nome se escreve com "a" de amiga. Uma pessoa maravilhosa que todos reconhecem pelo "m" de amiga. Inteligente, como poucas pessoas que trazem na testa o "i" de amiga. Tem um grande coração, desses com "g" de amiga.

E é Altiva com "A" maiúsculo de amigA até o fim e para sempre.

Gilberto J.D. Carbonar - Assessor do diretor administrativo-financeiro do CCTG.

Ao longo desses 30 e poucos anos que trabalho e convivo com Yara Sarmento, sinto-me um privilegiado por aprender e partilhar de sua elevada sabedoria, honrada franqueza, inesgotável generosidade, de suas opiniões sempre tão pertinentes, e do seu supremo senso de justiça.

Quisera houvessem mais pessoas com a nobreza do caráter de Yara Sarmento. Certamente, tornaria esse mundo um lugar melhor e mais digno para se viver.

Longa vida à você minha amiga!

Gilberto Tuyuty - Diretor de produção. Coordenador do Teatro José Maria Santos, do Centro Cultural Teatro Guaíra.

Referência como mulher, profissional na concepção da palavra, amiga sempre...

Lembro-me quando cheguei ao Teatro Guaíra, 1983, Yara Sarmento era algo inatingível para um estagiário deslumbrado com aquela efervecência dos corredores desta Casa. Foi nossa diretora, conselheira, mãezona até, mestra na arte de conciliar, de fomentar entre nós o desejo de sempre seguir em frente e acreditar. Eu acreditei e hoje vejo que valeu a pena , pois temos a alegria de tê-la ao nosso lado.

Atingível sim, aberta sempre ao diálogo e a ministrar seu vasto conhecimento, principalmente na arte de viver. Obrigado Yaríssima pela sua bondade e sabedoria, e porque não dizer pela sua existência. Amém...

Gilda Elisa – Atriz. Dramaturga. Produtora e diretora teatral.

Impossível falar de Yara Sarmento em poucas linhas. Necessário seria, por baixo, uma brochura tipo Bíblia, sem exagero. Ética, cultura, generosidade, amor ao próximo são sua marca registrada. Tenho orgulho de tê-la em minha família, e em minha vida desde sempre. Amo-a e respeito-a no mais alto, largo e profundo que meu ser alcança.

Gilmarise Gulicz – Assessora da diretora artística do CCTG. Ex-secretária da Assessoria Jurídica da referida instituição.

Obrigada por compartilhar, por todos esses anos, com suas sugestões inteligentes, generosidade, paciência e compreensão.

Nem tudo foi *glamour*, mas nas horas difíceis, obrigada pela sua firmeza, retidão e orientação.

"Ao mestre com carinho" ... com todo meu respeito!

Glauco Souza Lobo – Promotor cultural. Ex-presidente do Instituto de Cultura Afro-brasileira. Ator circense. Militante cultural. Presidente do Grupo de Trabalho Clóvis Moura. Ex-diretor executivo da Fundação Cultural de Curitiba. Coordenador de Incentivo à Cultura da secretaria de Estado da Cultura.

Mulher, atriz, líder... DOCE AMIGA!

Sempre firme em suas posições e na defesa de seus ideais; atua intensamente mas sem perder a dimensão humana da amizade, do carinho, do respeito a todos, sendo sempre, mesmo quando adversária circunstancial, a voz, a mão forte e amiga que procura amparar, impedir injustiças e violências.

Grazianni Canalli – Bailarino do Teatro Guaíra. Coordenador da G2 Cia. de Dança do Centro Cultural Teatro Guaíra. Ex-presidente do SATED/PR.

Yara Sarmento é um ícone no cenário artístico paranaense. Sua importância se destaca tanto na história do Teatro do Paraná como fora dele, quer com sua arte primorosa ou através de sua militância política, em defesa dos direitos e deveres de sua categoria em âmbito estadual e federal. Além de tudo uma amiga ímpar, exemplo de honestidade, sensatez, inteligência, competência, etc, conquistando o carinho e o respeito de todos que a cercam. Para mim é uma honra fazer parte do rol de suas amizades. Só em tê-la por perto já é um acalanto. É um ser no qual tento me espelhar e confesso a minha dificuldade em tentar gerenciar tantas habilidades. Enfim, uma pessoa que sempre amarei, esteja ela onde estiver.

Isidoro Diniz - Produtor cultural. Diretor. Ator. Ex-vice presidente do SEPED/PR e militante cultural. Assessor para os assuntos de incentivo cultural da secretária de Estado da Cultura, professora Vera Maria Haj Mussi Augusto.

Parabéns a todos nós por termos acesso à história dessa Mulher, encantadora e generosa que é a nossa Yarinha! Beijo emocionado.

Jane D'Avila – Jornalista. Atriz. Diretora de produção. Vice-presidente do SATED/PR.

Yara Sarmento, nome único e respeitável.

Lembro-me na minha infância, algo em torno dos oito anos, quando frequentava as assembleias de classe junto com meus pais. Ali, naquele lugar mágico, existiam três mulheres pelas quais me apaixonara. Pela força, dignidade, honestidade e inteligência, é claro que Yara Sarmento estava entre elas.

Não tenho como não citar a amizade e os laços de carinho, entre ela e minha mãe. Não esqueço das reuniões de militância cultural na nossa casa, as quais iam noite adentro.

Quando minha mãe se foi, deixou em meu caminho o amor e o carinho de Yara, que hoje, tenho como porto seguro para clarear meus passos com grandes canhões de luz, quando necessito de conselhos. E cá entre nós, ainda vou precisar por muito tempo.

Obrigada por existir, e por ceder parte de seus momentos comigo.

Amo-te!

Janet Dequech - Advogada. Pintora. Jornalista.

Minha amiga Yara...a parte da sua vida no Rio eu acompanhei pessoalmente, inclusive o show de Carlos Machado que ainda tenho na minha mente. AUGURI!

Lauro Hanke - Ator.

Yara querida, seu trabalho e dedicação são admiráveis. Que maravilhosa e frutífera passagem pela vida! Sinto-me, por um lado, honrado em termos contracenado em "Via Crucis" e "Electra". Por outro lado, orgulhoso pelos resultados do nosso trabalho na fundação e direção do Grupo Momento de Teatro. Receba os parabéns e um abraço carinhoso.

Lu Rufalco – Produtora de Artes. Ex-tesoureira do SATED/PR. Ex-diretora de produção da TV Paraná Educativa. Diretora artística do Centro Cultural Teatro Guaíra.

Falar de dignidade, honestidade, lealdade, generosidade e tantas outras qualidades é introdução obrigatória em qualquer opinião que se emita sobre Yara Sarmento. Pra mim, Yara sempre foi o meu *google* artístico e profissional, mesmo quando não existia internet. A paixão e a fidelidade com que ela transmite experiência e conhecimento é bagagem cultural certa e preciosa para quem ama e quer amar as artes cênicas e o bom e velho cinema.

Lucia Camargo – Jornalista. Professora Universitária. Produtora cultural. Excoordenadora do Curso Permanente de Teatro da Fundação Teatro Guaíra – FTG. Ex-diretora de artes da FTG. Ex-secretária de Estado da Cultura. Expresidente da Fundação Cultural de Curitiba. Ex-diretora artística do Teatro Municipal de São Paulo. Presidente do Palácio das Artes de Minas Gerais.

Falar de Yara Sarmento é falar das artes cênicas do Paraná e do Brasil. Como artista Yara iniciou-se na dança flamenca, dando volteios, gritando "olés" e "machucando" as castanholas com amor e carinho. Tivemos sorte de vê-la em inúmeros espetáculos da Cia. de Bárbara Grand, com sede em Curitiba, nos anos 50. Com o advento da TV Paraná, Canal 6, Yara já foi convocada para protagonizar, com Joel de Oliveira, incríveis estórias de amor, com direito ao primeiro beijo na boca, na telinha destas bandas! Peça atrás de peça, e lá ia Yara, a esta altura já famosíssima, desfilando sua saia justíssima, sua meia de risca e saltos altíssimos – no maior *chic* da moda – pelas calçadas curitibanas, tendo no dedo um rubi, que dizia que era também advogada.

Um belo dia seu talento levou-a à cena paulistana e carioca. Teatro, tv, tudo lindo! Mas não por acaso, seu amor pela justiça também desabrochou na ocupação de cargos, como o de diretora de artes e programação da então Fundação Teatro Guaíra, na presidência do SATED/PR e na Assembléia Constituinte do Congresso Nacional. Guerreira insaciável, ia e vinha de Brasília, semana sim e a outra também. Muitas conquistas na área das artes cênicas se deve ao trabalho anônimo e incansável de Yara.

Respeito é algo que se conquista respeitando. Yara o tem por todos. Muito querida! É difícil encontrar alguém da área artística que não tenha se achegado a ela para uma "consulta" ou para tirar dúvidas.

Como amiga, é uma doce criatura que todos querem perto, mesmo que diferenças possam existir, mas se tem a certeza, que injusta ela jamais será. Sua busca é rica.

Luciana Cherobim – Advogada. Professora. Militante cultural. Ex-integrante da comissão de Direitos Autorais do Ministério de Estado da Cultura – gestão José Aparecido de Oliveira. Ex-secretária do SATED/PR.

Aluízio Cherobim – Dentista. Ator. Diretor teatral. Ex-presidente do SATED/PR. Militante cultural. Integrante da Câmara Setorial de Teatro do Ministério de Estado da Cultura – gestões Gilberto Gil e Juca Ferreira.

Pronunciarmo-nos sobre Yara Sarmento, é tarefa fácil pelas qualidades que a mesma é detentora.

Difícil, porque não sabemos enumerá-las em poucas linhas.

Sabemos, entretanto, que sua dedicação ao trabalho, sua fidelidade aos amigos e sua luta pelo processo cultural paranaense, fazem dela uma pessoa respeitada e admirada por todos que com ela convivem.

Pequeno nome, Yara, mas imensurável nas suas atitudes.

É grato podermos estar no rol de seus amigos e admirá-la cada vez mais.

Lucymar Nicastro – Cantora e agente cultural.

A luz da sensibilidade é registrar o trabalho de pessoas que realmente formam o patrimônio cultural de nosso estado.

Minha amada Carmem Costa disse em uma letra sua, no samba "Tombamento": "senhor ministro da Cultura, porque não se tomba uma criatura quando ela é patrimônio nacional?"

Assim é Yara: orgulho como artista, privilégio em ser sua amiga.

Mara Moron – Atriz. Dramaturga. Ex-diretora artística do CCTG. Ex-assessora da secretária de Estado da Cultura, Mônica Rischbieter.

Auditório Salvador de Ferrante - década de 70.

Eu e mais alguns iniciantes, formávamos o coro grego do espetáculo "Electra", direção de Oraci Gemba. No proscênio Yara Sarmento, de vestes brancas, cabelos arranjados com fitas douradas, era a dona absoluta do palco. O coro, lá do fundo, espiava a graça, a técnica, a dramaticidade da grande atriz. Ali, se deu meu primeiro encantamento.

Ao longo destes anos, tive a sorte de conviver com Yara. Trabalhamos juntas em várias ocasiões em grande harmonia. Às vezes, na defesa de pontos de vistas diferentes é preciso também que se diga, exaltávamo-nos, bradando nossos argumentos. Aí, uma vez mais, encantei-me por ela, que se mantinha fiel a seus princípios, aceitando ou rechaçando novas ideias.

Yara transita por seus amigos e companheiros de trabalho sempre atenta: que não se descuidem das normas da ética, que se procure fazer justiça, que mantenham a elegância

e digam o que tem que ser dito, que não deixem a vida passar em branco, que sejam solidários.

Yara, minha querida amiga, para mim é uma honra poder conviver com você. É encantamento, sem dúvida!

Margareth Nascimento Pinto – Administradora de empresas.

Antes de brilhar nos palcos brasileiro e paranaense, já brilhava no corredor da casa da tia Luizinha, em sua terra natal, Antonina.

Prendendo a atenção da meninada que ficava a ouvir suas estórias fascinantes, com heróis e heroínas que criava em sua mente já privilegiada por grande imaginação e inteligência. Por vezes a fantasia era tamanha que chegava a receber reprimenda carinhosa da prima Diva, dizendo: "Já está!!!!".

Queridíssima Yara, como é bom poder fazer parte do seu círculo de amigos e privar da sua encantadora companhia.

Tive ainda o privilégio de compartilhar viagens com ela, e ouvir as narrativas sobre os lugares, os quais descrevia com singular propriedade e sapiência.

Minha querida, você sabe o quanto esta família a admira, e o amor que dedica à você. Esteja sempre perto de nós.

Com carinho, Mag.

Maria da Graca Kindermann – Economista.

Yara é cativante. Nesse tempo que convivo com ela, e são três décadas, pude admirá-la sempre como amiga querida que é, e como a profissional que sempre demonstrou ser.

Sem separar uma coisa e outra, por suas posturas, ponderações, proposições, calcadas na busca do que acreditasse mais correto e justo, jamais prescindiu da dignidade e sobretudo do respeito às pessoas.

As atitudes, na colocação de seus pontos de vista, são pautadas na honestidade e sinceridade, próprias da firmeza de seu caráter, junto à habitual delicadeza e cuidado na colocação de palavras que entenda necessárias.

Em sua companhia, sempre se desfrutam bons momentos, alegres e também os tristes, há sempre aspectos culturais a discutir, aspectos humanos a tentar compreender, um objetivo a alcançar que, por pequeno que seja, é revestido da importância de sua realização.

Há conhecidos ditados antigos que falam de verdadeiros amigos como tesouros. São sábios. A amizade que encontrei na Yara e que dela recebo, é assim.

Marilú Silveira – Jornalista.

Yara Sarmento. Nome forte, atriz talentosa, mulher combativa, inteligente e com o poder da palavra. Seu nome está presente em todos os momentos das artes cênicas, no palco e na luta pelos direitos da classe artística. E há pouco descobri uma nova faceta em Yara: talento para o conto. E quando a conheci, talento para a dança. Conversar com Yara é aprender muito. Sabe tanto, é bem humorada, sensível, engraçada. Uma atriz que domina qualquer papel.

Marisa Maibon - Assessora do diretor administrativo-financeiro do CCTG.

Falar de Yara Sarmento, que tarefa dificil!!!!!

Yara, referência no teatro paranaense, cujo currículo revela o quilate da atriz que atuou em grandes palcos e emissoras de tv pelo Brasil afora.

Mas prefiro falar de Yara da maneira que mais entendo, como colega de trabalho, como ser humano. Yara, amiga de uma generosidade sem limites, consegue ser prestativa sem medir esforços, irmã, conselheira. Sua presença faz a diferença em encontros quer sejam de trabalho ou reuniões festivas. Nós, que temos o privilégio de conhecê-la de perto, reservamos para ela, um lugar especial em nossos corações.

Com carinho.

Marisa Villela — Jornalista. Diretora-presidente do Centro Cultural Teatro Guaíra.

Reitero o que sempre digo em voz alta e clara: é um privilégio ter Yara Sarmento no meu círculo. E sou grata à vida que me levou até ela.

Comparo-a ao diamante multifacetado que, à medida da luz incidente, mostra-se em cores diferentes. A cada um que a conhece, Yara irradia uma cor, ou duas, ou três. Adjetivos não lhe faltam. Seus méritos são conhecidos. Seus defeitos também.

Mas, o que me fascina sobremaneira, é o seu jeito de ser. Empresto de Nietzsche a síntese de como a vejo: Yara Sarmento é humana, demasiadamente humana.

Marlene Montenegro – Ex-diretora artística do CCTG. Ex-diretora do Teatro Avenida do, à época, Banco Bamerindus.

Fácil falar da minha amiga querida, e difícil porque um livro inteiro não conta o muito dessa mulher maravilhosa.

Conheço Yara há muitos anos. Sempre a admirei como atriz, não imaginando que um dia íamos trabalhar juntas. Fui sua assessora no Teatro Guaíra. Para mim foi um prêmio, aprendi muito, e cada vez mais agradeço o privilégio.

Em determinado momento de nossas vidas, os papéis se inverteram. Yara me assessorou quando assumi a diretoria artística do Teatro.

Yara é forte, justa, competente, delicada, sensível e muito mais...

O supérfluo para ela nunca existiu, sempre repartiu tudo que tem.

Sua única extravagância é viajar, pois seu coração, como o livro de Nélida Piñon, é "Andarilho".

Obrigada por existir amiga, para você meu aplauso e meu carinho.

Marly Garcia Correia – Jornalista. Escritora e pesquisadora histórica. Ex-diretora do Museu da Imagem e do Som do Paraná.

O ano era 1970. O mês não lembro.

Mas foi nesta época que conheci a grande atriz paranaense Yara Sarmento, nascida na bucólica Antonina, uma capelista que sempre teve muito orgulho da sua terra.

Por contingências da vida, telefonei para ela, marcamos encontro e falamos muito sobre as artes em geral, mas especialmente sobre o teatro. Eu não era da área teatral, mas trabalhava naquela ocasião na secretaria de Estado da Cultura. Tínhamos muito em comum e a nossa prosa foi prolongada. Papo gostoso, pois Yara é inteligente, comunicativa, simples e muito culta.

Logo conheci Nerea, sua mãe, que com seu carisma e simpatia me convidou para passar alguns fins de semana em sua casa em Antonina. Foi com ela que aprendi a fazer "Barreado", prato típico paranaense. Deste conhecimento resolvi realizar um filme sobre o assunto em Super 8. O filme todo rodado em Antonina ficou lindo, mas o toque foi a impecável locução feita por Yara.

Foi este filme o ponto de partida para uma parceria de trabalhos que fizemos juntas, que marcaram a história da nossa amizade. São mais de três décadas que acompanho o

trabalho sério desta artista que sempre marca a presença do Paraná, no cenário artístico nacional.

Mirian Pojda – Professora.

Talento, inteligência, caráter e carisma. Yara é uma pessoa de tanta importância para nosso teatro e de importância fundamental para nosso círculo de amizade.

Que Deus a ilumine sempre, e lhe dê muita força pra continuar fazendo seu trabalho em prol de nossa cultura.

Mônica Drummond – Agente cultural.

No último Natal eu deixei um pacotinho na portaria do prédio da Yara, com a seguinte dedicatória: "Para minha Leila". Ela não abriu, pensando que fosse uma entrega errada. Era a biografía de Leila Diniz que eu tentava entregar para uma mulher que, verdadeiramente, é "a minha Leila".

Yara é capaz de estar à frente de seu tempo, como Leila, mas consegue ir ainda mais além: transforma este tempo num *mix* de ética e dignidade, companheirismo, dedicação, respeito. Fica mais fácil viver num mundo com uma Yara Sarmento por perto.

Mônica Rischbieter – Produtora cultural. Ex-presidente do Centro Cultural Teatro Guaíra. Ex-secretária de Estado da Cultura.

Uma semana depois de assumir a presidência do Centro Cultural Teatro Guaíra, numa reunião com os chefes de departamento, conheci Yara Sarmento. Quando a reunião acabou ela perguntou se podia falar um pouco comigo. Entrou na minha sala, sentou-se à minha frente e, com uma honestidade quase assustadora, fez uma avaliação da reunião e me deu a maior "bronca" de toda a minha vida. Aprendi muita coisa com ela. Além de ser um pessoa inteligente, corajosa, competente e doce, Yara simboliza a brava luta da classe artística do Paraná. Devo muito a ela, acho que todos devemos.

Neiva Camargo Iovanovitchi – Atriz. Produtora teatral. Diretora. Dramaturga. Cláudio Domingos Iovanovitchi – Ator. Produtor teatral. Presidente da Associação de Preservação da Cultura Cigana – APRECI.

Yara Sarmento: lucidez, capacidade, competência, companheirismo, solidariedade, enfim, AMIGA.

Um porto seguro e alegre.

A convivência e a amizade com Yara, só nos fizeram crescer.

Beijos da família Iovanovitchi

Nena Inoue – Atriz. Produtora cultural. Diretora teatral. Responsável pelo Ateliê de Criação Teatral - ACT. Ex-diretora artística do CCTG.

Fácil e difícil escrever sobre Yara Sarmento. Uma responsabilidade, a de reduzir em palavras uma mulher em constante prática de seu discurso, além de que seu nome (constato neste exato momento em que escrevo), é possivelmente o mais respeitado no teatro paranaense. Por aqueles que a amam e pelos que a temem. Eu, me incluo nos primeiros.

Conheço-a ao cubo: como militante, como profissional, como pessoa. Três vezes ética.

Como militante, uma leoa nos direitos das "cênicas" (como ela gosta de dizer). Já falei inúmeras vezes pra largar mão que a vida ao redor vale mais a pena. E até já me disse, algumas vezes, que tenho razão... mas continua firme nessa vida de "assembléias", "fóruns" e "gralhas". Afinal, alguém tem que fazer. E ela tem feito, sempre e tanto que a trajetória de Yara é a própria história da militância das artes cênicas.

Uma vez ela me disse que a diretoria artística é a alma do Teatro Guaíra. É verdade. E no período em que diretora ali estive, a alma da "Casa", atesto aqui sem desmerecer outros excelentes funcionários, foi a incansável Yara Sarmento.

Como pessoa, inteligente, educada, culta, agradável, simpática, etc, etc, etc... Se é verdade que a caligrafia traduz mesmo a personalidade, vamos pois aos fatos incontestáveis: sua letrinha miúda, quase ilegível de tão pequena, denuncia sua delicadíssima natureza (não uso superlativos, mas neste caso, necessário se faz) pois quem a conhece, sabe.

Mas essa Yara de superlativos vários, não é perfeita: não se cuida como cuida dos outros, não se olha como olha por todos, não se movimenta como se movimenta pela classe. Se ela direcionasse a si própria um pequeno percentual dessa sua dedicação coletiva, certamente estaria muito, muito mais bem cuidada.

Mas já que sua vocação é a do coletivo, de minha parte, como cidadã, só me resta reconhecer o que esta mulher tem feito e continua fazendo por esta classe de artistas. E como amiga, dizer que a amo (e como ela sabe, digo isso a poucos, muito poucos).

Paulo Damasceno Ferreira - Advogado. Assessor Jurídico do CCTG.

Yara Sarmento é um espelho de alma na medida em que reflete todas aquelas qualidades e dons que gostaríamos de possuir. Bondosa, seriamente responsável, de posicionamentos firmes, companheira de bons e maus momentos. Yara é fonte inesgotável de alegrias e segurança para tantos que a conhecem, como eu, sejam considerados parte de seu círculo de amizades.

Enfim, Yara é, para todos nós, uma lenda, felizmente viva e real.

Regina Bastos – Atriz.

De todas as coisas que a Yara fez para o teatro, só houve uma que eu não gostei: ela abandonou o palco. Não a perdôo porque ela era minha referência.

Comecei profissionalmente em 1974 no Grupo Momento. Foi com Yara que tratei meu primeiro contrato. Fizemos "Maria Bueno" e "A Casa de Bernarda Alba", as duas com direção de Oraci Gemba. Yara era o meu "norte"; assim que eu como atriz peço: Yara querida, nos dê um presente: volte!!!!

Regina Vogue – Atriz. Produtora teatral. Militante cultural. E, por mérito, proprietária do espaço Teatro Regina Vogue.

Há 29 anos vivo em Curitiba. Fazendo um balanço de minha vida artística e pessoal, de tudo que me aconteceu de bom e de ruim, você Yara certamente foi uma das pessoas mais importantes na minha vida. Sempre foi minha amiga e conselheira, tanto na política cultural quanto na vida particular. Orientando, fortalecendo e sendo companheira. Seu respeito e reconhecimento pelo meu trabalho é notório e gratificante. Independente de seus futuros planos, seria bom que você não saísse da ativa nunca, embora, por merecimento, uma aposentadoria lhe fosse bem-vinda. Com toda sua história, você continua sendo uma militante imprescindível para a classe artística paranaense. Que você continue tão forte quanto nos ensinou a ser. Você me fez um bem incrível durante a vida toda. Sou grata e devo muito do que sou a você. Não esqueça nunca: A FAMÍLIA VOGUE TE ADORA! Obrigado por existir.

Renê Ariel Dotti – Advogado. Professor de Direito Penal da Universidade Federal do Paraná. Ex-secretário de Estado da Cultura.

Seria indelicado dizer que conheço Yara Sarmento há muito tempo. Direi que a conheço há algum tempo. Principalmente quando, na condição de secretário de Estado da Cultura (1987-1991), pude avaliar a sua imensa vocação para liderar movimentos em favor do teatro paranaense. A dinâmica líder estava substituindo a talentosa atriz. E interpretando muito bem esse novo papel com um grande número de personagens, quer dizer, de liderados.

Mas, para muito além de uma atividade meramente corporativa, Yara representou sempre o que havia de melhor como caráter, dedicação e pessoa humana.

Um depoimento sumário a respeito da vida iluminada e do trabalho fecundo de Yara Sarmento jamais poderia omitir a sua envolvente personalidade e a sua aprimorada educação.

Com carinho.

Rosirene Gemael - Jornalista.

Yara Sarmento, vida de artista.

A guerreira Yara Sarmento começou sua luta aos 5, 6 anos de idade. Aprendeu a preencher a ausência dos pais inventando causos, para uma bolinha que corria o corredor da casa onde vivia.

Aquela era a Antonina dos casarões cheios de histórias e fantasmas. Corredores enormes a separar quartos e a conduzir da sala à cozinha, e desta ao quintal, terreno de sonhos, terreno de pensar coisas da vida. O certo, o errado, a equanimidade.

Yara semeou histórias que mais tarde se transformaram em contos. E ao sabor da busca pela justiça, viraram textos e discursos a exigir direitos. Direitos. Direitos.

Yara continuou a batalha quando meninas que debutavam no Clube Curitibano como ela, estudavam balé apenas para serem finas, jamais para se tornarem bailarinas. Exibições cabiam às "profissionais", moças que não tinham família...

Aos 15 anos escancarava a paixão pela dança. Não o balé clássico, como previa a etiqueta, mas a sensual dança espanhola com a qual passou a se apresentar publicamente. As armas, agora, eram as castanholas, passos e movimentos de saias. Com eles Yara enfrentava Curitiba.

Bonita, articulada, perfeita dicção, logo Yara foi descoberta pela televisão. Atuou como garota propaganda, fez o programa Colégio de Brotos, dirigido por Sinval Martins, ao lado de jovens atores e músicos em nada parecidos com a tia que cantava no coro da

Igreja de Antonina, e estrelava saraus familiares. Participou de um programa sobre óperas e operetas comandado por Cícero Camargo de Oliveira e em teleteatro sob a direção do poeta e dramaturgo Glauco Flores de Sá Britto.

Nessa condição, Yara quebrou outro tabu: deu o primeiro beijo na boca, no vídeo, contracenando com Joel de Oliveira. Ah, a guerreira se viu enredada em verdadeiro escândalo. A moral e os bons costumes não perdoavam. Mas ela seguia em frente.

Assim que acabou o curso de Direito na UFPR, exigência familiar, guardou o diploma e foi para o Rio, em busca de horizontes mais amplos. Para a vida e para a arte. Não sem antes frequentar a noite curitibana.

Na época, nossa cidade tinha casas noturnas luxuosas, palcos de belos shows, só permitidas aos homens. Acompanhada pelos amigos da televisão, Yara frequentava as boates. Adorava assistir aos espetáculos. Foi uma das raras curitibanas a conhecer essa Curitiba da boêmia. Também foi uma das raríssimas curitibanas a assumir o homossexualismo naqueles idos tão hipócritas, tão preconceituosos.

No Rio e depois em São Paulo fez teatro, dublagem de filmes e até musical do Carlos Machado. Na televisão, contratada pela Globo, atuou em teleteatro, telenovelas e telejornalismo.

Durante o período brabo da revolução, Operação Bandeirantes, DOPS, Presídio Tiradentes, comendo soltos, Yara começou a usar o diploma de advogada, para dar assistência a amigos presos. Depois, como convinha à época, passou por um período de recolhimento em Antonina.

Abandonou temporariamente o palco e abriu um restaurante no Clube Náutico com Dudu Barreto Leite. E o tal restaurante virou ponto de encontro de artistas. Uma vitrine para os regionais que ali cantavam e expunham seus quadros.

De lá Yara veio a Curitiba e participou da criação do Grupo Momento de Teatro iniciando parceria com um dos mais importantes diretores teatrais paranaenses: Oraci Gemba. Com ele ajudou a escrever um dos mais importantes capítulos da história de nossas artes cênicas.

Yara contracenou com as melhores atrizes: Marília Pêra, Irene Ravache... Foi dirigida por Gemba, Sérgio Brito... Paulo Afonso Grisolli... Recebeu lista de prêmios como melhor atriz. Ajudou a construir a história da nossa dança, a história da televisão. E ajudou a divulgar os grupos de teatro paranaenses.

Assinando coluna no jornal "O Estado do Paraná", dava ênfase ao trabalho de grupos teatrais importantes mas considerados menores na época, como o Margem, de Manoel Carlos Karam, só reconhecidos bem mais tarde. Yara também exerceu política cultural. Quando Oraci Gemba assumiu a superintendência do Guaíra e ela a direção de artes, atuou na implantação da Orquestra Sinfônica do Paraná, na criação dos Cursos Superiores de Artes Cênicas e de Dança, em convênio com a Pontifícia Universidade Católica do Paraná....

Também pagou preço alto, altíssimo, por acreditar que é possível para um órgão público implementar uma política cultural. Nesse e em outros episódios, Yara brigava usando propostas, ideias, a oratória, enquanto os donos do poder serviam-se de expedientes muito mais poderosos. Gemba, por exemplo, acabou seus dias como funcionário burocrático do IPE - Instituto Paranaense de Previdência.

Funcionária do Centro Cultural Teatro Guaíra, desde 1983 Yara sabe qual a importância atribuída à cultura pelos nossos governantes. Conhece de perto a praga da descontinuidade, as ervas daninhas da ignorância e da vaidade. E também conhece a fundo a falta de união da classe artística.

Yara viveu a vida de artista no palco, na imprensa, nos bastidores, nos órgãos públicos e nas entidades de classe - outro capítulo, importantíssimo na vida da artista ativista.

Há 36 anos na militância cultural, através da APATEDEP e do SATED/PR, Yara se fez presente em todos os momentos que tinham por objetivo conceder dignidade e justiça à vida do técnico e do artista.

Desde a criação do Troféu Gralha Azul, ao anteprojeto da Lei que regulamenta a profissão de artista e técnico em espetáculos e diversão. Desde a criação do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões no Estado do Paraná – SATED/PR. em 1981, do qual foi presidente de 1988 a 1991, à criação em 1997, do Fórum das Entidades Culturais – Curitiba/PR.

Desde a participação em equipes elaboradoras dos anteprojetos das Leis de Incentivo à Cultura Municipal e Estadual, até o acompanhamento dia a dia, durante um ano e meio em Brasília como olhos e ouvidos dos trabalhadores junto à Assembleia Nacional Constituinte, em favor do nosso direito à cultura e à arte.

A vida de artista que de longe parece transpirar glamour e charme ainda é muito difícil. Já foi bem pior, é verdade, Yara que o diga. Histórias quase de terror se amontoam na lembrança de atores e atrizes. Ora recebiam cachês absolutamente mínimos, ora não recebiam nada, abandonados que eram por produtores em final de temporadas, em outras cidades, sem dinheiro nem para voltar para casa.

No início da Globo, os atores bancavam o próprio figurino, fosse em telejornais ou em novela.

Isso já não ocorre mais. Mas, volta e meia os espetáculos em cartaz nos teatros da cidade doam um dia de bilheteria para auxiliar o tratamento de saúde de um ator ou atriz.

Aconteceu com Mário Shoemberger. Aconteceu com Lala Schneider, quando teve aneurisma. Acontece sempre.

E é para dar dignidade aos personagens dessa história, que Yara não parou nunca sua louca batalha.

Rozana Fátima dos Santos — Diretora de produção. Ex-secretária do superintendente Oswaldo Loureiro. Ex-assessora e diretora de produção da secretaria executiva do Troféu Gralha Azul. Diretora de produção da Orquestra Sinfônica do Paraná.

O que falar de Yara, além de tudo que já foi dito, da amiga ímpar, dona de uma ética sem igual. A batalhadora pela classe, a mãe de todos, a defensora de todos. A amiga para todas as horas.

Como esquecer do maravilhoso tempo de trabalho juntas, dos grandes conselhos, das boas risadas e mesmo das horas não tão boas. A pessoa mais maravilhosa que eu já conheci.

Eu só posso falar que te amo muito.

Sidne Jeferson Gaspar – Ator. Dramaturgo. Diretor de produção. Administrador da Escola de Dança Teatro Guaíra.

"UM DIA A MERDA FLOTA, SIDNE". Essa frase, dita pela amiga Yara, num momento de uma discussão calorosa porém carinhosa, "bateu" a 300 km/h em meu cérebro e nunca mais saiu. Digo que naquele momento Yara me deu a maior consciência de meus atos quando de alguma tomada de decisão. Isso é verdade. Uma atriz que passei a admirar ainda quando aluno do Curso Permanente de Teatro do

Teatro Guaíra. Eu assisti quase toda a temporada de "Cinderela do Petróleo" só para ouvir a última palavra do espetáculo antes de fechar a cortina: "porra!". O público gargalhava e a aplaudia de pé.

Essa é minha amiga. Trabalho com Yara no Teatro Guaíra há mais de 28 anos e posso dizer de boca cheia que é a pessoa mais generosa, inteligente, justa e sempre correta em suas colocações. Em meus momentos tristes e alegres me aconselhava.

Sempre lembrou dos meus últimos 28 aniversários. Uma vez de volta de sua viagem ao Egito me presenteou não só com uma, mas com 04 esculturas em alabastro embrulhadas em algodão para não quebrar. Que amigo faz isso? Andar com esse peso nas mãos e com o rosto iluminado te oferecer e dizer "lembrei de você". Você faz falta naquela sala. Falta luz. Chaplin um dia disse: "Nós colhemos o que semeamos".

Valderez de Macedo Pacheco - Advogada na Defensoria Pública do Paraná.

Escrever ou falar sobre Yara é tarefa prazerosa, porque se trata de pessoa especial em nossos corações e vida!

Amiga de todas as horas e ocasiões, inspira e transmite seu carinho a todos que a procuram como conselheira nas questões existenciais, e conflitos dos relacionamentos humanos. Perfeita em tudo que se dedica a executar ou desempenhar.

Pessoa forte e sensível dispensa maiores comentários sobre sua riqueza espiritual e retidão de caráter. Ouvinte irrepreensível quando se trata de auxiliar nas dúvidas suscitadas.

Enfim, agradeço muitíssimo à Yara por ter encontrado o sincero e verdadeiro sentido da reciprocidade de uma amizade.

Abraços e beijos.

Vera Andrade – Ex-diretora administrativo-financeiro do CCTG.

Ela é o máximo. É uma privilégio ter uma amiga como Yara.

Verrinha Walflor - Empresária cultural.

Quando minha irmã e eu éramos crianças tínhamos como vizinhos a família da Yarinha, na cidade de Antonina. Ela tinha mais ou menos 8 aninhos de idade. Era uma criança também. Meus pais contam que sempre nos carregava no colo, brincava, cuidava de nós

duas, nos protegia. Imagine uma criança brincando de cuidar de duas crianças! Ela já era assim o que é até hoje: MÃEZONA!

Houve um hiato no tempo. Aos 20 e poucos anos comecei a trabalhar com ela. Que criatura maravilhosa, observava. Minha admiração era tanta que procurava, já na época, pesquisar o verdadeiro significado da palavra ética e chegava a conclusão que a palavra refletia a pessoa de Yara Sarmento. Não precisava de mais nada.

Que riqueza que herdei em tê-la como amiga. Quanto orgulho em saber que faço parte desse seu imenso amor.

Vitoria Arabela Sahão – Administradora de empresa. Assistente social. Exprofessora da Universidade Estadual de Londrina. Ex-coordenadora da Pró-Reitoria de Extensão e Ação Comunitária da Universidade Norte do Paraná. Exchefe de gabinete da diretora-presidente do Centro Cultural Teatro Guaíra – gestão Nitis Jacon. Relações institucionais/captação de recursos para projetos do CCTG.

Expressões com as quais Yarinha costuma brincar comigo, são lembranças de momentos hilários e outros mais sérios, de nossas tantas conversas: "mãe do Sultão", "me escuta, cã", "favorita do harém", "princesa fenícia". Essas, sempre acrescidas de primorosos adjetivos e interpretações.

Imagino que de todos que registraram suas lembranças e depoimentos, eu seja uma das amigas mais recentes, mas com a intensidade de sentimento e respeito que transcendem ao tempo que esta amizade tem.

Quando recém cheguei ao Teatro Guaíra, convidada a trabalhar no gabinete da presidência, eu, uma "pé vermelho" de Londrina, instalada num ambiente totalmente diferente às minhas convivências até então, Yara recebeu-me com atenção, e se dispôs a apresentar-me às questões da Casa. A partir daí fui descobrindo a "pessoinha" fumante, culta, humorada, chatinha também, sem ser incomodativa e dona de uma irreverência aguçada de extrema polidez (paradoxal, mas é verdade). Assim, você foi apresentando-se para mim! Descobri-a também combativa nas questões da militância cultural, até hoje engajada nas discussões e ações que fortalecem a classe artística! Seu arrojo e sua coragem merecem registros por viver além de seu tempo! A vida concedeu-lhe graça e você a desfruta! Com toda esta multiplicidade de vida e ainda protagonista de sua

história, nada mais justo que esses fatos sejam registrados. Yara é múltipla! Ela se reinventa e se enfrenta todos os dias.

Brinco, chamando-a de "Egiptóloga de Antonina", por conhecer seu encantamento pelo Egito.

Zeca Corrêa Leite – Jornalista. Contista. Dramaturgo. Poeta. Escritor. Ex-assessor de Imprensa do CCTG.

Acho por bem falar de Yara Sarmento assim: sem rascunho, sem pensar duas vezes, sem ficar pensando e pensando. Desse jeito espontâneo porque Yara - conforme meu olhar - é uma pessoa de uma claridade, de uma transparência como poucas no mundo. Ela tem uma coisa de coragem, de honestidade, integridade, bondade que chega a ser quase desumana - está além das amarras dos seres comuns. Com esse jeito doce e muitas vezes turrão, desenha-se uma alma de entrega, de luz. Assim eu vejo Yara Sarmento, sempre por inteira, plena, toda sentimento que se alimenta da sua verdade. Sem rascunho, sem definição, tão-somente Yara. Ela é.

Yara Chaves – Assessora do diretor administrativo-financeiro do CCTG.

Yara Sarmento é um exemplo a ser seguido pela nova geração do teatro paranaense.

O teatro paranaense deve muito à Yara Sarmento pelo seu incessante trabalho em prol do ator, e dos profissionais ligados às artes cênicas do estado do Paraná.

Waltraud Sékula – Artista plástica. Coordenadora geral do Fórum das Entidades Culturais – Curitiba/PR. Militante cultural. Ex-presidente da Associação dos Artistas Plásticos do Paraná.

Falar de ti - pura ousadia!

Vejo em ti duas mulheres vitoriosas que se complementam: a MULHER ATRIZ - dos palcos, telas, aplausos e *glamour*; e a MULHER CABEÇA - informada, centrada, engajada nas lutas de classe, pelo coletivo, pela cultura.

Em ti o cultivo do conhecimento ultrapassa o cultivo das vaidades - conquista dos sábios.

Musa inspiradora - me dás a escola, és meu espelho...

Yara: "Aplaudo sempre e de pé você DIVA, você exemplo de ser humano".

A seguir cenas dos próximos capítulos.....